

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JEILSON FREITAS DE SOUZA EZIDIO

A MÚSICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DA GEOGRAFIA DO BIOMA
PANTANAL

AQUIDAUANA, MS

2019

JEILSON FREITAS DE SOUZA EZIDIO

A MÚSICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DA GEOGRAFIA DO BIOMA
PANTANAL

Dissertação apresentada como exigência do Curso de
Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Profa. Dra.
Vicentina Socorro da Anunciação.

AQUIDAUANA, MS

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

JEILSON FREITAS DE SOUZA EZIDIO

A MÚSICA COMO METODOLOGIA DE ENSINO DA GEOGRAFIA DO BIOMA
PANTANAL

Dissertação apresentada como exigência do Curso de
Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof.^a. Dra.
Vicentina Socorro da Anunciação.

Resultado: _____

Aquidauana, MS, ___ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dr. Vicentina Socorro da Anunciação.
UFMS

Prof. Dr. Vivina Dias Sol Queiroz
UFMS

Prof. Dr. Maria do Socorro Ferreira da Silva
FAENG/UFMS

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo estabelecer a música como metodologia do ensino da geografia, analisar a música regional como metodologia lúdica eficaz no ensino e aprendizagem da Geografia do bioma Pantanal. As reflexões apresentadas neste trabalho foram desenvolvidas a partir de três procedimentos metodológicos: pesquisa documental e bibliográfica; levantamento de músicas do cancionário popular regional cujas letras expressam conteúdos geográficos sobre o bioma Pantanal que desencadearam a criação de arranjos para as músicas escolhidas; informações extraídas a partir da observação e co-participação do pesquisador e demais sujeitos envolvidos no processo a ser investigado com vista a promover o debate sobre fatores que envolvem o ensino-aprendizagem do bioma Pantanal nas aulas de Geografia por meio de atividades práticas desenvolvida na realização da pesquisa. Na pesquisa documental e bibliográfica foi realizado levantamento de referenciais teóricos que versam sobre métodos e técnicas de ensino da geografia, bioma Pantanal, consulta a documentos normativos do Ministério da Educação e Cultura, Secretaria Estadual de Educação e Secretaria Municipal de Educação sobre a música e ensino na educação básica, registros históricos e documentais sobre a Escola Municipal Erso Gomes, programas de assistência social bem como o Projeto Político Pedagógico da instituição envolvida na pesquisa. Pretende-se que os resultados Advindos desse estudo convertam-se em instrumentos metodológicos diversificados do trabalho docente, especificamente do professor de Geografia, como suporte à reflexão e produção de recursos didáticos facilitadores do ensino sobre a realidade local. À guisa de conclusões, observamos que a utilização da música revelou-se eficaz como prática metodológica facilitadora do ensino da Geografia, tanto para o professor quanto para o aluno.

Palavras chave: Praticas Pedagógicas, Paisagem, Sul - Matogrossense

ABSTRACT

The present work aimed to establish music as a methodology for teaching geography, to analyze regional music as an effective playful methodology in teaching and learning the geography of the Pantanal biome. The reflections presented in this work were developed from three methodological procedures: documentary and bibliographic research; survey of songs of the regional popular songbook whose lyrics express geographic content about the Pantanal biome that triggered the creation of arrangements for the chosen songs; information extracted from the observation and co-participation of the researcher and other subjects involved in the process to be investigated with a view to promoting the debate on factors involving the teaching and learning of the Pantanal biome in geography classes through practical activities developed in the realization of research. In the documentary and bibliographic research was carried out a theoretical reference survey that deals with methods and techniques of teaching of geography, Pantanal biome, consultation of normative documents of the Ministry of Education and Culture, State Department of Education and Municipal Secretariat of Education about music and teaching. in basic education, historical and documentary records about the Erso Gomes Municipal School, social assistance programs as well as the Pedagogical Political Project of the institution involved in the research. It is intended that the results from this study become diversified methodological instruments of teaching work, specifically the teacher of geography, as a support for reflection and production of didactic resources that facilitate teaching about the local reality. By way of conclusion, we observed that the use of music proved to be effective as a methodological practice that facilitates the teaching of geography for both teacher and student.

Keywords: Pedagogical Practices, Landscape, South - Matogrossense

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Editor de Partituras Sibelius/Avid versão 7.5.....	20
FIGURA 2 - Programa Encore – Editor de Partituras.....	21
FIGURA 3 - Localização da Escola Municipal Erso Gomes Bairro Santa Terezinha, em Aquidauana– MS.....	26
FIGURA 4: Planta Baixa Escola Municipal Erso Gomes.....	28
FIGURA 5 - Regiões Atendida pela Escola Municipal Erso Gomes.....	31
FIGURA 6 - Recorte e colagem - Paisagem Natural/Cultural.....	62
FIGURA 7 - Desenhos elaborado pelos alunos da Escola Municipal Erso Gomes Fauna Pantaneira.....	63
FIGURA 8 - Instrumentos típicos do Pantanal.....	69
FIGURA 9 - Divisão dos Pantanaís com respectivas bacias hidrográficas.....	70
FIGURA 10 - Percurso aula de campo Estrada Parque Piraputanga.....	81
FIGURA 11 - Aula à campo: Estrada Parque Piraputanga - Aquidauana MS....	83
FIGURA 12 - Aula de Campo Rio Taboco.....	84
FIGURA 13- Elementos da Pasaigem-Pantanal.....	85
FIGURA 14- Painel e Maquete confeccionado pelos alunos.....	86
FIGURA 15 - Noite Cultural Pantaneira E.M. Erso Gomes.....	87
FIGURA 16 - Mosaico de fotos: Noite cultural Pantaneira	89
FIGURA 17 - Domínios Morfoclimáticos do Brasil.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Representando e cantando o bioma Pantanal em sala de aula.....	22
Quadro 2: Ensino Fundamental I	50
Quadro 3: Ensino Fundamental II	51
Quadro 4: Ensino Médio	52
Quadro 5: Matriz curricular- Ensino Fundamental- Área urbana e distritos	55
Quadro 6: Ensino Fundamental I e II.....	56
Quadro 7: Peças musicais apresentadas	88
Quadro 8: Caracterização da letra Aquarela do Brasil	97
QUADRO 9: Caracterização da letra da música Ciranda Pantaneira	99

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: Climograma	97
------------------------------------	-----------

SUMÁRIO

1 -INTRODUÇÃO	10
2 -O TEMA DA PESQUISA	12
2.2 – Relevância	12
2.3.Justificativa	13
2.4- Hipótese	15
2.5-Objetivos	16
2.5.1Objetivo geral	16
2.5.2Objetivos específico	16
2.6-Procedimento metodológico e método de análise	16
3-LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE APLICAÇÃO DA PESQUISA	25
4- RECORTES TEÓRICOS E BASES CONCEITUAIS NORTEADORES DA PESQUISA	32
4.1 Os Aspectos Socioambientais do Bioma Pantanal e a Relação no Ensino da Geografia.....	36
5- ENSAIOS ANALÍTICOS DA HISTÓRIA DA INSERÇÃO DA MÚSICA NA ESCOLA.....	39
5.1- Breve panorama do Ensino da Música nas escolas públicas da rede Estadual de ensino no Estado de Mato Grosso do Sul	49
5.2- Breve relato do ensino da música na rede municipal de ensino no município de Aquidauana-MS.....	55
6- A MÚSICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA DO BIOMA PANTANAL COM ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL ERSO GOMES.....	60
7- SEQUENCIAS DIDÁTICAS PARA TRABALHAR EM SALA DE AULA O PANTANAL DE AQUIDAUANA.....	91
8 -CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	118
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	124
ANEXO 1 – Arranjo - Partitura das músicas regionais.....	108

1-INTRODUÇÃO

Sob a Geografia escolar recai uma ótica de disciplina enciclopédica, permeada de memorização de conceitos, nomes de rios, Estados, ou simplesmente mais um componente curricular. Essa diversidade de olhar pode estar intrínseca na ineficácia da introspecção no aluno acerca da importância dos conhecimentos geográficos nas suas práticas. No entanto, a Geografia está implícita e explícita na vida de das pessoas a todo o momento.

De acordo com Moreira (1986, p.58), “a geografia é um saber vivido e aprendido pela própria vivência que pode servir para tornar os homens cidadãos esclarecidos, ou servir para aliená-los”.

Contudo, ensaios reflexivos sobre o ponto de vista a respeito da disciplina Geografia, possibilita inferir que as expressões podem estar associadas a uma diversidade de fatores que perpassam desde as metodologias aplicadas, a falta de recursos práticos e financeiros, tempo para o docente programar intervenções em aula de natureza dinâmica até o cumprimento de cronogramas. Dessa forma as estratégias de ensino utilizadas em sala acabam não envolvendo os alunos na produção do conhecimento, cujas aulas são expositivas, o professor acaba assumindo o papel de transmissor do conhecimento e o aluno, como mero receptor de informações.

Dessa forma, para tornar o saber geográfico cada vez mais instigante, desafiador, despertando o interesse dos alunos, teóricos como Haetinger, Teixeira, Krasilchik dentre outros, evocam como bom êxito, a inserção do lúdico na prática docente, podendo ser elencado como todas as metodologias que promovem a aprendizagem de forma dinâmica e prazerosa, através da utilização de linguagens diferenciadas como jogos, músicas, atividades práticas, entre outros.

Para Haetinger (2008), as atividades lúdicas são aquelas que possuem caráter de integração e interação, que promovem a imaginação e implica transformações do sujeito ao seu objeto de aprendizagem. Para Teixeira (1995) acrescenta que as atividades lúdicas são metodologias que utilizam recursos que contribuem para a mobilização de esquemas mentais, estimulam o senso crítico e acionam as esferas motoras, cognitivas

e afetivas dos seres humanos. Krasilchik (2005), reforça que o lúdico traz a emoção para sala de aula, um sentimento que favorece a formação de memórias em longo prazo, o tipo de memória necessária para que haja a aprendizagem significativa.

Diante deste contexto esta pesquisa traz em seu bojo reflexões acerca do ensinar geografia buscando no lúdico especificamente o recurso pedagógico música versando sobre o Bioma Pantanal à cognição do conhecimento geográfico. Na análise de Kong (2009) a música pode ser uma fonte para se compreender o caráter e a identidade dos lugares. Indo dessa forma de encontro com os anseios desta pesquisa.

Propondo a música como metodologia do ensino da Geografia, o trabalho foi organizado em sete capítulos:

A primeira parte do trabalho é composta pela apresentação do tema da pesquisa, versando sobre a sua relevância como pesquisa educacional e a justificativa para a realização de um estudo desta natureza, além de enumerar alguns questionamentos que envolvem a Música no ensino da Geografia.

A segunda parte se refere ao tema da pesquisa; Relevância; Justificativa; Hipótese; Objetivos e os procedimentos metodológicos utilizados para a realização do trabalho e aos métodos de análise;

Na terceira parte, localização da área de aplicação da pesquisa; Breve histórico da Escola Municipal Erso Gomes;

O capítulo quatro recortes teóricos e bases conceituais norteadores da pesquisa;

O capítulo cinco versa sobre ensaios analíticos da história da inserção da música na escola; um Breve panorama do Ensino da Música nas escolas públicas da rede Estadual de ensino no Estado de Mato Grosso do Sul e um breve relato do ensino da música na rede municipal de ensino no município de Aquidauana-Ms;

O capítulo seis aborda música no ensino da geografia do bioma pantanal com alunos da escola municipal Erso Gomes; e as sequencias didáticas e sugestões metodológicas são enfatizadas no capítulo sete.

2-O TEMA DA PESQUISA

A dimensão que envolve o ensinar a Geografia associado a ausência da aplicação de metodologias alternativas em sala de aula, acarreta um distanciamento entre o componente curricular e a realidade do aluno desencadeando nestes sujeitos o desinteresse pelas aulas, sobretudo, a consciência da importância da presença do conhecimento geográfico no seu cotidiano.

Remetendo a essa temática Kaercher (2001 p.69), enfatiza que:

“Não é por acaso, que a maioria de nós se lembra das aulas de Geografia como algo extremamente enfadonho e desinteressante, porque a única qualidade que se exigia do aluno era uma boa capacidade de memorizar nomes de acidentes geográficos, não raro de locais muito distantes, até da imaginação do aluno”.

No entanto, existem vários vieses de ensino da Geografia. A dinamicidade pode ser coesa com o emprego de atividades prático-lúdicas possibilitando formas prazerosas de aprender Geografia, bem como outras disciplinas sedimentando um conhecimento contextualizado a realidade vivida pelo educando, estimulando novas habilidades.

Assim constitui-se como tema deste estudo a inserção da prática lúdica, representada pela música, como instrumento no processo de consolidação do conhecimento do componente curricular Geografia na educação básica, especificamente para o bioma Pantanal.

2.1- Relevância

De acordo com Piletti (2007), aprendemos 11% através da audição e 83% através da visão, sendo que no decurso de três dias retemos 65% do que vemos e ouvimos, 70% do que ouvimos e logo discutimos e 90% daquilo que dizemos e logo a seguir realizamos, dessa forma, a utilização de práticas pedagógicas que facilitem o processo de aprendizagem e estimulem a participação dos educandos vem a cada dia sendo incorporado ao ensino da Geografia.

Assim é possível destacar a importância que o lúdico traz no processo de ensino e aprendizagem, no sentido de promover a submersão do aluno ao conhecimento.

Referindo-se a utilização da música na sala de aula como uma ferramenta auxiliar no ensino de geografia, Pinheiro (2012, P. 105) nos adverte que:

A educação da Geografia através da música proporciona a vivência da linguagem musical como um dos meios de representação do saber construído pela interação intelectual e afetiva do homem com o meio ambiente, pois a interação natureza-sociedade faz parte do cotidiano de todos os seres humanos do planeta (COSTA apud PINHEIRO, op. cit. p. 105).

Ensinar a Geografia do bioma Pantanal através da música desvenda ao educando características locais, uma vez que estão contidos nas letras da música regional aspectos sócio cultural, econômico, ambiental, físicos do espaço. Assim a análise, a interpretação, audição e execução da música com os alunos proporciona o reconhecimento das peculiaridades do lugar focado.

Nesse sentido a relevância desse estudo bem como sua importância no contexto social é de trazer uma contribuição significativa sobre metodologia de ensino da geografia a partir da realidade local em consonância com a identidade de um povo, uma vez que os elementos inseridos no cotidiano da localidade estão expressos nos versos da música.

2.2- Justificativa

No decorrer do tempo a ciência Geográfica bem como a Geografia escolar, vem trazendo denotações como descritiva, memorização, recebendo pejorativas depreciações pelos alunos, carecendo dos professores metodologia distintas do que costumeiramente é aplicado no intuito de estimular o interesse dos educandos por demanda dos conteúdos inerentes a disciplina de Geografia.

Contudo de acordo com Kaercher (2000), “a tendência “classificatória” no ensino de geografia, evidentemente, não é exclusividade e nem invenção do professor! (Portanto, calma, nada de culpa!) É uma construção histórica das ciências que se constituiu ao longo dos séculos XVII e XIX”.

No entanto é importante que sejam adotadas metodologias que possibilitem a associação entre teoria e prática, no sentido de desmistificar esse paradigma. Pois, documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de geografia do ensino fundamental (1998, p.26) enfatiza que “A Geografia é uma área de conhecimento comprometida em tornar o mundo compreensível para os alunos, explicável e passível de transformações”. Dessa forma, cada vez mais torna imperiosa a inserção de ações que potencializa a dinâmica de ensino pelo professor tornando-a acessível ao aluno, dada a sua função social.

Assim atividades lúdicas, como a música, contribuem de forma significativa na dinamização e na aproximação dos conteúdos teóricos trabalhados nas aulas de geografia com a realidade discente.

Desde que Fröebel (1810) propôs a música como recurso pedagógico, ela vem sendo utilizada na educação escolar, justamente por aliar os aspectos lúdicos e cognitivos. (BERTONCELLO e SANTOS, 2002, p.137).

Além disso, instrumentos legais como a Lei Nº 11.769 sancionada em 18 de agosto de 2008, estabelecendo a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica propondo que as escolas devem ensinar música dentro de um contexto abrangente e formativo. “[...] a música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular [...]” (BRASIL, 2008a).

Dessa forma, partindo do pressuposto da importância dos estudos geográficos nos aspectos regional e local sobretudo no bioma Pantanal, bem como nos processos de ensino e aprendizagem nas aulas de geografia usando como recurso metodológico de ensino música, é que surgiu essa proposta de pesquisa, pois acredita que este mecanismo didático, possibilita viajar por suas letras, estudar a paisagem, os aspectos físicos do meio, a cultura, os costumes, fazer análise significativas de temáticas sociais, étnicas, do ambiente, do espaço geográfico onde o aluno está inserido, o Pantanal.

Nesse sentido, contribuir com a dinamização das aulas de geografia através do desenvolvimento de metodologias de ensino para serem inseridas na prática docente, estabelecendo a reflexão, produção de recursos didáticos ancorados numa realidade

local, implementando iniciativas onde o aluno pode ser o protagonista, o sujeito construtivo no desenvolvimento de práticas pedagógicas efetivas para o oferecimento de uma educação de qualidade, para a formação humana integral e, sobretudo, para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a sociedade, a organização do espaço, a dinâmica socioambiental num espaço que ele pertence, transfigurando-o num ator social ativo crítico.

2.3. – Hipótese

Analisando o processo da busca de novos mecanismos de ensino e aprendizagem no ensino da Geografia, é perceptível a importância do uso do lúdico, especificamente a música como instrumento de fortalecimento do vínculo do aluno e professor para estudar os conceitos de paisagem natural e cultural e suas relações socioespaciais com a música regional de cancioneros locais. Neste sentido, a partir da análise proposta neste trabalho, são enumerados alguns questionamentos a respeito da música como recurso metodológica no ensino da Geografia do bioma Pantanal.

Assim guia este estudo as seguintes indagações: constitui-se a utilização da música, eficaz nas práticas metodológicas do ensino da Geografia? A utilização racional e sistemática dessa metodologia, cria situações em que o aluno sente atraído pelas propostas de ensino do professor? O estudante sente segurança para expor suas impressões sobre temáticas debatidas na aula? A música regional sul mato-grossense que traz em seu bojo alusões ao bioma Pantanal constitui-se como recurso didático pedagógico eficiente para o ensino da Geografia sobre esse biótopo?

Dessa forma, constitui como hipótese central desse trabalho: a utilização da música regional como proposta metodológica para estudar o bioma Pantanal, nas práticas de ensino de Geografia em sala de aula é um recurso didático eficaz na construção do conhecimento e desperta o interesse do aluno pelo componente curricular desenvolvendo suas habilidades e competências geográficas sendo favorável em suprir a carência de recursos didáticos para ensinar tal temática.

2.4- OBJETIVOS

2.4.1 Objetivo geral

Analisar a música regional como metodologia lúdico eficaz no ensino e aprendizagem da Geografia do bioma Pantanal.

2.4.2 Objetivos específicos

Identificar na letra da música regional características do bioma Pantanal.

Refletir a partir da letra da música aspecto socioambiental crítico e denunciador da realidade socioespacial do bioma Pantanal.

Utilizar a música em sala de aula como recurso didático de ensino e aprendizagem sobre o bioma Pantanal.

Apresentar uma proposta metodológica de ensino utilizando música e o bioma Pantanal.

2.5 - Procedimento metodológico e método de análise

Com o propósito de obter resultados a partir dos objetivos traçados, o trabalho buscou ancorar-se numa revisão bibliográfica, com intuito de conceituar e caracterizar metodologia de pesquisa, categorias de análise geográfica, bioma, o lúdico, bem como sua importância não só para o professor, mas também para o aluno no processo de ensino e aprendizagem da geografia de uma forma geral e particularmente sobre o bioma Pantanal.

Autores como Santos (2006), *Marconi e Lakatos (2003)*, Gil (2002), Lopes e Pontuschka (2009), Callai (2001), Assumpção (1988), Ab' Sáber (1988,2005), Kaercher (2000), Moreira (1986), Teixeira (1995) são núcleo teórico estruturante, norteadores desse estudo. Dessa forma foi realizado levantamento e análise bibliográfica de pesquisas em livros, teses, dissertações e artigos versando sobre a base teórica conceitual necessária para esse estudo bem como sobre a utilização da música no

processo de ensino de aprendizagem e sua contribuição como recurso didático específico para atender a demanda pedagógica que se quer trabalhar nas aulas de Geografia.

Dessa forma o presente estudo trilhou por três vertentes de análise: pesquisa - ação, estudo do meio e metodologia ativa por acreditar que tais vieses de investigação proporcionam para aluno, professor e pesquisador o contato direto com objeto da pesquisa, além disso, se presume que numa atuação com o propósito de ensinar deve ser pensado na perspectiva do aluno.

Podemos inferir que a realização do estudo do meio possibilita resultados satisfatórios no processo de ensino e aprendizagem proporcionando aos atores envolvidos no processo o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a temática abordada, como advertido por Pontuschka Paganelli e Cacete (2007, p. 175-176):

[...] esse método pode proporcionar aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social. Seja no lugar em que o aluno mora, seja em lugar distante, o contato com uma paisagem pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve.

Fortalecendo esse ideário, a inserção da metodologia ativa inclui o estudante no centro do processo de aprendizagem, sujeito histórico construindo o conhecimento a partir de suas experiências, saberes e opiniões, como salientado por Bastos (2006, apud Berbel, 2011p. 270).

[...] o método ativo é um processo que visa estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante para pesquisar, refletir e analisar possíveis situações para tomada de decisão, sendo o professor apenas o facilitador desse processo.

Esse paradigma também é contemplado na abordagem metodológica pesquisa – ação, uma vez que promove interação entre o pesquisador, sujeitos coadjuvantes e objeto de estudo, convertendo num processo de aprendizagem para todos os atores sociais envolvidos no processo através da participação e reflexão coletiva. De acordo com Engel (2000, p. 182):

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva” [...] isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta.

Renomados autores e pesquisadores exprimem definições buscando a compreensão da metodologia científica, nos aspectos da classificação, perspectivas, estratégias bem como procedimentos específicos. Nesse estudo, do ponto de vista da classe, da abordagem, da natureza, dos objetivos, dos procedimentos da pesquisa tomou por base os autores GIL (2002), MARCONI e LAKATOS, (2003), ALVES, (2008). De acordo com Gil (2002, p.176) as classes de pesquisa são:

[...] é possível classificar as pesquisas em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas. [...] pesquisa exploratória têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias, ou a descoberta de intuições. [...] pesquisa descritiva são as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática [...] pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Nesse sentido, esse trabalho pode ser categorizado como pesquisa descritiva e exploratória, de natureza aplicada e abordagem qualitativa cujo objetivos são exploratórios, descritivos, explicativo. Tangencia procedimentos bibliográfico, documental e experimental. Versa sobre a metodologia de ensino música no processo de ensino e aprendizagem da Geografia do bioma Pantanal procurando salientar fatores/situações que determinam ou até mesmo influenciam na utilização da pratica metodológica canção no ambiente escolar envolvendo alunos e professores.

Toda investigação científica, demanda uma diretriz visando examinar uma dada problemática, que por sua vez, é conhecido como o método de análise. Em consonância com Alves (2008, p. 229), o método “é um instrumento organizado que procura atingir resultados estando diretamente ligado à teoria que o fundamenta”.

Assim, esta pesquisa partiu do método hipotético dedutivo com interação de análise dialética, através da discussão em relação aos resultados alcançados, pois busca através de hipóteses levantadas, e por dedução chegar à compreensão do que factualmente ocorre dentro de uma realidade, conforme apontado por Marconi e Lakatos (2003, p.106)

Método hipotético-dedutivo - que se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese.

Para efetivação da pesquisa, sucedeu em primeiro lugar um contato com a gestão e coordenação da escola, para solicitar autorização e informar sobre as intenções do projeto bem como o desencadeamento das ações práticas, verificar o quantitativo de professor de geografia atuando em sala de aula e solicitar autorização para estabelecer um contato direto com o mesmo para explanar e programar os procedimentos e intervenções da pesquisa e a partir dele contactar os alunos.

O público alvo da pesquisa envolveu o professor de geografia e os alunos do ensino fundamental II, da Escola Erso Gomes da rede Municipal de ensino na cidade de Aquidauana e integrantes da Banda Marcial. O universo pesquisado foi composto por um quantitativo de 1 professor do gênero feminino e 30 alunos sendo 12 do gênero feminino e 18 do gênero masculino que estudam nas seguintes séries 01 (um) aluno do terceiro ano, 06 (seis) alunos do 6º ano, 08 (oito) alunos do 7º ano, 8 (oito) alunos do 8º ano, 04 (sete) alunos do 9º ano. as ações foram realizadas no contra turno do período de aula dos estudantes. O recorte espacial selecionado para o estudo se refere ao bioma Pantanal, sobretudo o Pantanal de Aquidauana e o recorte temporal transcorreu no período compreendido do mês de maio de 2017 ao mês de dezembro de 2018.

As reflexões apresentadas nesse trabalho foram obtidas a partir de três situações: pesquisa documental e bibliográfica; levantamento de músicas do cancioneiro popular regional em que as letras expressam conteúdos geográficos sobre o bioma Pantanal associado a criação de arranjos para as músicas escolhidas; informações extraídas a partir da observação e co-participação do pesquisador e demais sujeitos envolvidos no processo a ser investigado na perspectiva de debater sobre fatores que envolvem o ensino da Geografia do bioma Pantanal e aplicação de atividades práticas.

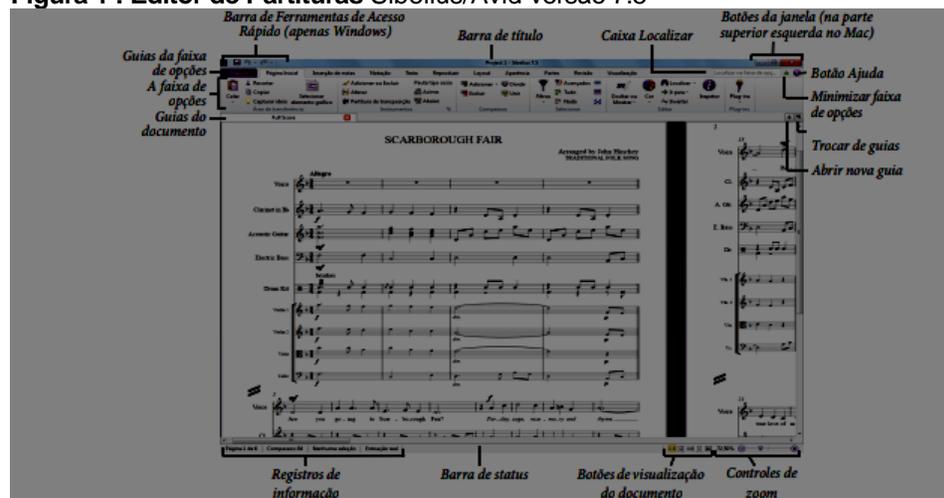
Na pesquisa documental e bibliográfica foi realizado levantamento de referenciais teóricos que versam sobre métodos e técnicas de ensino da geografia, bioma Pantanal, consulta a documentos normativos do Ministério da Educação e Cultura, Secretaria Estadual de Educação e Secretaria Municipal de Educação sobre a música e ensino na educação básica, registros históricos, documentais sobre a Escola Erso Gomes,

programas de assistência social bem como o Projeto Político Pedagógico da instituição envolvida na pesquisa. As informações sobre a configuração sócio-espacial da área de abrangência e entorno da escola foram extraídas da Secretaria Municipal de Planejamento Habitação e Urbanismo.

Na análise da música regional como metodologia de ensino e de aprendizagem da Geografia do bioma Pantanal, foi realizado um levantamento e listagem do repertório musical tratando do bioma Pantanal, sucedendo a seleção das músicas intituladas: Trem do Pantanal, Comitiva Esperança, Boiadeiro Errante, Ciranda Pantaneira, Chalana. A opção por eleger e utilizar esta coletânea musical no estudo, está relacionado as inferências que seu texto traz de aspectos humanos e físicos do bioma Pantanal possibilitando associações com os conteúdos de Geografia para ensinar sobre o ecossistema no Estado de Mato Grosso do Sul como também no município de Aquidauana.

Para a produção dos arranjos musicais e das partituras presentes no trabalho (sequencia didática número 3 capítulo 7), foi utilizado o *software* de notação musical Sibelius/Avid (Figura 1) versão 7.5 por ser uma ferramenta para músicos, compositores, professores e estudantes de música uma vez que oferece opção de criação, edição e execução de partituras.

Figura 1 : Editor de Partituras Sibelius/Avid versão 7.5



Fonte: Guia de Referência Sibelius

Para transcrever a melodia e editar a composição foi executado o software profissional encore (Figura 2) versão 4.5 destinada a musicistas que precisam transcrever e editar composições.

Figura 2: Programa Encore – editor de Partituras



Fonte: ABEM - Associação Brasileira de Educação Musical

Para a aplicação desse estudo, após contato com a gestão escolar e professor foi exigido um plano de atividades conforme (Quadro 1), no intuito de oficializar as ações na instituição, envolver pais ou responsáveis pelos discentes bem como a gestão municipal em apoio a logística. Além disso, estendeu convite a todos os alunos das series finais da educação básica, dos quais os que dispuseram a participar do projeto se integraram a Banda Marcial da escola.

Quadro 1- Representando e cantando o bioma Pantanal em sala de aula

Título: Representando e cantando o bioma Pantanal em sala de aula						
Conteúdo	Série	Objetivos	Tempo estimado	Material necessário	Desenvolvimento	Avaliação
Biomass brasileiros Bioma Pantanal	6º ao 9º ano	<p>Conhecer e reconhecer as principais características dos biomas brasileiros.</p> <p>Identificar e compreender a distribuição configuração e características do bioma Pantanal</p>	36 horas aula	<p>Mapa da divisão política do Brasil e dos biomas brasileiros. Textos e imagem sobre as características dos biomas. Livros, internet, cartolina, canetinhas e lápis de cor.</p> <p>Pendrive; notebook; Data show; vídeo, caixa de som; Letra e áudio da música, instrumentos musicais de percussão e melódicos, ônibus, mapas do bioma Pantanal</p>	<p>Aula expositiva dialogada. Indagar o que os estudantes sabem sobre bioma e se conhecem as características. Anotar as percepções da turma no quadro e recomendar registro no caderno. De posse de cópia do mapa político do Brasil os estudantes indicam onde fica cada bioma citado. Depois, distribuir cópia do mapa dos biomas. Comparar com a marcação realizada no mapa anterior. Conversar sobre: o clima, a vegetação, a fauna, de cada local. Registrar as observações dos alunos no quadro e caderno. Ler com a turma o texto sobre os biomas, esclarecer dúvidas e explorar as imagens de cada local. Em grupos, escolher um bioma para representar num cartaz informativo baseado nas próprias anotações e informações do texto. Ilustrar com desenhos inspirados nas imagens de referência. Dar ênfase ao bioma Pantanal: fauna, flora, recursos hídricos, cadeia produtiva do agronegócio, aspectos físicos, sociais.</p> <p>Distribuir cópia da letra da música e realizar a leitura, identificar, comentar e debater os elementos geográficos do bioma Pantanal existente na letra da canção, posteriormente ouvir a canção. Partindo do pressuposto do estudo do meio, realizar aula de campo em áreas que representam características do bioma Pantanal com o intuito de capturar imagens, inventariar os elementos que compõem a produção do espaço geográfico, a paisagem e as interferências materializadas no espaço.</p> <p>Anotar todas as informações no caderno de campo cumprindo um roteiro e cronograma das atividades a serem desenvolvidas durante a pesquisa de campo, associando aos textos, letras de música e mapas de apoio previamente selecionados. Além disso, o aluno poderá também fazer registros de anotações, croquis que contempla sua percepção do espaço investigado. De volta na sala de aula fazer um espaço de diálogo sobre as informações e materiais coletados, sistematizar, selecionar e produzir um painel e maquete. Executar com a banda de percussão as músicas selecionadas que versam sobre o Pantanal.</p>	Planejamento, organização e apresentação na escola: Noite Cultural Pantaneira.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Após cumprimentos de protocolos, transcorreu um reconhecimento prévio da área pelo pesquisador, selecionando lugares específicos para visita e deu início a reflexão individual e coletiva sobre a temática a ser estudada. Foi distribuído a cada membro um caderno com o roteiro e o cronograma das atividades a serem desenvolvidas durante a pesquisa textos e mapas de apoio, esclarecido que esse instrumento para anotações, desenhos, croquis e demais registros deveria acompanhá-lo por todo momento, desde o início da execução do trabalho até a culminância da noite cultural.

Com aula teórica dialogada sobre os biomas brasileiros e enfatizando o Pantanal os estudantes foram estimulados a expressar seus conhecimentos sobre o tema destacando as características e representando em mapa a localização, produzindo a partir desse espaço de diálogo e debate representações sobre o objeto estudado.

Num segundo momento foram realizadas leitura e audição de músicas regionais e debatido sobre as informações geográficas sobre o bioma Pantanal inerentes neste recurso. Na terceira fase do estudo foi realizada aula de campo em áreas que representam características do bioma Pantanal, capturado imagens, inventariado os elementos que compõem a produção do espaço geográfico, a paisagem, aspectos social, econômico, cultural, ambiental e as intercorrências materializadas.

Na quarta etapa, de volta a sala de aula, foi realizado uma roda de conversa sobre as informações, materiais coletados, sistematizando, selecionando principais ideias e produzindo um painel e maquete sobre o bioma Pantanal.

No quinto período foi executado com a banda de percussão as músicas selecionadas que versam sobre o Pantanal com sucessivos ensaios. Culminando o sexto estágio com a apresentação e exposição de todo o material produzido na pesquisa em uma noite cultural para a comunidade escolar.

Neste sentido transcorreu todo os ciclos realizados na pesquisa procurando através da participação engajada de todos os sujeitos estimular a

autoaprendizagem, diversidades de olhar crítico e investigativo sobre o bioma Pantanal.

3-LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE APLICAÇÃO DA PESQUISA

O projeto de ensino: representando e cantando o bioma Pantanal em sala de aula, vinculado nessa proposta de estudo versando sobre o ensino da geografia do bioma Pantanal tendo como metodologia a música foi desenvolvido na escola Municipal Erso Gomes, localizada no Bairro Santa Terezinha na cidade de Aquidauana, Estado de Mato Grosso do Sul (Figura 3).

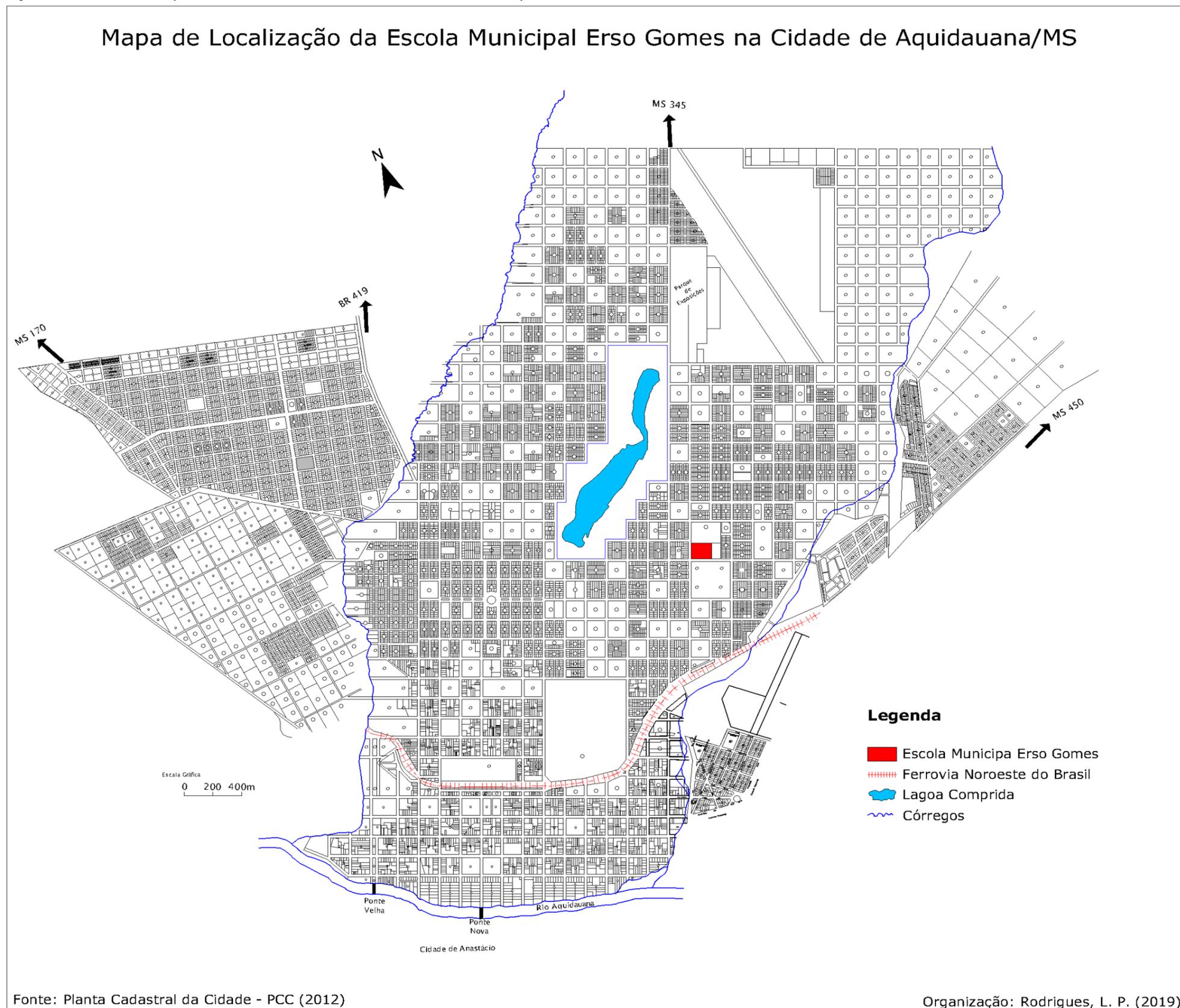
O ato de criação da instituição Municipal de ensino Erso Gomes é datado de 02 de junho de 1988 de nº 1.100 sob a gestão do Prefeito Engenheiro Cristóvão de Albuquerque Filho, e Secretária Municipal de Educação Professora Iara Quelho de Castro.

O nome do estabelecimento de ensino é originário de homenagem prestada ao senhor Erso Gomes, proprietário e doador do terreno com área total de 6.000 m² onde a escola encontra-se instalada, rua Oscar Trindade de Barros, S/N, bairro da Santa Terezinha, neste Município.

No ato de sua fundação a escola denominava-se “Escola de Pré-escolar Bairro da Serraria” e prestava atendimento ao ensino pré-escolar, fim para o qual foi originada, no ano de 1987. Na atual conjuntura conta com o quantitativo de 639 alunos matriculados estando em vigor os três períodos, sendo que no intervalo matutino e vespertino funciona a educação básica I e II e no estágio noturno o ensino fundamental II é na modalidade de Educação de Jovens e Adultos- EJA.

Na escola são oferecidos em horários de contra turno projetos como Música na escola (Banda), Judô nota dez, Xadrez, treinamento de vôlei e futsal, SESI, AABB comunidade, florestinha, pelotão esperança. O intuito com tais ações, é o desenvolvimento da socialização, comunicação e interação dos jovens, estimulando o desenvolvimento cognitivo, afetivo, sensorial, motor e também escolar. Estima-se que ao todo o quantitativo de 80 alunos participa das atividades, além disso, um total de 106 alunos são atendidos pelo programa social Bolsa Família que configura-se como assistência social com transferência de renda do governo federal em auxiliar as famílias em situação de e ou extrema pobreza.

Figura 3: Localização da Escola Municipal Erso Gomes Bairro Santa Terezinha, em Aquidauana – MS.



Os recursos humanos da escola são compostos pela equipe gestora, docentes, coordenadores, servidores administrativos. Possui 01(um) diretor administrativo; 01 (um) diretor adjunto cujas atribuições são dentre outras, além de substituir o diretor em sua ausência, responder pedagogicamente por todas as ações desenvolvidas na escola. Em consonância com o regimento interno da unidade de ensino consta 02 (duas) coordenadoras pedagógicas, ambas licenciadas em Pedagogia, sendo uma responsável pela coordenação pedagógica das séries iniciais e outra do Ensino Fundamental II.

O corpo docente é constituído de 56 (cinquenta e seis) professores, sendo 43 (quarenta e três) do quadro efetivo e 13 (treze) em trabalho temporário em regime do contrato, desempenhando a função de professor substituto, todos habilitados em curso de licenciatura, desempenhando função docente em sua área de formação.

O quadro de servidores administrativos todos do quadro efetivo é formado por 07 (sete) auxiliares de serviços gerais; 04 (quatro) técnicos administrativos, trabalhando na função de auxiliar de secretaria, sendo um assistente de direção; 02 (dois) inspetores de alunos; 02 (dois) vigias noturnos e 04 (quatro) merendeiras.

As instalações físicas da escola na (figura 4), é composta por um pavilhão administrativo, salas de aula, área verde e quadra de esporte, assim constituída: 01 (uma) sala de diretoria, secretaria escolar, sala de coordenação pedagógica, sala de professores. O setor pedagógico possui 16 (dezesesseis) salas de aula; sala de Recursos Multifuncionais (equipada pelo convênio MEC/FNDE) destinada ao atendimento de alunos PNE (Portadores de Necessidades Especiais, educação inclusiva). Sala de tecnólogas educacionais composta por 17 (dezesete) computadores sendo 01 (um) servidor para uso do professor; sala de leitura e biblioteca

Além disso há 01(uma) quadra coberta, sanitários masculino e feminino com banheiros adaptados para alunos portadores de necessidades especiais, cozinha/despensas, 02 (dois) pátios cobertos (tido como espaço alternativo para a prática de recreação e jogos, além de área verde (também utilizada como espaço alternativo para a prática recreativa e nele se encontra instalada 01 (uma) academia da Primeira Infância para crianças de até 10 anos.

A escola Erso Gomes por estar situada na área de confluência entre o Bairro da Serraria e a Vila Santa Terezinha, que são núcleos urbanos populacional numeroso, por oferecer a educação básica I e II nos períodos matutino e vespertino e vários projetos sociais em contra turno, atende crianças e adolescentes oriundos de diversas localidades (vilas e bairros) da cidade, além dos procedentes da zona rural (Figura 5).

O maior quantitativo de alunos são moradores do bairro Vila Santa Terezinha. De acordo com informações da Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo, esse bairro é o maior centro habitacional da cidade com aproximadamente um terço da população total do município (aproximadamente 13.000 habitantes), com extensão territorial de área medindo 105.150,00m² situada entre as ruas Oscar Trindade de Barros, dos Expedicionários, Giovani Toscano de Brito e Luiz da Costa Rondon.

Contudo, integram também a clientela discente da unidade de ensino crianças oriundas do bairro circunjacente a escola, Serraria e de regiões periféricas da cidade, nas proximidades da escola porém distantes do centro da cidade: Vila Arara Azul, Aldeia Indígena Urbana Tico Lipu, Jardim São Francisco e Bairro da Exposição.

Os alunos provenientes da área rural são usuários do sistema de transporte escolar (caminho da escola MEC/FNDE), os demais usam meios de locomoção próprios carro, moto, bicicleta dentre outros ou caminham nesse deslocamento.

A região de entorno da escola, alguns bairros foram criados outros originados de ocupação irregular, embora ocorreu evolução de moradias de barracos pra edificação de casas em alvenaria ainda há residências construídas a partir de reaproveitamento de materiais descartados por outrem, geralmente de demolições (madeiras, telhas em amiantos, plásticos e papelões) somado ainda a uma parcela que vivem em submoradia. A maior parte apresenta ineficaz infraestrutura (esgotamento sanitário, coleta de água pluviais, pavimentação asfáltica) porém há localidades em que as casas foram financiadas pela Caixa Econômica Federal, assim possui rede de esgoto, placas solares, asfalto.

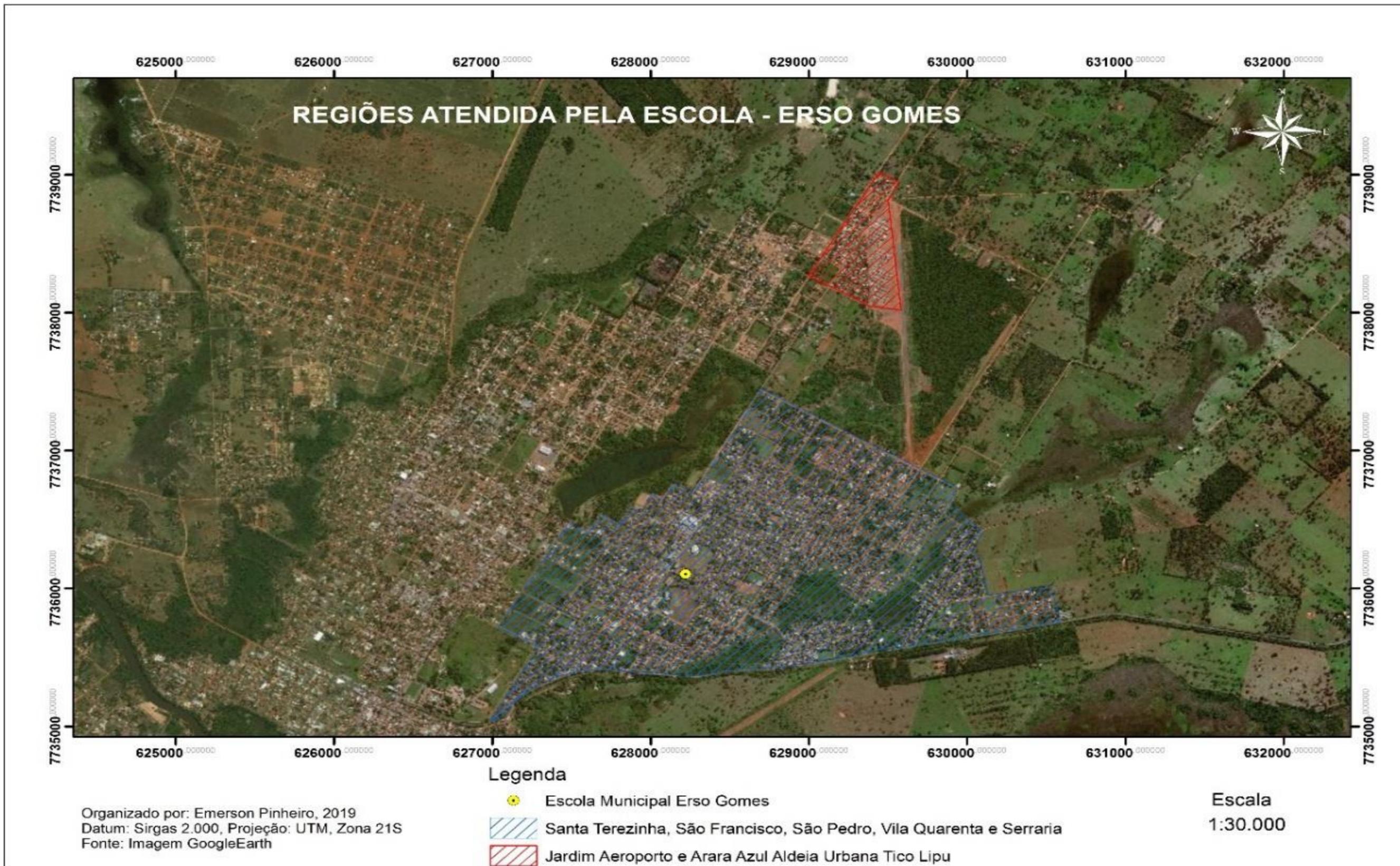
De acordo com informações do Projeto Político Pedagógico da escola, a clientela apresenta histórico escolar exitoso em sua quase totalidade. São provenientes de lares cujos genitores são, em ampla maioria, servidores públicos nas mais diversas áreas: militares (Bombeiros, policiais, do exército), professores, servidores da administração

pública, comerciários, profissionais liberais e autônomos, além de pequenos empresários. Os alunos do meio rural, em sua maioria são filhos de donos de pequenas propriedades rurais, empregados de fazendas, pesqueiros e hotel fazenda com renda familiar estável/ estabilidade empregatícia. Porém existe um grande quantitativo de discente que vivem no limiar de extrema pobreza.

Buscando definir a identidade da escola e indicar caminhos para ensinar com qualidade o Projeto Político Pedagógico apresenta a missão de “desenvolver educação de qualidade com respeito aos princípios éticos, respeito às diferenças observando as teorias norteadoras (sociointeracionismo). ” Assim os objetivos buscam “atuar pedagogicamente para formação bio-psico-social do educando com vista à formação de agentes cidadãos. Nesse sentido é definido como visão de futuro “que o homem do futuro (egressos da escola) possa atuar como agente transformador da sociedade, agindo para o bem da coletividade na busca por interesse comuns, capaz de inserir se no mercado de trabalho tendo como ferramenta as tecnologias e mecanismos de leitura e da escrita. ” (AQUIDAUANA, projeto político pedagógico – PPP. Escola municipal Erso Gomes, 2011).

Dessa forma, pautado nesse documento a escola procura delinear suas diretrizes, metas e métodos para atingir os objetivos a que se propõe, buscando melhorar a capacidade de ensino como uma entidade inserida em uma sociedade democrática e de interações políticas e enfatizando a cultura. Nesse sentido, vai guiando as ações desenvolvidas para melhor atender todos atores sociais.

Figura 5: Regiões Atendida pela Escola – Erso Gomes



Fonte: Imagem Google Earth Org. por: Emerson Pinheiro, 2019.

4- RECORTES TEÓRICOS E BASES CONCEITUAIS NORTEADORES DA PESQUISA

A propagação das mudanças no contexto social principalmente econômico, político, cultural vem influenciando a vida das pessoas, as relações sociais e suas correlações com as instituições organizacionais estabelecidas dentre elas por exemplo a escola e por conseguinte nas metodologias de ensino.

Nesse sentido, muitas manifestações são verbalizadas por docentes e estudantes. Os alunos se queixam das aulas rotineiras, enfadonhas e pouco dinâmicas. Os professores externalizam frustração pela pouca participação, desinteresse e desvalorização por parte dos discentes em relação às aulas e às estratégias criadas para chamar atenção destes.

Pensando esse contexto relacionada especificamente ao ensino da geografia, observa que a cada dia vem sendo fomentado os debates acadêmicos, promoção de eventos científicos, produção de uma vasta bibliografia para abordar inquietações, soluções e novas proposições. Nesta perspectiva muitos ressaltam a utilização da metodologia ativa como forma eficiente de mediação pedagógica. Conforme o entendimento de Pereira (2012, p.6) define:

[...] Metodologia Ativa [...] é todo o processo de organização da aprendizagem (estratégias didáticas) cuja centralidade do processo esteja, efetivamente, no estudante. Contrariando assim a exclusividade da ação intelectual do professor e a representação do livro didático como fontes exclusivas do saber na sala de aula.

Dessa forma a incorporação de metodologias ativas inerente ao lúdico na prática docente vem cada vez mais se constituindo em ferramenta essencial para superar o distanciamento entre o conhecimento geográfico e a realidade dos alunos. Assim a aplicação do lúdico como metodologia de ensino pode ser evocada como uma estratégia de inovação no ensino que de acordo com Huizinga (2012, p. 24 - 25) o lúdico pode ser caracterizado como:

[... uma atividade livre, conscientemente tomada como 'não séria' e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer

interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras [...]

Assim as metodologias lúdicas transitam entre “descomprometimento”, entusiasmo aos aspectos rígidos de atuação profissional, através da utilização de diferentes linguagens como jogos, músicas, atividades práticas dentre outras buscando promover a aprendizagem de forma dinâmica e prazerosa. Para Luckesi (2014, p.1).

Ludicidade não é um termo dicionarizado. Vagarosamente, ele está sendo inventado, à medida que vamos tendo uma compreensão mais adequada do seu significado, tanto em conotação (significado), quanto em extensão (o conjunto de experiências que podem ser abrangidas por ele)

Com relação aos benefícios da ludicidade nos processos de ensino e de aprendizagem Luckesi (2006, p. 2) enfatiza “O que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. [...] Não há divisão”

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, faz inferências que o professor precisa promover a aprendizagem com o maior grau de significado possível por meios de intervenções pedagógicas eficientes (BRASIL, 1997). Esse documento ressalta a importância da adoção de metodologias que incentivam a cooperação e a interação, habilidade e ações incentivadas pelas atividades lúdicas:

[...] são fundamentais as situações em que possam aprender a dialogar, a ouvir o outro e ajudá-lo, a pedir ajuda, aproveitar críticas, explicar um ponto de vista, coordenar ações para obter sucesso em uma tarefa conjunta, etc. É essencial aprender procedimentos dessa natureza e valorizá-los como forma de convívio escolar e social. Trabalhar em grupo de maneira cooperativa é sempre uma tarefa difícil, mesmo para adultos convencidos de sua necessidade.

Tomando como referência nesse estudo a ludicidade representada pela música aplicada como metodologia de ensino, alvitra-se uma forma de estimular o desenvolvimento dos alunos no processo de ensino e de aprendizagem pois utilizou a interpretação do texto da letra, realizou oficinas, saídas a campo e instrumentalização musical com os estudantes. Foi um processo satisfatório pois aguçou a sensibilidade, instigou a criatividade e aumentou a integração dos alunos com a geografia do bioma Pantanal.

A utilização da música como metodologia do ensino da Geografia, foi pesquisada por Oliveira, (2005) et all versando sobre seu uso como um recurso alternativo nas práticas

educativas em geografia, na perspectiva de discutir a sua utilização nos mais diversos gêneros, nas práticas metodológicas do ensino de Geografia em sala de aula. Os resultados apontaram que o uso da música como instrumento pedagógico é um recurso que estimula e motiva o aluno, tornando o processo ensino-aprendizagem em Geografia mais significativo.

Para Schroeder, (2009) a música para estudo do espaço geográfico pode ser usada como linguagem de ensino da Geografia, colaborando para que o educador não seja mais aquele que pensa ter o conhecimento suficiente para “ensinar” os alunos, mas é aquele que passa a ter a consciência de que aprender é muito mais do que decorar conceitos mas participar do próprio aprendizado.

Panitz (2011) desenvolve um estudo intitulado Geografia e música: uma introdução ao tema, realizando uma análise da diversidade da produção em termos territoriais, no intuito de ampliar os olhares sobre a produção do conhecimento geográfico sobre a música.

Uma análise da utilização da interdisciplinaridade através da música como um recurso didático nas aulas de geografia foi desenvolvida por Ferreira (2012) no intuito de oferecer aos alunos um melhor aproveitamento na disciplina e ao mesmo tempo torná-los capaz de um melhor senso crítico em relação à realidade do mundo atual.

Muniz (2012) afirma que a música nas aulas de geografia é proposta para explorar como um dos inúmeros recursos que podem ser utilizados para facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Enfatiza que as atividades relatadas e vivenciadas abrem a possibilidade dos professores criarem novas situações de ensino-aprendizagem, associando diferentes linguagens de ensino, essenciais no contexto da sociedade científica e tecnológica em que vivemos.

A música como ferramenta didática para o ensino de geografia, é justificada por Silva (*et al.*, 2013) como instrumento para tornar as aulas mais prazerosas, divertidas e estimuladoras para os discentes.

A importância da música nas aulas de Geografia foi estudada por Silva (2015) com o objetivo de discutir a utilização dessa ferramenta metodológica nas aulas, partindo do pressuposto que este recurso tem conteúdos dinâmicos. Os resultados indicam ser de grande valia no auxílio a essa disciplina, configurando-se como práticas metodológicas diferenciadas de ensino nas aulas de geografia.

Assim se observa que ao aproximar o aluno do conteúdo que está sendo estudado através da música, torna possível instigar um maior interesse despertando-o para a disciplina geografia, tornando-a cada vez mais dinâmica e prazerosa como afirma Demo (1991, p.56), “o aluno leva para vida não o que decora, mas o que cria por si mesmo”.

Textos de músicas com alusões ao bioma Pantanal podem ser encontrados nos cancionários de intérpretes da música regional sul mato-grossense como: Almir Sater, Sergio Reis, Liu & Léo, o grupo ACABA dentre outros. Traz em seu bojo, retratos das características do Pantanal, a vida do homem pantaneiro, aspecto físico, econômico, cultural, social, ambiental dentre vários outros elementos geográficos que podem ser utilizados no processo de ensino e de aprendizagem da geografia criando uma aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa nesse estudo baseou-se no conceito central da teoria da aprendizagem, subjacente ao Psiquiatra e Pesquisador Norte Americano, especialista em Psicologia Educacional, David Paul Ausubel na década de 1960, e usado por diversos estudiosos do Brasil para referir-se aos novos conhecimentos adquiridos relacionando com o conhecimento prévio que o aluno possui.

Aprendizagem significativa é o processo através do qual uma nova informação (um novo conhecimento) se relaciona de maneira não arbitrária e substantiva (não-literal) à estrutura cognitiva do aprendiz. É no curso da aprendizagem significativa que o significado lógico do material de aprendizagem se transforma em significado psicológico para o sujeito. Moreira (2011, p.26).

Um ensino significativo em Geografia a partir da prática social inicial dos alunos busca um ensino voltado à contextualização no cotidiano e fundamentado no conteúdo científico da Geografia. Avança para além de conceitos e definições promovendo associações entre os conteúdos da disciplina, as evidências empíricas presentes no cotidiano vivido e o conhecimento prévio dos estudantes. Partindo do interesse e saber precedente do aluno, o conteúdo a ser aprendido fica potencialmente significativo para o discente e este relaciona o novo conteúdo com seu contexto de vivência. Ao professor, de acordo com Cavalcanti (2012, p.45) cabe

[...] tomar o tópico da unidade a ser desenvolvido e desdobrá-lo numa sequência lógica, na forma de conceitos, problemas, ideias. Trata-se de organizar um conjunto de noções básicas em torno de uma ideia central, formando um todo significativo que possibilite ao aluno uma percepção clara e coordenada do assunto em questão. [...]

Nesse sentido, ensinar a geografia do bioma Pantanal a partir de músicas regionais é um viés para tornar as aulas mais dinâmicas, proporcionando ao aluno autonomia na construção do seu saber, possibilitando internalizar o conhecimento, pois as letras das músicas apresentam um panorama do Pantanal face a uma gama de questões sociais, políticas, culturais e ecossistêmicas a partir de um olhar sobre as pessoas que ali sedimentam suas ações.

4.1 Os Aspectos Socioambientais do Bioma Pantanal e a Relação no Ensino da Geografia

Ab'Sáber (1988) conceitua o Pantanal como “complexa planície de coalescência detrítico – aluvial”, ecossistemas do domínio dos cerrados, ecossistemas do Chaco, além de componentes do Nordeste seco e da região periamazônica.”

O mesmo autor destaca que “Foi o extraordinário esforço tensional relacionado ao soerguimento em bloco da plataforma brasileira, entre o Cretáceo e o Plioceno, que deslanchou a intervenção da tectônica quebrantável para os setores expostos de escudos à margem das grandes bacias sedimentares paleozóicas”.

Silva e Abdon (1998), referem-se a delimitação do Pantanal Brasileiro e suas Sub-Regiões como a maior planície de inundação contínua do planeta, com uma área de mais de 138 mil quilômetros quadrados no Brasil, dividido em 11 sub-regiões: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paiaguás, Paraguai, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho.

Conforme enfatizado por Brasil e Alvarenga (1989), o bioma Pantanal pode ser considerado como uma região afetada por processos morfoestruturais relacionados à movimentação de compensação isostática, repercutidos em abatimentos em áreas adjacentes, conseqüentes ao soerguimento das cordilheiras dos Andes. No Terciário Superior, a esculturação do relevo foi elaborada por processos erosivos atuantes, que rebaixaram as superfícies circundantes, provocando o recuo das escarpas, a dissecação das encostas e a erosão de terraço, fornecendo, assim, sedimentos à região do Pantanal.

Os aspectos geológicos do Pantanal são ressaltados por Assine (2003), como sendo uma bacia sedimentar tectonicamente ativa, caracterizada por uma dinâmica sedimentar que produz mudanças constantes na paisagem. Muitas das feições morfológicas existentes

são formas reliqueas de uma evolução paleogeográfica condicionadas por mudanças climáticas e tectônicas que vem ocorrendo desde o final do Pleistoceno.

Pott (1988), salienta que a vegetação do Pantanal é bastante diversificada, sendo os mosaicos de diferentes formações vegetacionais ordenados pelos gradientes topográficos, destacando-se a mata, o cerradão e o cerrado em cordilheiras (cordões arenosos); o campo com gramíneas, campo com arbustos e o campo cerrado em cotas intermediárias; e as plantas aquáticas e palustres nas partes mais baixas e corpos d'água.

O mesmo autor relata o relevo do Pantanal destacando que é meso-relevo apresenta pequenos desníveis que, em interação com a distribuição da vegetação, resultam em três unidades fitogeomorfológicas principais: "cordilheira", campo ou "largo" e a forma deprimida de terreno.

Para Santos (2001), a maior parte do Pantanal é formada por solos hidromorficos (92%) refletindo uma drenagem deficiente e com tendência para inundações periódicas e prolongadas. Compõem ainda solos arenosos e as condições de fertilidade natural desses solos podem ser consideradas de média a baixa.

Os autores Godói e Filho, (1986) ressaltam que o Pantanal é integrante da Bacia do Rio Paraguai, sendo que a altitude varia entre 80 a 170 m, a precipitação média de 800 a 1200 mm com comportamento hidrológico resultante de eventos de meso e micro escalas ou seja, é influenciado por eventos climáticos locais e regionais com inundações sazonais.

O regime hidrico do Pantanal é destacado por Souza e Cunha, 2004 como resultante do posicionamento geomorfológico e as características hidrológicas fazem com que o Pantanal exerça uma função de regulador do regime hídrico, ao atuar como "esponja", provocando o retardamento e o escoamento da água. O sistema fluvial e a planície de inundação possibilitam a manutenção da complexidade paisagística e a sua biodiversidade.

Contudo, ações desordenadas, predatórias e irregulares da sociedade no Pantanal, nas últimas décadas, têm causado diversos problemas ambientais, sendo que espécies animais e vegetais, o solo e os rios tem sido muito afetadas por estas intervenções.

Pesquisa desenvolvida pela Embrapa Pantanal sobre os impactos ambientais e socioeconômicos no pantanal destaca que nas últimas três décadas, o Pantanal vem sofrendo agressões pelo homem, praticadas não somente na planície, mas principalmente

nos planaltos adjacentes. Atualmente, os impactos ambientais e socioeconômicos no Pantanal são muito evidentes, decorrentes da inexistência de um planejamento ambiental que garanta a sustentabilidade dos recursos naturais desse importante bioma.

Além disso acrescenta que a expansão desordenada e rápida da agropecuária, com a utilização de pesadas cargas de agroquímicos, a exploração de diamantes e de ouro nos planaltos, com utilização intensiva de mercúrio, são responsáveis por profundas transformações regionais. Salienta que algumas delas vêm sendo avaliadas pela Embrapa Pantanal, como a contaminação de peixes e jacarés por mercúrio e diagnóstico dos principais pesticidas.

Tais abordagens foram tramadas com as categorias de análise geográfica espaço, paisagem e território. Ancorado em Santos (1976, p.171) na perspectiva de compreender que o espaço é resultante das relações sociais em sua totalidade

(...) o espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total.

Nesse sentido compreender a dinamização das transformações dadas nesse espaço Pantanal em Santos (1986, p. 122) encontra-se os desígnios

[...] o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente [...] o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções.

Com Moreira (2011, p. 116) encontra-se os fundamentos para análise dos fenômenos transcorridos no Pantanal

Paisagem, território e espaço – com primado no espaço – são assim as categorias da geografia. Analisar espacialmente o fenômeno implica antes descrevê-lo na paisagem e a seguir analisa-lo em termos de território, a fim compreender-se o mundo como espaço. Mas em verdade quem faz essas transposições é a presença dos princípios lógicos tanto no espaço, quanto no território, como na paisagem.

A partir desse referencial teórico sucedeu a abordagem da Geografia do Pantanal com os alunos da educação básica em que estes criaram seus signos de aprendizagem.

5- ENSAIOS ANALÍTICOS DA HISTÓRIA DA INSERÇÃO DA MÚSICA NA ESCOLA

A música pode ser elencada como algo inerente ao cotidiano das pessoas, sendo singularmente inserida em uma variabilidade de usos e funções em todas as classes sociais no decorrer da história da humanidade. De acordo com Bennett (1986, p.63)

Desde as mais antigas civilizações, o som já exercia grande influência sobre o homem. A harpa e a cítara foram os instrumentos eleitos pelos egípcios para acompanhar seus rituais. Os mesopotâmios também utilizavam esses instrumentos em seus cultos religiosos e foram os primeiros a inserir vozes a seu contexto musical. Na Grécia, a Música era praticada com a Dança e a Poesia. Roma sofreu influências da cultura grega, utilizando, também, a lira e a flauta.

Nesse sentido se observa que as antigas civilizações, externalizavam com a música, seus sentimentos emocionais, espirituais, social ou de convivência com o meio natural para comunicar. Gradativamente contagiou a música europeia, de acordo com os interesses dos teóricos medievais, utilização de diversos instrumentos das civilizações antigas mas, refletindo grande diversidade cultural. Foi influenciado pelas grandes revoluções sociais econômicas e culturais sobretudo no auge do movimento operário organizado através dos sindicatos e dos partidos políticos. Através da música foi conquistado, pacificamente ou pela força vários direitos sociais negados e vai sedimentando uma grande variedade de gênero e estilo musical oriundos da diversidade cultural existente nos países daquele continente e assim influenciando todo o mundo. (BENNET, 1986)

Referindo-se a histórica da música no contexto brasileiro é possível ressaltar que face a miscigenação dos povos originou infinita variedade de ritmos e estilos musicais de caráter regional, uma vez que inerente a manifestação musical está a identidade do seu lugar de origem. Dessa forma, a música brasileira tem características regionais e locais relacionada a história cultural e social dos povos. Esse fato tem origem no processo de colonização e intensificado com a migração, assim está permeada pelas culturas indígenas, africanas e europeias.

No que se refere ao Brasil, a história da música está relacionada, diretamente, a combinação de elementos de diferentes culturas, sendo estas indígenas (nativos), africanas (escravos) e europeia (colonizadores), formando uma série de estilos musicais, dentre estes podemos citar o samba, os cantos religiosos, os cânticos ritualísticos, a ciranda o coco de roda. Moraes (2000, p. 72)

O povo africano, apresenta contribuições para a música brasileira no período colonial, trazendo suas origens, ritmos, crenças, cultura, instrumentos. A musicalidade desse povo é caracterizada por criador e intérprete da música que se fazia no Brasil. De acordo com Loureiro (2001, p. 26).

Se tratando do africano, podemos afirmar que estes tiveram grandes contribuições para a música brasileira. Eles chegaram ao Brasil como escravos e trouxeram consigo alguns instrumentos de percussão, como a cuíca, a atabaque, o ganzá, mas seus cantos e danças seguiam os ritmos dos sons que eles já tinham conhecimento. Porém ao terem contato com os índios e portugueses os negros iniciam a criação de músicas e arranjos instrumentais característicos, embalados pelo ambiente que aqui encontraram.

As escolas mantidas pelos jesuítas no Brasil até o século XVIII insere a Educação Musical convergindo para a inclusão da música e de seu ensino nas políticas educacionais brasileiras. Contudo, a finalidade religiosa foi o que perdurou na prática da música no currículo naquele período. A música foi o principal instrumento de comunicação dos padres jesuítas para transmitir conhecimento sobre a fé e aceitos pelos povos, promovendo o processo de colonização. No entanto no início do século XIX transcorreu a vinda dos portugueses para o Brasil, assim “modelos musicais europeus foram trazidos e aplicados, muitas vezes ignorando ou impedindo práticas musicais das culturas que aqui estavam” (FIGUEIREDO, 2002, p.45).

Na década de 1930 educação musical foi inserida nas escolas brasileiras através do Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931. No governo Getulio Vargas, instituído como disciplina obrigatório nas décadas de 1930, 1940 e 1950. Assim, conforme decreto;

[...]Art. 2º O ensino secundário compreenderá dois cursos seriados: fundamental e complementar.

Art. 3º Constituirão o curso fundamental as matérias abaixo indicadas, distribuídas em cinco anos, de acordo com a seguinte seriação: 1ª série: Português - Francês - História da civilização - Geografia - Matemática - Ciências físicas e naturais - Desenho - Música (canto orfeônico). 2ª série: Português - Francês - Inglês - História da civilização - Geografia - Matemática - Ciências físicas e naturais - Desenho - Música (canto orfeônico). 3ª série: Português - Francês - Inglês - História da civilização - Geografia - Matemática - Física - Química - História natural - Desenho - Música (canto orfeônico). (BRASIL,1931)

O Canto orfeônico pode ser evocado como um tipo de prática de Canto coletivo amador cujo a origem do nome é uma homenagem a Orfeu, deus da mitologia grega, que rege a lenda que encantava e amansava as feras com sua música. De acordo com Giliolo (2003, p. 38)

O canto Orfeônico tem sua origem apontada no início do século XIX, sendo associado com a criação da primeira sociedade coral chamada Orphéon em 1831 na França. Inicialmente o canto orfeônico teve sua finalidade a “civilização” dos costumes e lazer, tanto nas escolas como para operários e forças armadas, na França e posteriormente sendo usado também na Espanha, em seguida iniciou a ser utilizados em outros setores sociais. Sendo assim, o Orphéon tornou-se não só uma prática, mas também uma instituição para disciplinar através do canto amador.

A popularização do ensino do canto orfeônico nas escolas se dá pelo fato de que era uma prática que não necessitava de muitos recursos tecnológicos e sim a voz ao passo que o ensino de instrumentos musicais não potencializava o ensino da música, em virtude do preço e difícil acesso aos estudantes. Contudo de acordo com Jardim (2008, p. 53)

Além da função de disciplina e construção de costumes, foi atribuído ao canto orfeônico um importante papel como ferramenta para auxiliar na construção de identidade da pátria, algo que vários países europeus buscavam no fim do século XIX e Século XX, assim a prática do canto foi uma forma de reforçar o nacionalismo em vários países, incluindo o Brasil.

Dessa forma, o disfarce de inserção da educação musical nas escolas teve como pano de fundo o enaltecimento do aparelho ideológico do Estado representado pelo governo de Getúlio Vargas, “que utilizou a música para desenvolver a coletividade, a disciplina e o patriotismo” (MATEIRO, 2000, p.1). Contudo manteve-se presente por todo esse período até a instituição que perdurou até 1945.

Na década de 1940 o Brasil passou por uma significativa fase histórica de transformações podendo ser citado o Estado Novo; censura aos meios de comunicação; as turbulências em decorrência da Segunda Guerra Mundial; os primeiros anos do pós-guerra; o crescimento econômico nacional; a ampliação e sistematização da legislação trabalhista; instituição do salário mínimo; a Justiça do Trabalho; a Consolidação das Leis do Trabalho e elevado crescimento populacional dentre outros fatores, que influenciaram muito na educação musical no país entre grupos não governamentais e com tímidos reflexos nas escolas, porém promovendo a manutenção de uma chama acesa.

Nesse contexto são destaque os movimentos ‘Música Viva’ e Educação Através da Arte’. As bases do movimento Música viva foi criado pelo musicista alemão Hans Joachim Koellreutter, cujo o lema defendido foi: "combate pela música que revela o eternamente novo, isto é: por uma arte musical que seja a expressão real da época e da sociedade", (MATEIRO, 2000, p.1). Já o movimento de ‘Educação Através da Arte’, foi idealizado por Herbert Edward Read, que estimulou, na década de 40, a criação de vários cursos de arte-educação no país (DIAS, 2010, p.95).

O movimento “Música Viva” trouxe para o Brasil as novidades do campo musical das quais havia participado ativamente na Europa. Fundou em 1938 no Rio de Janeiro o grupo Música Viva, durante a década de 1940 desenvolveu um movimento sobre renovação musical no Brasil, abrangendo educação, criação (composição) e divulgação refletiam as posturas ideológicas dos seus principais representantes, introduzindo no movimento os conceitos de vanguarda reivindicando metas como “divulgar o compositor e sua obra. Kater (2001, p.1) destaca que:

Com a formação da Música Viva estabelece-se gradualmente uma nova concepção e função social da música. Ela pretende associar-se agora mais diretamente à atualidade das conquistas vibrantes na Europa, verificadas no campo das artes, da música, das ciências exatas e humanas.

O movimento “Educação Através da Arte” criado em 1943, por Herbert Read, na Inglaterra partiu do pressuposto da “arte para a educação” e que a “livre-expressão favorecia a imaginação, bem como a criatividade”. De acordo com Barcarin (2005, p. 75) “Em síntese, as ideias de Read sobre o desenvolvimento psicológico e a livre-expressão representaram o eixo condutor da Arte-educação, ao favorecer o desenvolvimento da imaginação e da criatividade”. Tais ideais encharcou e contagiou educadores brasileiros da época bem como profissionais da área que culminou na criação do Movimento de Arte-Educação e conhecido como o Movimento Escolinha de Arte (MEA) ancorado no pensamento da Escola Nova europeia e norte americana. Frange (2002, p.45) enfatiza que “[...] arte-educação surge na tentativa de conectar Arte e Educação, por isso a razão do hífen e até mesmo no intuito de, com essa junção, resgatar as relações significativas entre Arte e Educação”. A partir de então proliferou no Brasil o surgimento de Escolinha de Artes do Brasil (EAB) bem como a criação de vários cursos de arte-educação no país na perspectiva de transformar a prática dos professores e da educação para alcançar o respeito à livre-expressão das crianças.

Nesse universo, desponta no Brasil o modelo socioeconômico desenvolvimentista convergindo para a educação tecnicista. Dessa forma, a bandeira levantando em favor da educação popular no final da década de 1950 e início de década de 1960, continuou sendo defendida incrementada com a participação política da população indo além da alfabetização de crianças e jovens. De acordo com Saviani (2007, p.315)

[...] a educação passa a ser vista como instrumento de conscientização. A expressão “educação popular” assume, então, o sentido de uma educação do povo, pelo povo e para o povo, pretendendo-se superar o sentido anterior, criticado como sendo uma educação das elites, dos grupos

dirigentes e dominantes, para o povo, visando controlá-lo e ajustá-lo à ordem existente.

Nesse cenário muitas escolas de artes, originárias do movimento EAB foram extinguidas, uma vez que restringiam a divulgar sua metodologia de ensino no interior da escola e não avançava para as intervenções sociais do contexto histórico. Contudo, em muitos casos o ensino de Artes nas instituições públicas ficou reduzido a abordagens temáticas e desenhos referentes às datas comemorativas de cunho cívico. Ao passo que o ensino de música transcorreu com o Canto Orfeônico. Quanto aos instrumentos legais, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024, de 20 de dezembro de 1961, propôs no artigo 38, § 4º, “Atividades complementares de iniciação artística”. Já a educação musical foi instituída na escola, através do Decreto nº 51.215, de 21 de Agosto de 1961 que estabeleceu normas para a educação musical em todos os níveis de ensino nas escolas no Brasil.

Art. 1º A educação musical nos Jardins de Infância, Escolas Pré-Primárias, Primárias, Secundárias, e Normais, em todo o território nacional, obedecerá às normas estabelecidas no presente Decreto.

Art. 2º A Educação musical nos Jardins de Infância deve ser praticada sob a forma de recreação obedecendo ao seguinte plano:

- a) por meio de assimilação dos fenômenos básicos da música - Ritmo e Som;
- b) por meio de bandinhas rítmicas ou qualquer tipo de conduta sonora;
- c) por meio de cantigas de roda.

Art. 3º A Educação música nas escolas Pré-Primárias, deve ser também praticada sob a forma de recreação, obedecida ao seguinte plano:

- a) por meio do treino auditivo do ritmo;
- b) por meio do treino auditiva do som;
- c) por meio de bandinhas rítmicas ou qualquer tipo de conjunto sonoro;
- d) por meio de câro orfeônico;
- e) por meio de danças folclóricas nacionais e estrangeiras;
- f) por meio de cirandas dramatizadas.

No âmbito dessa conjuntura o sistema educacional brasileiro seguiu com concepções afirmando os interesses da hegemonia industrial tendo como função preparar o estudante com técnicas e aptidões para o mercado de trabalho. No entanto uma década depois, a LDB/1961 é alterada pela Lei 5692/1971, que foi gerada sob o regime militar e a partir desta, foi estipulada a inserção da *Educação Artística* nas séries iniciais do ensino fundamental. De acordo com o artigo 7º: “Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus”. Tal ideário vigorou por 25 anos no Brasil.

Porém nessa realidade um professor era responsável por todas as áreas artísticas. Não ocorreu o estabelecimento de uma proposta consistente para as Artes na educação,

uma vez que o ensino da arte (música, artes plásticas e o teatro) integrou a disciplina de educação artística, conseqüentemente ocorreu a superficialização de conteúdos da disciplina criada e o desaparecimento da Música na escola. A ênfase foi dada nas artes plásticas, destacando festas comemorativas e atividades recreativas. A música perdeu a identidade dentro da realidade escolar, por não ser obrigatória, não houve a inserção de profissionais especializados para o ensino, convertendo seu ensinamento a conservatórios e a escola especializada, dessa forma, destinado a elite o acesso ao ensino da música, como adverte Beyer (apud MATEIRO, 2000, p. 2):

A educação musical tornou-se, então, privilégio de uns poucos, pois a maioria das escolas brasileiras aboliu o ensino de música dos currículos escolares devido a fatores como a não obrigatoriedade da aula de música na grade curricular e a falta de profissionais da área, somando-se a isso os valores culturais e sociais que regem a sociedade brasileira.

Na década de 1980 desponta uma nova configuração do contexto social brasileiro associado ao fim do regime militar, a nova Constituição Federal, atuação de muitos movimentos sociais, indo de encontro com os anseios de grande parcela da sociedade. Na década de 1990, intensifica esses arranjos socioespaciais inerente ao desvairado processo de globalização resultando em intercorrências nas relações de trabalho, nas ações políticas e econômicas, redefinição do papel do Estado, das políticas pública em todo o mundo. Nessa conjuntura de reestruturação global da economia, ardor e exorbitante de participação da sociedade, o Brasil se insere aderindo de acordo com a ideologia neoliberal a reforma do Estado.

A reforma do Estado deve ser entendida dentro do contexto da redefinição do papel do Estado, que deixa de ser o responsável direto pelo desenvolvimento econômico e social pela via da produção de bens e serviços, para fortalecer-se na função de promotor e regulador desse desenvolvimento. (BRASIL 1995, p.12).

Nessa conjuntura o ensino da Arte e da Música através de professores, profissionais da área e também apreciadores e entusiastas trilharam experiências, ações, lutas, reivindicações, encontros, congresso¹, criação de documentos associado com atividades artísticas e educacionais nas instituições de ensino escolas e conservatórios

¹Cabe aqui ressaltar a realização no ano de 1994 na cidade de Campo Grande-MS o evento o VII Congresso da Federação de Arte-Educadores do Brasil Confabeb, o III Encontro Latino-Americano de Arte-Educadores e o II Fórum Nacional de Avaliação e Reformulação do Ensino Superior das Artes.

bem como em espaços públicos na perspectiva de definir, amparado por lei, a Arte como um campo do conhecimento.

Nesse ínterim, com início em 1989 convergindo com a promulgação num ciclo de oito anos 1996, a elaboração de uma nova LDB estabelecendo as reformas em todos os níveis de ensino em comum acordo com as transformações de ordem econômica, política, social e cultural da contemporaneidade manteve-se as lutas incansáveis em favor da Arte como componente curricular obrigatório.

De acordo com a Lei Federal nº 9.394, 20 de dezembro de 1996 no Art. 26, parágrafo 2, estabelece que “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Conforme enfatizado por Subtil (2011, p.249)

Efetivava-se assim o movimento iniciado nas décadas anteriores em prol da definição da Arte como um campo de conhecimento com estatuto epistemológico equivalente ao das outras áreas de conhecimento do currículo escolar.

Além disso, acompanhando o processo de implementação da LDB, o MEC propôs documentos colaboradores na elaboração do currículo destinado a Educação Básica podendo ser destacado os Parâmetros Curriculares Nacionais, composto de 10 volumes sendo que o de número 6 denominado "PCN – Artes", estabelece as diretrizes do que trabalhar sobre Artes na escola com o ensino fundamental. De acordo com o PCN Artes (1997, p.81) os conteúdos gerais do ensino fundamental em Arte são:

- a arte como expressão e comunicação dos indivíduos;
- elementos básicos das formas artísticas, modos de articulação formal, técnicas, materiais e procedimentos na criação em arte;
- produtores em arte: vidas, épocas e produtos em conexões;
- diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções, reproduções e suas histórias;
- a arte na sociedade, considerando os produtores em arte, as produções e suas formas de documentação, preservação e divulgação em diferentes culturas e momentos históricos.

Apesar desses avanços legais muitos autores ressaltam que há lacunas uma vez que só garantiu o espaço para a disciplina e expõem controversas na fundamentação e concepção de arte e música. A LDB deixa margens para interpretações com relação ao ensino uma vez que não definiu, áreas a ser incorporada bem como o profissional responsável na linguagem artística musical.

[...]a Lei traz a indefinição e ambiguidade que permitem a multiplicidade de interpretações, uma vez que a expressão “ensino da arte” pode ter diferentes interpretações, sendo necessário defini-la com maior precisão. (Penna 2010, p. 26)

Com relação ao PCN a mesma autora aponta que há vários problemas de fundamentação e concepção de arte e música, que merecem ser discutidos.

O fato é que os documentos dos PCN-Arte, que apresentam uma proposta tão abrangente, não chegam a apresentar de modo claro a forma de encaminhar concretamente o trabalho com as diversas linguagens artísticas na escola, sendo as disposições neste sentido poucas e dispersas pelo texto. [...].(Penna 2001, p. 46)

O ensino da Arte e da Música seguiram com o foco de trabalho sobretudo em projetos por um lado integrando diversas linguagens artísticas abrangendo temáticas selecionadas pela gestão e coordenação escolar e por outro lado transformando professores e alunos em organizadores de eventos festivos convertendo-se em atender calendário de datas comemorativas sem o foco da potencialidade ensino e aprendizagem.

Contudo, como advertido por Saviani (1983, p. 193) “a legislação constitui uma mediação entre a situação real e aquela que é proclamada como desejável, havendo a probabilidade de contradições e defasagens entre elas”. Assim, a luta em favor da causa do ensino da Arte e da Música continuaram e continuam uma vez que a legislação educacional estabeleceu um espaço para a arte em suas diversas linguagens.

A música inserida no currículo escolar como um elemento do componente curricular Arte, desperta a partir do ano de 2004 o início de uma mobilização a favor da sua inclusão no currículo. O movimento nacional foi deflagrado por músicos e educadores musicais com o objetivo de propor a revisão da legislação vigente para incluir a música como componente curricular. Aconteceram debates e mobilizações de entidades, músicos e educadores musicais junto aos parlamentares até sua aprovação. A trajetória histórica documental desse fato tem sua gênese junto ao Ministério da Cultura, através da Fundação Nacional de Artes - FUNARTE que é o órgão responsável, no âmbito do Governo Federal, pelo desenvolvimento de políticas públicas de fomento às artes visuais, à música, ao circo, à dança e ao teatro.

As ações foram permeadas por Instalação das Câmaras Setoriais para as Artes, realização de fóruns estaduais e nacionais e interlocução junto à sociedade civil e o legislativo,

“com o objetivo de acolher, nessas instâncias de representação da classe, as propostas de políticas públicas para música que, uma vez acordadas com representantes de outros elos da cadeia produtiva da música, integrariam o futuro Plano Nacional de Cultura” (Pereira, 2010, p.1).

A partir destas incursões, deu origem no ano de 2006, o NIM (Núcleo Independente de Músicos), associação independente das Câmaras Setoriais que criou o GAP (Grupo de Articulação Parlamentar Pró-Música), que solicitou a inclusão da Música na Subcomissão de Cinema, Teatro e Comunicação Social, estabelecendo um espaço de diálogo e debate e uma pauta política para a música no Senado e realização em curto espaço de tempo de audiências públicas e eventos com participação da classe política.

Na subsequencia, o GAP encaminhou à Subcomissão Permanente de Educação, Cultura e Esportes do Senado, de acordo com Pereira, (2010, p. 46) “a convocação de uma Audiência Pública destinada a debater questões tributárias da indústria musical brasileira”. Nesta ocasião, Pereira, (2010, p. 47) salienta que o Senador Saturnino Braga “informou à audiência sobre a intenção da Subcomissão em discutir a volta da educação musical às escolas brasileiras”. O mesmo autor enfatiza que a fala do referido Senador afirma “a expressão do compromisso público que a Comissão assumiu em relação à discussão da volta da Educação Musical às escolas”.

Nesta ocasião, foi decidido também sobre a realização de uma segunda Audiência sobre a questão da Educação Musical, convite e inserção da Associação Brasileira de educação Musical - ABEM ao movimento. A partir desse momento foi criado pelo GAP um Grupo de Trabalho (GT) para estudar o tema passando a tratar apenas dos assuntos ligados à Educação Musical. Nesse mesmo momento a ABEM elaborou o texto-base do Manifesto pela Implantação do Ensino de Música nas Escolas (ABEM, 2006)², respaldando politicamente as reivindicações e defendendo o ensino de Música como disciplina escolar.

No mês de novembro de 2006 ocorreu a Audiência Pública tratando com exclusividade a temática Educação Musical. O GAP se encarregou por meio do GT de Educação Musical, elaborar a redação do texto alterando a legislação que seguiu para votação no Senado como PL 343/2006. Contudo foi identificado outro Projeto versando sobre a mesma temática PL 330/2006 então foi votado este (Roseana Sarney) no dia 4 de

² Baseada nesse documento, a senadora Roseana Sarney (sem nunca ter participado dos movimentos) elaborou e encaminhou o Projeto de Lei nº 330, em que classifica como ambíguo o texto da LDB nº 5.692 argumentando: “tem acarretado a manutenção de práticas polivalentes de educação artística e a ausência do ensino de música nas escolas”.

dezembro de 2007, e seguiu para tramitação na Câmara dos Deputados como PL 2732/2008.

Para dar agilidade e conhecimento ao processo, ser aceito pela população e pressionar o Congresso o GT criou o movimento Quero Educação Musical na Escola, com apoio de alguns políticos e do MEC, que de acordo com Pereira (2010, p.84) “concluiu pela necessidade de um aumento exponencial da visibilidade da campanha, que pudesse pressionar os Congressistas na Câmara a votarem pela aprovação do Projeto de Lei”.

Apesar da morosidade, em 21 de maio de 2008, o relator apresentou o texto do Projeto de Lei 2.732/2008, enfatizou a iniciativa e participação da sociedade civil organizada (no qual o que foi votado não aconteceu), sendo aprovado no dia 25 de junho de 2008, sancionado pelo Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, tornando-se a Lei de nº 11.769/18 de agosto de 2008, publicada no Diário Oficial da União aos 18 de agosto de 2008. (BRASIL, 2008a). O texto da referida Lei assim se apresenta

Art. 1º O art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido do seguinte § 6º:

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Art. 2º Parágrafo único. O ensino da música será ministrado por professores com formação específica na área. (vetado)

Art. 3º Os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas nos arts. 1º e 2º dessa Lei.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Porém o veto ao Artigo 2º, que determina formação específica obrigatória para os professores encarregados da disciplina, é um destaque para continuação da luta, porque frente a omissão que deixa em aberto a questão, e a carência de professores capacitados e/ou formados para atender à nova demanda a realidade não se concretiza a contento para o ensino de música na escola.

Além disso, a Lei nº 11.769 não especifica os conteúdos que precisam ser trabalhados e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº. 9394/96 no artigo nº 26 privilegia a flexibilidade do ensino. Assim, as escolas têm autonomia para decidir como querem proporcionar o contato com a música em cada instituição de ensino, deixando uma incógnita de como o ensino da música se materializa na realidade da escola.

Dessa forma a presença da música incorporada como conteúdo obrigatório na área de conhecimento na escola é algo positivo. Entretanto a lei dificulta a implementação, como a formação dos professores; a priorização da música como um fim e não como uma

atividade passiva ao aluno; a falta de acesso dos professores aos recursos, materiais de apoio; investimento da infraestrutura das escolas para o ensino de música. Assim, mesmo aparecendo no Projeto Político Pedagógico da Escola e existindo uma legislação, não há garantia da efetivação da música dentro do ambiente de ensino, perpetuando as mesmas metodologias de outrora.

5.1- O Ensino da Música nas Escolas Públicas da Rede Estadual de Ensino no Estado de Mato Grosso do Sul

O Estado de Mato Grosso do Sul o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado de Educação, desenvolveu no ano de 2007 (anterior a aprovação da lei nº 11.769) a elaboração do Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino – ensino fundamental e ensino médio – sendo implementados a partir do ano de 2008. De acordo com esse documento SED, (2008, p.5).

A proposta deste Referencial Curricular é nortear o trabalho do professor de forma dinâmica, objetivando uma perspectiva interdisciplinar e também garantir a apropriação do conhecimento pelos estudantes [...].

Referencias Curriculares da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul da Educação Básica I e II e III, aborda a música na Área do conhecimento Linguagens no componente curricular Artes.

De acordo com Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino (2008, p. 60), integram a área de Linguagem os componentes curriculares

Na área de Linguagens, estão contempladas, como componentes curriculares, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras Modernas (Inglês e Espanhol) nos anos finais, Arte e Educação Física, Produções Interativas nos anos iniciais, que vislumbram um significado amplo para o termo Linguagens, pois transcendem o que se pensa sobre o simples falar ou escrever, já que o conceito de Linguagem é mais amplo que o conceito de Língua, por abranger toda e qualquer forma de comunicação.

O documento na p. 62 traz inferências ao ensino da Arte e da Música ressaltando as legislações vigentes “[...] o ensino da Arte, amparado pela Lei nº 12.287, de 13 de julho de 2010, constituir-se como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos estudantes. Nesse contexto, ainda, compreendida como forma de expressão, a música, também, deverá ser conteúdo obrigatório, Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, mas não exclusivo, do componente curricular somado a isso, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura

afro-brasileira e indígena, Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, haja vista que tais povos, também, muitos contribuíram para a formação cultural brasileira “

Com relação ao conteúdo para a educação Básica I, o documento traz na página 134 “Conhecimento e expressão da arte internacional e nacional com ênfase na cultura de Mato Grosso do Sul, por meio da história da arte e elementos das linguagens visuais, musicais e teatrais fazendo uso de:”.

Quadro 2: Ensino Fundamental I

Ano	Conteúdo
1º ano:	Ponto, linha e formas, Cores primárias e secundárias, Pintura, desenho e escultura, Canções infantis, música popular e erudita, Cultura popular, Linguagem teatral Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias
2º ano:	Textura, desenho e colagem, Canções infantis, música popular e erudita, Cultura popular, Linguagem teatral Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias, Artesanato, escultura e tapeçaria, Cores quentes e frias, Pintura, desenho, Simetria e assimetria.
3º ano:	Monocromia, Desenho, pintura e colagem, Canções infantis, música popular e erudita, Cultura popular, Linguagem teatral Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias, Policromia; Cores complementares Relevô, escultura e gravura
4º ano:	Perspectiva, Desenho, pintura e colagem, Canções infantis, música popular e erudita, Cultura popular, Linguagem teatral Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias, Luz e sombra, Planos, História em quadrinhos.
5º ano:	Efeitos cromáticos, Desenho e pintura, Canções infantis, música popular e erudita, Cultura popular, Linguagem teatral Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias, Côncavo e convexo, Escultura, Proporção, Equilíbrio e harmonia

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Para a Educação Básica II, o documento sugere para cada ano com seus respectivos bimestres as seguintes abordagens de acordo com a adaptação realizada (não repetição da citação dos conteúdos ao longo dos bimestres de cada série):

Quadro 3: Ensino Fundamnetal II

Ano	Conteúdo
6ºano:	Arte da Pré-História, Arte Egípcia e Grega, Arte Romana, Arte Bizantina Arte Gótica.
7ºano:	Arte do Renascimento, Arte do Maneirismo, Arte Barroca, Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias e Rococó.
8ºano:	Arte Neoclássica e Romântica Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias, Arte Realista e Art Nouveau, Arte Impressionista e Pós-Impressionista, Arte do expressionismo e do início da arte moderna
9ºano:	Arte Moderna Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias, Arte Contemporânea

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Os Referencias Curriculares da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul da Educação Básica III , (2008, p. 60) enfatiza que

A área de Linguagens no Ensino Médio, em continuidade ao Ensino Fundamental, referência a significação das linguagens, em suas diversas situações de uso e manifestações, inclusive a estética, como constituinte de nossa identidade como seres humanos, assim como a língua de nossa identidade sociocultural, pois o domínio dela é, sobremaneira, relevante para transcender à educação contemporânea.

De acordo com Referencial Curricular da Educação Básica III da Rede Estadual de Ensino (2008, p. 60) “Na área de Linguagens, estão contempladas, como componentes curriculares, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna (Espanhol e Inglês), Literatura, Arte e Educação Física [...]”

Com relação aos conteúdos para o Ensino Médio o referencial curricular (p. 140) aborda “Expressões musicais, teatrais e visuais” e sugere para cada ano e bimestres as seguintes abordagens de acordo com adaptação realizada:

Quadro 4: Ensino Médio

Ano	Conteúdo
1º ano	Da Pré-História à Idade Média, Idade Média, Renascimento, Barroco;
2º ano	Início do Século XIX; Século XIX; Início do Século XX; Século XX; Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias;
3º ano	Contemporaneidade; Cultura afro-brasileira, indígena e demais etnias; Contemporaneidade sul-mato-grossense.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Além disso, Os Referencias Curriculares da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul (2008, p. 63) enfatiza que

A Arte, na escola, não está para formar artistas em nenhuma expressão; está sim para ser refletida e discutida com os estudantes na essência do ser como criador, político e crítico na busca de mais reflexão, sensibilidade e percepção, interagindo com propriedade. Assim posto, os estudantes devem praticar seus exercícios e apreciações artísticas com posicionamentos e contextualizações do mundo regional, nacional e internacional.

Observa que o documento normativo que orienta e ancora as ações das escolas públicas da rede Estadual de Ensino no Estado de Mato Grosso do Sul menciona a Música em linhas gerais nos conteúdos do Ensino Fundamental. Educação Básica I e II “Conhecimento e expressão da arte internacional e nacional com ênfase na cultura de Mato Grosso do Sul, por meio da história da arte e elementos das linguagens visuais, musicais e teatrais”; Educação Básica III “Expressões musicais, teatrais e visuais”, porém faz presente sua ênfase em cada bimestre “Canções infantis, música popular e erudita” apenas na Educação Básica I nas demais séries não aparecem explicitamente. Pensando no contexto de longo conteúdo associado a carga horária reduzida, pode ser que o conteúdo de música no componente curricular Artes vem sendo abordado superficialmente,

A SED/MS *apud* Cáricol (2011 p. 13) sobre o panorama do ensino musical nas escolas públicas da rede estadual de ensino sobre as iniciativas da Secretaria em relação à nova determinação do Ministério da Educação sob a lei nº 11.769, sancionada em 18 de agosto de 2008, cujo o teor determina que a música deve ser conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica a partir de agosto do ano de 2011, informou que

“Informamos que desde 2007, a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul incluiu música no referencial curricular e esta é trabalhada nas aulas de artes por professores em constante capacitação. Esta Secretaria promove, por meio do Comitê da Cultura e Esporte Escolar, a formação continuada dos professores da disciplina de Artes para ministrarem conteúdos de música, cujo objetivo não é a formação musical, mas desenvolver a criatividade, sensibilidade, o prazer artístico e integração entre os estudantes. Como complementação do trabalho, realizam o “Projeto Cultura e Esporte Escolar nas Escolas Estaduais de Mato Grosso do Sul”, no qual são ministradas aulas extracurriculares no contra turno nas linguagens musicais: violão, flauta doce, canto coral, bandas e fanfarras, culminando com um festival anual entre as escolas, envolvendo todas as linguagens musicais supramencionadas. Mesmo sabendo que, até o momento, já atende a todas as exigências da referida lei, esta Secretaria está reestruturando o Referencial Curricular da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul que contemplará o conteúdo específico de música, visando à implantação da música como Disciplina Curricular (modalidade de ensino: linguagem)”.

No entanto, a SED até a presente data não implementou a reestruturação do Referencial Curricular só publicou duas resoluções no ano de 2018 e uma no ano de 2019, sobre as normatizações do Programa Arte e Cultura na Escola. A primeira, tratando sobre a estrutura e seus objetivos; a segunda, revogando o Parágrafo 1º do Artigo 14 da resolução anterior que normatiza a atribuição das aulas no Programa e a terceira alterando o Inciso III do artigo 3º do primeiro documento que versa sobre os objetivos do Programa e também indicar os endereços eletrônicos onde encontram disponíveis orientações e procedimentos para implementação do Programa.

A Resolução SED n. 3.398, de 12 de janeiro de 2018 normatiza o que compõem as aulas do Programa: Arte e Cultura na Escola, nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. De acordo com o Art. 2º

O Programa: Arte e Cultura na Escola é constituído por atividades artístico-culturais oferecidas no contraturno das escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, como meio de desenvolvimento humano, para contribuir no processo educacional, promover a formação integral do educando e da comunidade escolar na valorização do ambiente de ensino-aprendizagem como um elemento de interação social.

A mesma resolução no Art. 3º estabelece que os objetivos do Programa: Arte e Cultura na Escola, nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul são

I – Promover o desenvolvimento integral do educando, como condição necessária para a construção da educação e

cidadania e da melhoria da qualidade de vida da comunidade local, por meio de atividades artístico-culturais. II – Envolver os estudantes em vivências que desenvolvam suas capacidades de ação reflexiva, crítica e transformadora, e competências vinculadas aos aspectos conceitual (fatos, conceitos e princípios), procedimental (ligados ao fazer) e atitudinal (normas, valores e atitudes). III – Demonstrar e promover atividades culturais de caráter formativo e educacional sobre as diversas atividades artísticas (música, artes visuais, dança, teatro e cultura popular), para o pleno desenvolvimento humano, e valorizar os elementos culturais locais, regionais e nacionais. IV – Oferecer atividades artísticas com a finalidade de promover e estimular a criatividade, produção artística, conhecimentos e práticas educativas no contexto cultural a fim de diminuir os índices de evasão e repetência escolar. V – Contribuir para a compreensão da arte como campo de conhecimentos, bem como forma de expressão e comunicação, e estimular a percepção e a manifestação da diversidade cultural como direito de todos

Esse documento normativo no Art. 4º define o perfil do profissional apto a ministrar as aulas do Programa: Arte e Cultura na Escola; uma vez que as aulas serão:

[...]serão ministradas, preferencialmente, por professores com habilitação em Artes Cênicas/ Teatro, Artes Visuais, Música, Dança e Educação Física, ou licenciados em outra área com comprovação (certificados) na área artística solicitada, para os Projetos de Atividades Culturais.

A Resolução/SED N. 3.401, de 23 de Janeiro de 2018. Altera o parágrafo 1º do art. 14. da Resolução/SED n. 3.398, de 12 de janeiro de 2018, passando a vigorar a seguinte redação:

Art. 14. § 1º A escolha do profissional será sempre analisada e definida pela Coordenadoria Regional de Educação. Caso haja necessidade de substituição, caberá à Coordenadoria a indicação de outro profissional. (N.R.)

Um documento foi publicado no ano de 2019, a Resolução/SED N. 3.558, de 23 de janeiro de 2019, surge com a finalidade de Alterar o Inciso III do artigo 3º da Resolução SED/MS n. 3.398, de 12 de janeiro de 2018, que versa sobre os objetivos do Programa Arte e Cultura na Escola, nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, passando a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 3º III – Demonstrar e promover atividades culturais de caráter formativo e educacional sobre as diversas atividades artísticas (música, artes visuais, dança, teatro, capoeira e cinema) para o pleno desenvolvimento humano, e valorizar os elementos culturais locais, regionais e nacionais;

O Art. 2º desse novo instrumento versa também sobre a disponibilização no site da Secretaria de Estado de Educação (www.sed.ms.gov.br) e da Fundação de Desporto e Lazer de Mato Grosso do Sul/FUNDESORTE (www.fundesporte.ms.gov.br) as orientações e procedimentos para a implantação do Programa nas escolas.

5.2- Breve Relato do Ensino da Música na Rede Municipal de Ensino no Município de Aquidauana-MS.

A resolução de nº 006 de 27 de janeiro de 2011, conjunta do Conselho Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Educação (na época Gerência de Educação) do Município de Aquidauana, dispõe sobre a organização curricular e o regime escolar do Ensino Fundamental para a Rede Municipal de Ensino de Aquidauana.

De acordo com o Anexo I da referida Resolução a Matriz Curricular - Ensino Fundamental – Área urbana e distritos está organizado com a duração de nove anos com as respectivas áreas do conhecimento e carga horária como consta no (Quadro 5) a seguir:

Quadro 5: Matriz curricular- Ensino Fundamental- Área urbana e distritos

Áreas de Conhecimento		1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano
Base Nacional Comum	Língua Portuguesa	06	06	06	06	06	04	04	04	04
	Matemática	04	04	04	04	04	04	04	04	04
	Ciências	02	02	02	02	02	02	02	03	03
	História	02	02	02	02	02	02	03	02	03
	Geografia	02	02	02	02	02	03	02	03	02
	Artes	02	02	02	01	01	01	01	01	01
	Educação Religiosa	-	-	-	-	-	01	01	01	01
Educação Física	02	02	02	02	02	02	02	02	02	
Parte Diversificada	Língua Estrangeira - Inglês	-	-	-	01	01	02	02	01	01
Total da Carga Horária	Semanal em h/a	20	20	20	20	20	21	21	21	21

	Anual em h/a	800	800	800	800	800	840	840	840	840
--	--------------	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Fonte: SEMED, Aquidauana, 2012.

Na Rede Municipal de Ensino de Aquidauana, a Educação Básica I e II, o conteúdo de música é abordado em áreas do conhecimento, base nacional comum no componente curricular Artes.

De acordo com a matriz curricular da Rede Municipal de Ensino o componente Artes para 1º ano do Ensino Fundamental apresenta o seguinte conteúdo para ser trabalho nos quatro bimestres (Quadro 6):

Quadro 6: Ensino Fundamental I e II.

Ano	Conteúdo
1º ano	Sons do corpo, da rua e da natureza (exploração e reprodução utilizando: poema, dramatização, músicas); Jogos teatrais (representação através de poesias, músicas, histórias infantis, lendas e parlendas); Instrumentos musicais (exploração, percussão e sopro); Música da Cultura Popular e Regional; Elementos sonoros, altura, duração, intensidade, sons e ritmos; Cantigas populares (cantigas de roda, ex: escravos de Jó, pirulito- que- batebate e sapo); Instrumentos musicais de corda (exploração do mesmo); Brinquedos cantados, jogo da velha, cinco Maria, bilboquê, peteca, vai-e-vem, pião, pipa, etc; Brincadeiras (cobra cega, balança caixão, passa anel, salada mista, dança das cadeiras, pula elástico, amarelinha); Danças populares e dramatização.
2º Ano	Jogos teatrais (expressão facial, voz, corpo, espaço); Monocromia; Instrumentos musicais (construção exploração dos instrumentos); História em Quadrinhos; Cores primárias e secundárias; Brinquedos populares (construção e histórico); Música Popular Regional e Brasileira; Teatro de bonecos (sombras e varas); Trabalho com impressão (identificação e agrupamento de diferentes texturas).
3º Ano	Cores primárias, secundárias e terciárias, Expressões dramáticas (explorando o espaço, corpo e respiração); Caricaturas; Festas Folclóricas e folguedos; Teatro de bonecos (fantoques, dedoches); Folclore em Mato Grosso do Sul); Criação de Histórias em Quadrinhos; Policromia; Cores frias;

	Elementos cênicos, cenários, figurino, adereço, iluminação, maquiagem, sonoplastia; Cores quentes; Criação de peças teatrais com textos curtos; Folclore: linguagem, música e literatura em Mato Grosso do Sul; Pintores que retratam a cultura sul-mato-grossense; Ritmos musicais; Danças regionais e de várias etnias; Cores neutras
4º Ano	Cores frias. Elementos cênicos, cenários, figurino, adereço, iluminação, maquiagem, sonoplastia; Cores quentes. Criação de peças teatrais com textos curtos; Folclore: linguagem, música e literatura em Mato Grosso do Sul. Pintores que retratam a cultura sul-mato-grossense; Ritmos musicais. Danças regionais e de várias etnias. Cores neutras;
5º Ano	Cores primárias, secundárias, terciárias, frias, quentes e neutras; Folclore no Brasil; Folclore em Mato Grosso do Sul; Teatro de bonecos com sucatas; Teatro em Mato Grosso do Sul; Folclore, literatura, lendas, mitos e causos regionais e estaduais; Música em Mato Grosso do Sul; Artesanatos típicos de Mato Grosso do Sul (palha, madeira, pintura, escultura); Arte na pré-história à Idade Média; Pré-história da arte: regional, nacional e internacional; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Arte na Pré-história à Idade Média; Arte no Egito, Arte na Grécia e Arte em Roma; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Arte na Pré-história à Idade Média; Arte Bizantina, Arte Romana e Arte Gótica; Elementos da linguagem visual, musical e teatral, Arte indígena brasileira; Arte indígena brasileira: regional, nacional; Cultura Arte afro-brasileira e outras etnias; Elementos da linguagem visual, musical e teatral.
6º Ano	Arte na pré-história à Idade Média; Pré-história da arte: regional, nacional e internacional; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Arte na Pré-história à Idade Média; Arte no Egito, Arte na Grécia e Arte em Roma; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Arte na Pré-história à Idade Média; Arte Bizantina, Arte Romana e Arte Gótica; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Arte indígena brasileira; Arte indígena brasileira: regional, nacional; Cultura Arte afro-brasileira e outras etnias; Elementos da linguagem visual, musical e teatral.

7º Ano	Renascimento da arte; Renascimento italiano, Renascimento nos Países Baixos e Renascimento Germânico; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Renascimento da arte; Maneirismo, Renascença Tardia e Renascença Espanhola; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Barroco europeu; Italiano, Flamengo e Holandês; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Barroco europeu; Inglês, Espanhol, Francês e Rococó; Elementos da linguagem visual, musical e teatral.
8º Ano	Arte no Brasil colônia à república; A Arte Barroca, missão Artística Francesa, Arte Acadêmica e a Superação do Academicismo, Arte no Final do Império e começo da República; Cultura Popular e Erudita Nacional; Cultura e Arte Afro-brasileira e outras etnias; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Movimentos artísticos internacionais no século XX- Arte Moderna; Expressionismo, Fauvismo, Cubismo e Abstracionismo; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Movimentos artísticos internacionais no século XX- Arte Moderna; Futurismo, Dadaísmo e Surrealismo; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Arte do século XX no Brasil; Movimento Modernista: Semana de Arte Moderna, Movimento Pós Semana de Arte Moderna; Cultura Popular e Erudita Nacional; Arte e Cultura de Mato Grosso do Sul; Cultura e Arte afro-brasileira e outras etnias; Elementos da linguagem visual, musical e teatral.
9º ano	Final do século XX e arte Contemporânea internacional; Op –Art, Pop-Art, Minimalismo e Arte Conceitual; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Arte no final do século XX e início do século XXI; Arte Contemporânea Nacional; Cultura e Arte afro-brasileira e outras etnias; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Arte no final do século XX e início do século XXI; Arte Contemporânea Regional; Cultura e Arte afro-brasileira e outras etnias; Elementos da linguagem visual, musical e teatral; Mato Grosso do Sul; Cultura e Arte de Mato Grosso do Sul; Cultura e Arte afro-brasileira e outras etnias; Elementos da linguagem visual, musical e teatral.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018

Observa-se uma proposição de conteúdo extenso e carga horária muito reduzida 2 horas-aula semanais do 1º ao 3º do fundamental e 1 hora-aula semanal nas demais séries.

A música se faz presente em todos os bimestres de todas as séries bem como as demais linguagens artísticas, no entanto paira uma incógnita sobre suas abordagens.

Contudo na Rede Municipal de Ensino do município de Aquidauana, as escolas oferecem em forma de projeto diversas atividades extracurriculares no contra turno. Dentre estes, são contemplados Bandas e Fanfarras. No caso da escola Erso Gomes, onde transcorreu a parte prática desse estudo, entre outras iniciativas ofertadas no período oposto de aula em sala, está a Banda no horário de 17:15h às 18:15h, todos os dias da semana, portanto 5 horas de aula.

De acordo com informações da gestão escolar, para que esse projeto ocorra na Instituição de ensino, a equipe gestora tem que manifestar interesse cabendo ao profissional regente da Banda redigir um projeto e encaminhar a direção. Esta apresenta o documento a Secretaria Municipal de Educação que concede o aval para o seu funcionamento.

Atividades de cunho musical, vem ocorrendo nas escolas fora da disciplina como: banda marcial, atividades extracurriculares e projetos. Dessa forma, após a vigência da Lei nº 11.679/2008, observa-se que pouco tem sido feito para implantar a educação musical nas escolas. Agora contribuir para o fortalecimento de uma proposta comum de regulamentação da nova lei é a próxima fase primordial a ser trilhada na implantação de uma educação musical efetiva e de qualidade para todos.

Nesse sentido, profissionais da educação musical, da música e da educação precisam estar dispostos a realizar um espaço de diálogo e debate temático, estabelecendo encaminhamentos para que a música adentre as escolas de forma plena. Contudo é necessário que estas discussões temáticas concretizem de forma consistente e contundente nas escolas, considerando os vários fatores que estão envolvidos na organização curricular e não enxergando nas ações com músicas nas instituições de ensino um cabide de emprego ou complemento de renda.

6- A MÚSICA NO ENSINO DA GEOGRAFIA DO BIOMA PANTANAL COM ALUNOS DA ESCOLA MUNICIPAL ERSO GOMES

As sequentes e velozes mudanças da sociedade contemporânea provocam demandas que exigem do professor uma renovada conduta, conexão com o conhecimento, uma vez que ele é o condutor desse processo. Isso suscita buscar aprendizagem, desenvolver competências, evolução de concepções, reconstruir o fazer docente com um novo perfil profissional. Além de conhecer o referencial teórico da disciplina, cabe ao docente a prática de ensino que estimula o estudante assumir uma postura ativa, partindo da valorização dos saberes já construídos, com base num posicionamento reflexivo, investigativo e crítico, possibilitando ao aluno exercitar uma atitude apreciativa e construtiva da temática estudada.

Nesse sentido, o estudo realizado com alunos do ensino fundamental II da escola municipal Erso Gomes no Município de Aquidauana-MS versando sobre o Bioma Pantanal, utilizou a música regional como metodologia de ensino na perspectiva de promover uma aprendizagem significativa atingindo as competências e habilidades que o estudante necessita alcançar.

A utilização da música na aula de Geografia do Bioma Pantanal suscitou ações integrativas, onde o aluno tornou-se participativo e despertado para um outro olhar sobre o espaço em que está inserido.

Ferreira (2012, p. 29), argumenta que "[...] a música tem em si o potencial para modificar e dinamizar a aula de geografia [...]", sendo que "[...] cabe ao professor fazer com que ela seja uma área da ciência agradável e desperte no aluno o interesse em explorá-la".

Dessa forma, partindo do tema gerador Representando e cantando o bioma Pantanal em sala de aula esse estudo aproximou dos estudantes com a finalidade de que esses pudessem identificar as características do bioma Pantanal nas letras das músicas selecionadas e trabalhadas nas aulas. Extração de fragmentos textuais da música que relacionam com a regionalidade, elementos característicos do bioma pantanal, aproximando assim os alunos do seu cotidiano. Dessa forma as ações desenrolaram-se em cinco fases.

1ª FASE: Aula Expositiva, Dialogadas e Ilustrativas

Num primeiro momento apoiado na ação tempestade de ideias foi realizado uma aula expositiva dialogada com rodas de conversa sobre o ideário dos estudantes a respeito do conceito de bioma e suas respectivas características.

As percepções dos estudantes foram destacadas como ‘grande quantidade de vida’, “reunião de plantas numa área”. Foi enfatizado “plantas e animais em grande quantidade num só lugar”. Também apontou “áreas diferentes seca, úmida, bastante encharcada, fria, quente.

Observa-se que o aluno traz um conhecimento sobre o tema cabendo ao professor direcionar o aperfeiçoamento dessa construção teórica. Dessa forma foi salientado que o Bioma representa um conjunto de fauna, flora que expressam uma constante interação entre os elementos da natureza destacando o relevo, o clima, a vegetação, mas que o solo, estrutura geológica dentre outros também são importantes. Enfim é resultante de uma abordagem integrada da dinâmica da natureza numa área e que no território brasileiro existem um quantitativo de seis biomas: Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica, Caatinga, Pampa e Pantanal.

Após isso foi distribuído cópia do mapa com a divisão político administrativa do Brasil e solicitado aos estudantes que indicassem a localização de cada bioma citado. Depois, foi distribuído cópia do mapa dos biomas e cada aluno realizou comparação com a marcação delimitada no mapa anterior, corrigindo os possíveis desvios de contornos, balizando os limites.

Em seguida houve uma roda de conversa sobre, o clima, a vegetação, a fauna, de cada local ressaltando que a classificação dos biomas considera a interação entre esses elementos da natureza que se influenciam mutuamente sobressaindo a vegetação. Houve a leitura do texto do livro didático sobre os biomas com a turma, esclarecimento de dúvidas e exploração das imagens de cada local.

Logo após, os alunos formaram grupos, escolheram um bioma para representar num cartaz informativo baseado nas próprias anotações, informações do texto e do espaço de diálogo e debate em sala de aula. As ilustrações foram realizadas com colagem (figura 6) e desenhos inspirados nas imagens de referência. Nesse trabalho será dado ênfase ao bioma Pantanal aos aspectos de fauna, flora, recursos hídricos, cadeia produtiva do

agronegócio, aspectos físicos, sociais. Após falar sobre as divisões dos Pantanaís, foi distribuído cópia do mapa com as delimitações e debatido aspectos característicos de cada área e processado a execução da atividade proposta.

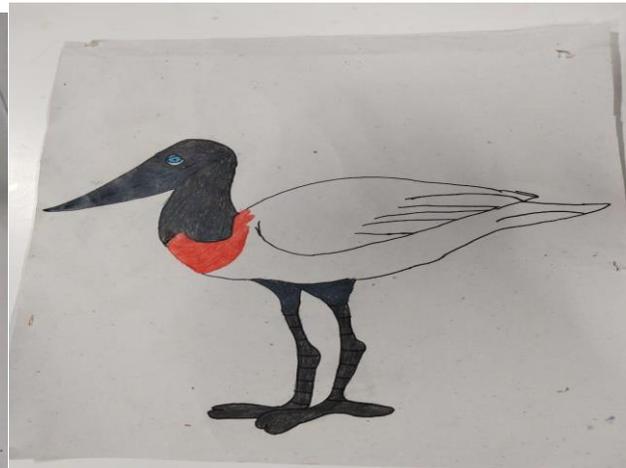
Figura 6: Recorte e colagem sobre - Paisagem Natural/Cultural



Organização: Arquivo pessoal do Autor, 2018.

Desenhos tema livre (Figura 7).

Figura 7: Desenhos elaborado pelos alunos da Escola Municipal Erso Gomes Fauna Pantaneira



Fonte: Organizado: Arquivo pessoal do autor, 2018.

2ª FASE: A Música na Análise Socioambiental do Pantanal

Na segunda fase foi distribuída cópia da letra da música e realizada a leitura, audição da canção com aparelho radio e conjunto multimídia notebook e datashow e diálogo com os alunos na perspectiva de identificar e debater os elementos geográficos do bioma Pantanal presente no texto. O repertório musical trabalhado foram: Boiadeiro Errante, Comitiva Esperança, Chalana, Trem do Pantanal, Ciranda Pantaneira.

Música: Boiadeiro Errante

Composição: Teddy Vieira (1959)

Interprete: Liu e Léu

Eu venho vindo de uma querência distante
Sou um boiadeiro errante que nasceu naquela
serra

O meu cavalo corre mais que o pensamento
Ele vem no passo lento porque ninguém me
espera

Tocando a boiada, uê, uê, uê, boi
Eu vou cortando estrada
Uê boi

Tocando a boiada, uê, uê, uê, boi
Eu vou cortando estrada

Toque o berrante com capricho Zé Vicente
Mostre para essa gente o clarim das alterosas
Pegue no laço não se entregue companheiro
Chame o cachorro campeiro que esta rês e
perigosa

Olhe na janela, uê, uê, uê, boi
Que linda donzela
Uê boi

Olhe na janela, uê, uê, uê, boi
Que linda donzela

Sou boiadeiro minha gente o que que há
Deixa o meu gado passar vou cumprir com a
minha sina

Lá na baixada quero ouvir a seriema
Pra lembrar de uma pequena que eu deixei lá em
Minas

Ela é culpada, uê, uê, uê, boi
Eu viver nas estradas
Uê boi

Ela é culpada, uê, uê, uê, boi
Eu viver nas estradas

O rio tá calmo e a boiada vai nadando
Veja aquele boi berrando Chico Bento corre lá
Lace o mestiço salve ele das piranhas
Tire o gado das campanhas pra viagem continuar

Com destino a Goiás, uê, uê, uê, boi
Deixei Minas Gerais
Uê boi

Com destino a Goiás, uê, uê, uê, boi
Deixei Minas Gerais

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/liu-e-leo/891869/Acesso: 10/05/2017>

Faz-se presente no texto da música - Boiadeiro Errante - a representação do mundo rural pantaneiro, transitando do aspecto bucólico ao astucioso mundo contemporâneo. A paisagem desse bioma, área de difícil acesso, o desbravamento da área pelo peão boiadeiro na lida com o gado. Mas também permitiu associações com a cadeia produtiva do agronegócio representada pela pecuária, turismo, interferências no meio natural influenciado pelo meio técnico-científico-informacional. Possibilitou enfatizar também as desigualdades sociais alimentadas pela sociedade de classes e reproduzida nas relações de trabalho, segmentando socioespacialmente o peão em relação ao fazendeiro dono do meio de produção e maior lucrador com os recursos que o meio (bioma Pantanal) oferece.

Enfatizado por Santos; Silveira (2001) o meio técnico e científico informacional brasileiro se desenvolve no período de investimentos de técnicas no meio rural crescente divisão social do trabalho, surgindo a figura do assalariado rural. Assim foi tecido reflexões com os alunos como essas configurações sócio espacial se materializam no Bioma Pantanal

Sobre essa música destaca-se o seguinte comentário na fala de alunos: "... o local é caracterizado por grande área inóspita (de mata) fechada por onde os vaqueiros com suas comitivas cortavam e faziam desbravamento das estradas". (Discente do 6º ano A) "Foram os boiadeiros que abriram caminhos, foi surgindo estradas, com seu cavalo, com o berrante e o gado, levando em sua bagagem historias e a saudade de casa". (Discente do 8º ano A).

Música: Comitiva Esperança

Compositor: Almir Sater e Paulo Simões (1983)

Intérprete: Almir Sater

Nossa viagem não é ligeira, ninguém tem pressa de chegar
 A nossa estrada, é boiadeira, não interessa onde vai dar
 Onde a Comitiva Esperança, chega já começa a festança
 Através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás
 Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai

Tá de passagem, abre a porteira, conforme for pra pernoitar
 Se a gente é boa, hospitaleira, a Comitiva vai tocar
 Moda ligeira, que é uma doideira, assanha o povo e faz dançar
 Oh moda lenta que faz sonhar
 Onde a Comitiva Esperança chega já começa a festança
 Através do Rio Negro, Nhecolândia e Paiaguás
 Vai descendo o Piqueri, o São Lourenço e o Paraguai
 Ê, tempo bom que tava por lá,
 Nem vontade de regressar
 Só vortemo eu vô confessar
 É que as águas chegaram em Janeiro, descolamos um barco ligeiro
 Fomos pra Corumbá

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44077/> Acesso: 10/05/2017

A letra da música Comitiva Esperança, apresenta aspectos relacionados a Bacia Hidrográfica do Rio Paraguai, do relevo, do clima, da hidrologia e a dinâmica das águas no pantanal. Dessa forma foi enfatizado com os alunos conceito de bacia hidrográfica e caracterização da bacia hidrográfica do rio Paraguai.

De acordo com informações do Portal da EMBRAPA Pantanal e do IMASUL - Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul a Bacia do rio Paraguai consiste no conjunto de todos os recursos hídricos que convergem para a área banhada pelo rio Paraguai e seus afluentes. Possui extensão de aproximadamente 368 mil km² e abrange áreas dos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e os países vizinhos: Argentina, Paraguai e Bolívia. O rio Paraguai é o Canal de primeira ordem, nasce em território brasileiro, nas Chapadas dos Parecis, no estado de Mato Grosso. A foz encontra-se no

rio Paraná, sendo navegável próximo no município de Cáceres em Mato Grosso, no Estado de Mato Grosso do Sul até a foz do rio Apa. A bacia pode ser dividida em duas regiões sendo região de Planalto, que abrange terras acima de 200 m de altitude; a região do Pantanal, terras de menos de 200m de altitude.

O texto musical possibilitou também estudar com os alunos a paisagem considerando seus aspectos concretos e seus elementos de percepção, destacando que o elemento marcante é a vegetação que é muito frágil e que é muito vulnerável as ações de impactos, enfatizando a materialização desse processo no bioma Pantanal

Para Corrêa e Rosendahl, (1998) as paisagens são históricas, pois sempre resultam das ações das pessoas sobre o ambiente ao longo do tempo e, como ocorrem em determinadas áreas, apresentam uma dimensão espacial. A paisagem é portadora de significados, expressando os valores, as crenças, os mitos e as utopias dos seres que as habitam, tendo, portanto, uma dimensão cultural, realidade expressiva no Bioma Pantanal.

O texto da música permitiu enfatizar com os discentes a dinâmica hidrológica no Pantanal, considerando o período de cheias de outubro a março onde os eventos de precipitação nas cabeceiras do planalto escoam paulatinamente pelas distintas sub-regiões da planície pantaneira.

De acordo com Santos, (et all,. 2007, p.1).

O Pantanal apresenta clima tropical com duas estações definidas: chuva e seca. A estação seca refere-se ao período com baixos valores de precipitação que ocorre em todos os anos. Já, a estiagem representa a ausência total de chuvas, independente da estação do ano, fato que está ocorrendo atualmente na região do Pantanal. A estação da seca pode ser mais ou menos intensa, dependente da distribuição/intensidade das chuvas que é variável dentro e entre anos e sub-regiões do Pantanal.

Além disso, dialogou-se com os alunos sobre como as ações materializadas no território pantaneiro influenciam e impactam a agricultura, a pecuária, a variabilidade climática e os recursos hídricos, quais os reflexos dos períodos de seca e cheia para os moradores do pantanal, população ribeirinha peões, criadores de gado como também no contexto regional e até nacional.

Foi observado com os estudantes as manifestações culturais presentes no pantanal contempladas na música e foi citado as cantigas populares, a moda de viola caipira e o sertanejo; o Chamamé, Guarânia, Vanerão e Polca Paraguaia. Os instrumentos de som (figura 8), mais utilizados são a viola de cocho, ganzá, adufe e do mocho.

Figura 8: Instrumentos típicos do Pantanal



Viola de cocho

Fonte: Google

Ganzá

Adufe

Mocho

Os autores Rosseto e Brasil Junior (2003, p. 15) destacam que

A paisagem cultural do Pantanal [...] revela, a um só tempo, elementos tradicionais e elementos da modernização, indicando um processo onde os saberes tradicionais se confundem com os saberes da modernidade. Alguns permanecem e proliferam com o correr dos anos, assumindo novas identidades, outros desaparecem; porém, sobrevivem na memória dos pantaneiros mais antigos.

Observações do aluno referente a esta música “aborda as sub-regiões do Pantanal. (Discente 9º ano A) “Nas cheias em áreas de difícil acesso precisa ser organizado em comitivas para levar o gado para a parte alta. ” (Discente do 9º ano A)

Referindo-se a hidrologia no Pantanal além de ser uma imensa planície de áreas alagáveis, possui rios de grandes e pequenas extensões, formando uma trama hidrográfica complexa. A letra da música faz inferências aos principais cursos d’água que de acordo com Tucci (1998, p. 2) são

A área de drenagem da bacia do Alto Paraguai é de 496.000 km² , cobre regiões da Bolívia, Paraguai (limite na foz do rio Apa) e dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os principais formadores do rio Paraguai (Figura 9) são os rios Cuiabá, São Lourenço, Piquiri, Taquari, Miranda e Negro, todos pela margem esquerda.

Figura 9: Divisão dos Pantanaís com respectivas bacias hidrográficas



Fonte: Souza e Cunha, 2004. Adaptado de Silva e Abdon, 1998

Música: Chalana

Composição: Arlindo Pinto / Mario Zan (1954)

Interprete: Almir Sater

Lá vai uma chalana
 Bem longe se vai
 Navegando no remanso
 Do rio Paraguai
 Oh! Chalana sem querer
 Tu aumentas minha dor
 Nessas águas tão serenas
 Vai levando meu amor
 Oh! Chalana sem querer
 Tu aumentas minha dor

Nessas águas tão serenas
 Vai levando meu amor
 E assim ela se foi
 Nem de mim se despediu
 A chalana vai sumindo
 Na curva lá do rio
 E se ela vai magoada
 Eu bem sei que tem razão
 Fui ingrato, eu feri
 O seu pobre coração

Oh! Chalana sem querer
 Tu aumentas minha dor
 Nessas águas tão serenas
 Vai levando meu amor
 Oh! Chalana sem querer
 Tu aumentas minha dor
 Nessas águas tão serenas
 Vai levando meu amor

Disponível em <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44076/> Acesso em: 07/05/2017

A letra da música Chalana possibilitou desenvolver com os alunos pesquisa sobre o histórico do transporte na área do Bioma Pantanal, partindo das embarcações, ferrovias até as rodovias e as influências e repercussões dessas modalidades de locomoção nos contextos social, econômico e ambiental. O aluno do 9º ano enfatizou que a música “retrata o meio de deslocamento que foi mais utilizado no pantanal”.

As narrativas desse enredo remontam ao século XVI quando a navegação foi um recurso muito utilizado pelos nativos e também viabilizou o povoamento do Brasil Central através da entrada dos portugueses e espanhóis no estabelecimento dos domínios territoriais. O acesso a região se dava pelo rio do Prata até Cáceres e Cuiabá, sendo que transformações ocorridas nas modalidades de embarcações evolução das canoas, os batelões, as pranchas, até as modernas embarcações a motor associado a maior capacidade de carga e de velocidade transcorreu também os impactos no ambiente fluvial e região somados a influência das atividades econômicas lavoura de subsistência, mineração, pecuária, turismo.

Um marco de extrema importância no contexto do Bioma Pantanal foi o surgimento da ferrovia, a idealização e operação da obra entre 1905 e 1914 com operação de fato em 1952. Muitos autores evocam sua gênese associada às estratégias de defesa do território nacional, integração territorial, localização de um ponto no rio Paraguai com potencialidade para a navegação o ano todo, sendo encontrando na região de Corumbá. Assim foi construída a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB), partindo da região central do estado de São Paulo, município de Bauru, com traçado conectando um ramal na cidade de Campo Grande, o município de Corumbá, fazendo integração com a rede ferroviária boliviana até Santa Cruz de La Sierra, originando nesse trajeto muitos núcleos urbanos além da entrada de capital estrangeiro no Brasil e na região do Pantanal, bem como incentivos a exportação. De acordo com Garcia (2004, p.244).

Com a chegada dos trilhos da Noroeste a Porto Esperança, a entrada sul da fronteira oeste tornou-se acessível diretamente pelo Estado brasileiro, de forma rápida e segura, sem depender de atravessar territórios de outros países ou de tratados internacionais, como ocorria até então para chegar a Mato Grosso, cujo trajeto se dava pelo longo percurso marítimo e fluvial pelo Rio da Prata.

Com o surgimento e aprimoramento das rodovias potencializou agilidade no deslocamento, a navegação e ferrovia gradativamente cedem espaço aos automóveis, conseqüentemente interferências nos aspectos sociais, na flora e fauna da região. Pesquisa publicada pelo Instituto Homem Pantaneiro no ano de 2018 apontou que o quantitativo em torno de seis animais silvestres morre atropelado diariamente na BR-262, via de acesso ao Pantanal no Estado de Mato Grosso do Sul. Fator resultante do tráfego intenso de carros e o deslocamento dos animais na estrada. O estudo destaca

também que as espécies mais atingidas são répteis, mamíferos, aves e anfíbios, que acabam se adaptando à existência da estrada, e incorpora o trecho ao seu nicho associado aos seus hábitos em diferentes épocas do ano.

O pesquisador Arnaud Desbiez do Instituto de Pesquisa de Animais Silvestres (ICAS) que desde 1996 vem trabalhando com a temática, publicou informações em 2017 onde os dados reforçam que após anos de monitoramento e pesquisa, mesmo com implementação de redutores de velocidade, a evolução na redução desses acidentes foi mínima e que, entre estatísticas reportadas e não aludidas, estima-se que o número chega a 3 mil mortes por ano.

Além disso, foi averiguado com os estudantes os rastros das atividades de pesca e turismo no rio, potencialidades e problemas da região. O estudante destacou que a música “Retrata em suas letras o Pantanal e o rio Paraguai” Discente do 6º ano B.

Também foi enfatizado pela turma as políticas públicas governamentais nos últimos anos sobre abertura de estradas no pantanal para integrar regiões isoladas, visando fortalecer o setor produtivo da pecuária. Os estudantes destacaram falas que ouviram de muitos fazendeiros da região que a partir desse momento, com a chegada da cheia é possível retirar o gado pela estrada de cascalho sem registros de perdas, além disso é possível trafegar com carro. Ressaltaram também conversas de peões boiadeiros sobre as dificuldades para escoar o gado por falta de acesso, destacando que o boi saía a pé e na cheia centenas morriam carregados pela correnteza da água. Porém tais ações só visam na rentabilidade da cadeia produtiva do agronegócio representado na atividade da pecuária extensiva no Pantanal. Além disso alguns alunos salientaram o asfaltamento da Estrada Parque Piraputanga e os possíveis desdobramentos para a fauna da região bem como a paisagem bucólica que ela representava.

Música: Trem do Pantanal

Composição: Geraldo Roca / Paulo Simões (1975)

Interprete: Almir Sater

Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
 As estrelas do cruzeiro fazem um sinal
 De que este é o melhor caminho
 Pra quem é como eu, mais um fugitivo da guerra
 Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
 O povo lá em casa espera que eu mande um postal
 Dizendo que eu estou muito bem vivo
 Rumo a Santa Cruz de La Sierra
 Enquanto este velho trem atravessa o pantanal
 Só meu coração está batendo desigual
 Ele agora sabe que o medo viaja também
 Sobre todos os trilhos da terra

Disponível em: <https://www.letras.mus.br/almir-sater/44084/> acesso em 07/05/2017

O texto da música Trem do Pantanal possibilitou historiar com os alunos aspectos relativos a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil bem como contextos da geografia econômica materializada no Bioma Pantanal, a nostalgia em recordar o que foi sua existência associados aos relatos e causos de quem vivenciou parte da história. Foi perceptível o devaneio do aluno em relação a letra da música quando enfatizou "... sinto transportado para o Pantanal, é como uma viagem, nos instiga ao imaginário dos trilhos, a cada parada, na estação, causo diferente, uma comida peculiar, um sorriso, um olhar de esperança quando chega o trem". (Discente do 7º ano A)

Outro aluno explicitou sua introspecção com relação a música enfatizando que a "família aguardando por dias o postal do seu filho que está tão distante, sentir o seu cheiro na carta". (Discente do 6º ano A)

A trama dos acontecimentos é inerente aos meados do século XIX, sob a égide de desbravamento de uma área fronteiriça, inóspita, com acesso restrito por meio da navegação resultando em implicações nas relações diplomáticas somados a dinâmicas das águas na região além do futuro promissor do dinamismo econômico que a área vislumbrava, associado a defesa do território nacional bem como integração territorial e entreposto comercial. De acordo com Chirardello, (2002, p. 128)

A construção da NOB desbravou regiões dos Estados de São Paulo e de

Mato Grosso que, até então, não haviam sido ocupadas pelo homem branco. Foi no contexto da necessidade de assegurar a comunicação entre os territórios brasileiros e desvincular a região da tutela do mercado platino e inclui-la na zona de influência do emergente mercado paulista que, no final do século XIX e início do século XX, começou a construção da Estrada de Ferro NOB ligando o litoral paulista, em Santos, com as fronteiras do Brasil com a Bolívia, em Corumbá, no estado de Mato Grosso, ainda unificado. A inauguração da Estação Ferroviária em Campo Grande, em 1914, efetivou a linha tronco da ferrovia São Paulo a Mato Grosso do Sul.

Informações da Nilbyte Corporation dão conta que a primeira ferrovia do Brasil é originada no período imperial, datada de 30 de abril de 1854 denominada oficialmente Imperial Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro de Petrópolis, conhecida como Estrada de Ferro Mauá iniciativa privada do brasileiro Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Possuindo 14 km de extensão, ligava a cidade de Petrópolis ao Porto Mauá, no Rio de Janeiro, sendo que o transporte de cargas deu início em primeiro de novembro do mesmo ano.

De acordo com o escritor e consultor da área de metroferrovias *Wilson Roberto Holgado Munhoz* no ano de 1890 sob o regime republicano, a concessão da ferrovia foi passada ao Banco União de São Paulo, sendo que em 1904 a concessão foi transferida para a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (CEFNOB), mais tarde, Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (EFNOB), inaugurada em outubro de 1914. A meta da ferrovia era interligar o Oceano Atlântico, a partir da cidade de Santos, no Estado de São Paulo, e o Oceano Pacífico, na cidade de Arica, no Chile, atravessando o território boliviano. Em 1922 existia no Brasil um sistema ferroviário com, aproximadamente, 29.000 km de extensão, cerca de 2.000 locomotivas a vapor e 30.000 vagões em tráfego. Em 1939 ocorreu o início da substituição da tração a vapor pelas locomotivas movidas a óleo diesel e, em alguns casos, locomotivas elétricas.

Neste contexto histórico a cidade de Corumbá se destacava na incumbência de entreposto comercial em função da hidrovia, sendo favorita a sediar a estação. Porém nesse interim processou-se crise econômica, instabilidade na navegação com repercussão nas relações mercantil internacionais e a cidade de Campo Grande despontou no cenário absorvendo os principais movimentos mercadológicos da região se configurando como o principal centro comercial. Nesta conjuntura os trilhos da Noroeste chegam em Campo Grande no ano de 1914 e a Corumbá, em 15 de

dezembro de 1952. Assim, a NOB foi oficialmente inaugurada em Campo Grande em 1914. De acordo com a revista Brasil-Oeste, de março de 1958 (BRASIL, 2017a, p. 01):

[...] A primeira locomotiva a chegar no pátio de Campo Grande foi a de número 44 da E. F. Itapura-Corumbá, no dia 20/5/1914 (portanto, antes da data oficial de inauguração da estação), parando ao longo de uma plataforma improvisada como uma pilha de dormentes, ao lado de um vagão estacionário, que servia de estação. O primeiro trem de cargas percorreu os trilhos no perímetro urbano de Campo Grande no dia 30 de maio, quando a então vila contava com apenas 1.900 habitantes, alguns meses antes da inauguração oficial da estação.

A partir de 1940, na retórica da ferrovia consolidou o transporte de passageiros e mercadorias, tendo apogeu nos anos de 1970 e 1980. Porém o sistema ferroviário estatal entrou em decadência no início da década de 1990, sendo que em 1996 trafegou o último trem de passageiros da NOB. De acordo com Queiroz (1997, p 58):

A Estrada de Ferro NOB esteve integrada à RFFSA por quase 40 anos, desde 1957 a 1996, quando foi transferido para a iniciativa privada, através de leilão de todos os direitos de arrendamento e concessão da ferrovia para durante 30 anos, vencido pelo grupo empresarial norte americano Novoeste.

Ressalta-se que o processo de concessão da NOB deixou rastros de perdas sociais e econômicas para o Estado de Mato Grosso do Sul. Destaca-se o sucateamento das estações, abandono dos mobiliários, desgaste das linhas, suspensão do tráfego de passageiros e finalmente a paralização total das atividades ferroviárias no estado. Nesse cenário o governo vende o patrimônio público para a empresa privada, concedendo transferência com prazo determinado para a exploração, porém o acervo de bens continuou com o Estado. Os vínculos do urbano e a ferrovia significativo e materializado no espaço foi se exaurindo, sendo que o volume de negócios ganha outros cenários e finalidades. Somado a isso o descaso da empresa privada no gerenciamento e gestão da ferrovia: material rodante deficitário, poucos funcionários em atividades, inúmeros acidentes, trechos em constante manutenção dentre outros fatores.

Tentativas de retorno no ano de 2009 como projeto turístico, sob responsabilidade da empresa concessionária Serra Verde Express foi inaugurado fazendo o percurso de Campo Grande (Indubrasil), Terenos, Taunay, Piraputanga, Aquidauana e Miranda até o Pantanal de Corumbá.

No entanto só se converteu em um escoadouro de dinheiro público uma vez que foi desativado no ano de 2014, alegado pela empresa o baixo desempenho de velocidade da locomotiva, 15 km por hora totalizando 14 horas de percurso entre ida e volta. Não garantido o retorno da viagem no ponto de origem pelo turista, este na volta, aderiu ao ônibus. Somado a isso observa-se a não definição do papel das pequenas comunidades nessa empreitada, bem como a receptividade do turista além do tempo de permanência do turista em cada localidade por onde o trem fazia paradas, não ficando explicitado a geração de lucro e renda para cada ator social envolvido no processo sobre tudo para o pequeno comerciante.

Contudo a construção da estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB) Foi relevante no crescimento econômico de várias cidades, em seu traçado entre elas Campo Grande, Aquidauana, Miranda e Corumbá fomentou um fluxo populacional significativo atraindo imigrantes, transformando vilas e arraiais em cidade, estimulando a criação de fazendas voltadas para a agricultura e pecuária nos arredores dos núcleos urbanos, provocando profundas alterações nas orientações de correntes migratórias, intensificando as relações comerciais com a região sudeste e estimulou a construção de estradas facilitando o processo de comunicação e relações com esta além de uma grande disputa política na região.

**Música: Ciranda
Pantaneira**

Compositor: Chico
de Lacerda/ Moacir
de Lacerda/ Vander
Barreto (1979)

Interprete: Grupo

Acaba

Carandá é uma
planta

É planta do

Pantanal

Carandá é um

coqueiro

Coqueiro do

Pantanal

Da folha sai abanico

Abanico pra abanar

Sai esteira pra
deitar

Sai cavalo para
brincar

Sai esteira pra
deitar

Sai cavalo para
brincar

(Grupo Acaba! Em

busca da rez

perdida

do casco do cavalo,
um pedaço de

poema

Na face pantaneira,
um ponto de

partida)

Quem conhece

Carandá

Quem conhece
camalote

Quem conhece

Tarumã

É do Pantanal

Quem conhece

Carandá

Quem conhece

camalote

Quem conhece

Tarumã

É do Pantanal

(Ser pantaneiro é
sentir o cheiro da
fruta

Nadar em águas
barrentas, remar em
águas correntes

Ser pantaneiro é a
fuga da morte!

É a busca da vida)

Tem cheiro de
camalote

Tem gosto de

Tarumã

Tem cheiro de
camalote

Tem gosto de
Tarumã

Pantaneiro, chegou
a hora de você

cantar

Pantaneira, chegou
a hora de você

dançar
Me mostre essa
ciranda

Nascida no
Pantanal

Me mostre essa
ciranda

Nascida no
Pantanal

Marrequinha da
lagoa

Tuiuiú do Pantanal

Marrequinha da
lagoa

Tuiuiú do Pantanal
Marrequinha pega o

peixe

Tuiuiú já vem tomar
Marrequinha pega o

peixe

Tuiuiú já vem tomar
Marrequinha pega o

peixe

Tuiuiú já vem
tomar

Na beira de mil
lagoas, vou

remando minha
canoa

Na beira de mil
lagoas, vou

remando minha
canoa

Eu não passo dessa
toa, sou molhado

pela cheia
Eu não passo dessa
toa, sou molhado

pela cheia
Sou queimado pelo

sol

Na beira de mil
lagoas

Pipirá que vem
subindo

Peixe grande vem
atrás

Pipirá que vem
subindo

Peixe grande vem
atrás

Na flor deste
camalote, meu
canto não é de
morte

Na flor deste
camalote, meu
canto não é de
morte

Jenipapo é isca
forte, pescador do

Pantanal

Pantaneiro, chegou
a hora de você

cantar

Pantaneira, chegou
a hora de você

dançar

Me mostre essa
ciranda

Nascida no
Pantanal
Me mostre essa

ciranda
Nascida no

Pantanal

Sou burro
pantaneiro

Sou vaca pantaneira
Sou burro

pantaneiro

Sou vaca pantaneira
Na folha que a água

leva

Leva o bem e leva o
mal

Na folha que a água
leva

Leva o bem e leva o
mal

Eu sou burro
pantaneiro

Sou fruta do
Pantanal

Mas, onde nasce
Carandá, não nasce

Caraguatá

Onde nasce

Carandá, não nasce
Caraguatá

Onde tem

Caraguatá, tem
buraco de tatú

Onde tem

Caraguatá, tem
buraco de tatú

Onde tem
Caraguatá, cavalo
não pode andar
Pantaneiro, chegou
a hora de você

cantar
Pantaneira, chegou
a hora de você
dançar
Me mostre essa

ciranda
Nascida no
Pantanal
Me mostre essa
ciranda

Nascida no
Pantanal
Me mostre essa
ciranda

Nascida no
Pantanal

Disponível: <https://www.lettras.mus.br/grupo-acaba/ciranda-pantaneira/> Acesso em: 07/05/2017

Com o texto da música Ciranda Pantaneira foi possível realizar com os alunos uma abordagem sobre as características do pantanal nos aspectos da paisagem, flora, fauna, conceituar espécies endêmicas, invasivas e exóticas, além disso, explicar a distribuição dos organismos na superfície da Terra e especificamente no Bioma Pantanal, bem como entender os diferentes mecanismos e processos que concorrem para esta distribuição.

Os estudantes destacaram em suas falas “o autor descreve para o ouvinte as características do pantanal em seus aspectos de flora e fauna. ” (Discente do 6º ano A). Ressalta também a identificação das espécies que leram no texto em campo “...não dá para escolher um trecho musical e sim o conjunto da obra por inteira... pude observar de perto na aula de campo o tarumã, o carandá as vazantes, contemplar nas letras com o real”. (Discente do 7º ano B)

Contudo a configuração da paisagem vegetal é resultante dos aspectos climáticos, geomorfológicos, pedológicos em que ela se situa. Diante da diversidade dos tipos climáticos, das formas de relevo e dos solos que a superfície terrestre apresenta, a vegetação também se apresenta variada. Assim os domínios morfoclimáticos considera a interação entre os elementos da natureza (clima, vegetação, relevo, solo, estrutura geológica), que se influenciam mutuamente e possibilita individualizar diversas regiões e ressaltar o elemento de destaque, sintetizando as condições naturais do local através da vegetação.

Tal fator nos remete a compreender o conceito de "domínio morfoclimáticos" introduzido no Brasil pelo Geógrafo e professor Aziz Nacib Ab'Saber no livro “Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas”. Nesta obra o autor define o conceito como um conjunto espacial de certa ordem de grandeza territorial (de centenas de milhares a milhões de quilômetros quadrados de área) onde haja uma combinação característica de relevo, tipos de solos, formas de vegetação, hidrografia e condições climatológicas. Foram reconhecidos seis grandes domínios morfoclimáticos no Brasil sendo que o Pantanal se encontra inserido numa faixa de transição.

Cabe destacar que as áreas de transição, que separam os domínios morfoclimáticos principais, são faixas complexas, não restringindo somente a mudança entre os elementos definidores da paisagem, mas apresenta elementos de três ou mais domínios, cabe destacar que no interior deste e nas faixas de transição encontra-se fragmentos de paisagem diferente da que seria previsível para a área.

Esse acontecimento de acordo com a teoria de Aziz Nacib Ab'Saber está atrelada a fatores de exceção, tipos de solo mais pobres, maior altitude, maior umidade, presença de rios, lagoas até a flutuação climática que ocorreram no período geológico do Quaternário com oscilações entre clima úmidos e semi-áridos.

Referindo a estes aspectos para o Bioma Pantanal, é constituído de unidades paisagísticas que mesclam características dos domínios morfoclimáticos vizinhos, como também áreas onde a instabilidade das condições ecológicas deu origem a uma interação entre os elementos naturais que nada têm a ver com as características dos domínios circundantes. Associado também têm-se o fator de funcionamento como delta interno, onde a baixa declividade do relevo os rios que drenam a região demoram a vazar, inundando grande parte da planície trazendo grande fluxo de nutrientes, responsável pela alta densidade e diversidade da fauna da região, apresentando baixo índice de espécie endêmica.

Os solos apresentam com alto potencial alagadiço, baixa fertilidade, vegetação extremamente heterogênea, mesclando características de todos os domínios macroecológicos brasileiro, principalmente Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Caatinga. De acordo com a pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria Rosangela Dalla Corte no caso do Pantanal

É uma grande planície alagável localizada na região centro-oeste dos Estados do Mato-Grosso e Mato Grosso do Sul, devido sua localização é um ponto de encontro entre diversos biomas, entre eles a Amazônia e o Cerrado, portanto pode-se encontrar a fauna e a flora típicas desses três biomas. Apesar da grande biodiversidade, o número de espécies endêmicas é baixo, sendo que a maior parte do endemismo ocorre no grupo de peixes, no qual já foram identificados cerca de 15 espécies endêmicas.

Apesar de o fragmento do texto da música Ciranda Pantaneira do grupo ACABA: “Quem conhece carandá/ Quem conhece camalote/ Quem conhece tarumã/ É *do Pantanal*” revelar informações de espécies que não são endêmicas do Pantanal,

porém permite refletir sobre a complexidade geográfica que dá formação ao Bioma Pantanal bem como a sua forma *sui generis*.

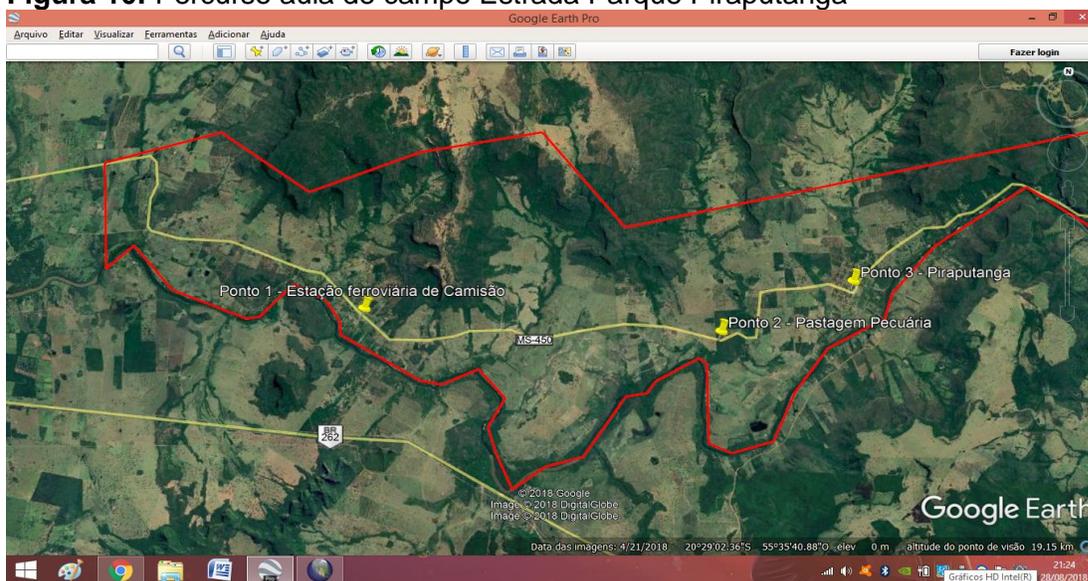
3ª fase: A Aula de Campo como Ferramenta para o Estudo do Meio no Ensino da Geografia

A terceira fase da ação partiu do pressuposto do estudo do meio e realizou aula de campo em áreas que representam características do bioma Pantanal com o intuito de capturar imagens, inventariar os elementos que compõem a produção do espaço geográfico, a paisagem e as interferências materializadas no espaço. Realizar exploração visual da temática de estudo

Nesse momento todas as informações foram anotadas no caderno de campo fazendo associações aos textos, letras de música e mapas previamente abordados em sala de aula, contemplando a percepção do estudante sobre o espaço investigado.

A visitação in loco foi realizada Estrada Parque Piraputanga e BR 419 estrada do Taboco (Figura 10) e (Figura 12). No primeiro trajeto foram realizadas parada em 3 pontos na: Estação ferroviária do distrito de Camisão, campo de pastagem pecuária e no núcleo urbano do distrito de Piraputanga.

Figura 10: Percurso aula de campo Estrada Parque Piraputanga



Fonte: Google Earth org por Rodrigues L.P (2018)

A Estrada Parque localiza-se no setor central do Estado de Mato Grosso do Sul, compreendendo aproximadamente 10.124,94 ha, aproximadamente 100km², disposta entre os paralelos 20° 28' 00" e 20° 31' 30" S e meridianos 55° 27' 30" e 55° 38' 00" W. Abrange os distritos de Camisão e Piraputanga (Aquidauana) e Palmeiras (Dois Irmãos do Buriti) MS. A APA da "Estrada Parque de Piraputanga" tem seu início próximo ao Córrego Fundo, de acordo com o mapa produzido pelo IMASUL (2000) e se estende até a BR 262, com extensão de 42,2 Km. Destes, parte está pavimentada e a outra em construção. Os principais pontos de acesso são a Rodovia BR-262 no km 468 adentrando a MS- 162 e, a partir da cidade de Aquidauana, pelo prolongamento da Rua Bichara Salamene, em direção à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Adicionalmente, no km 428 da BR 262, existe uma Estrada vicinal que alcança o distrito de Piraputanga (Figura 11). A região está inserida na Bacia do Rio Aquidauana (médio vale), justaposta à margem direita do rio homônimo, transcorrendo a Serra de Santa Bárbara, conhecida localmente como Serra de Aquidauana Soriano,(2006). O instrumento legal que ampara a "APA da Estrada Parque de Piraputanga" é o decreto estadual nº 9.937, de 05 de junho de 2000. Dentre os objetivos do documento estão a proteção, recuperação do conjunto paisagístico, ecológico e histórico-cultural, situado no entorno da bacia hidrográfica do Rio Aquidauana. No documento consta ainda que se incluem no conjunto de itens a serem protegidos as formações areníticas da Serra de Santa Bárbara, fazendo uso racional dos recursos ambientais, regulada na ocupação ordenada do solo, oferecendo e garantindo qualidade ambiental e de vida das comunidades autóctones (SANTOS, apud OLIVEIRA, 2017, p.27).

Apesar do grande ideário ambiental envolvido na criação da APA, o conselho gestor foi instituído após longos debates entre a Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul – Fundtur /MS, o Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul - Imasul, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - Sebrae/MS, a Fundação de Turismo de Aquidauana - FTA e a Associação de Desenvolvimento do Turismo da Estrada Parque de Piraputanga - Atupark, cujas deliberações resultaram no decreto estadual nº 13.412 de 26 de Abril 2012 (MENEZES apud OLIVEIRA, 2017, p.27).

Figura 11: Aula à campo: Estrada Parque Piraputanga - Aquidauana MS



A-Estação ferroviária do distrito de Camisão



B-Estação ferroviária do distrito de Camisão



C- Campo de pastagem pecuária

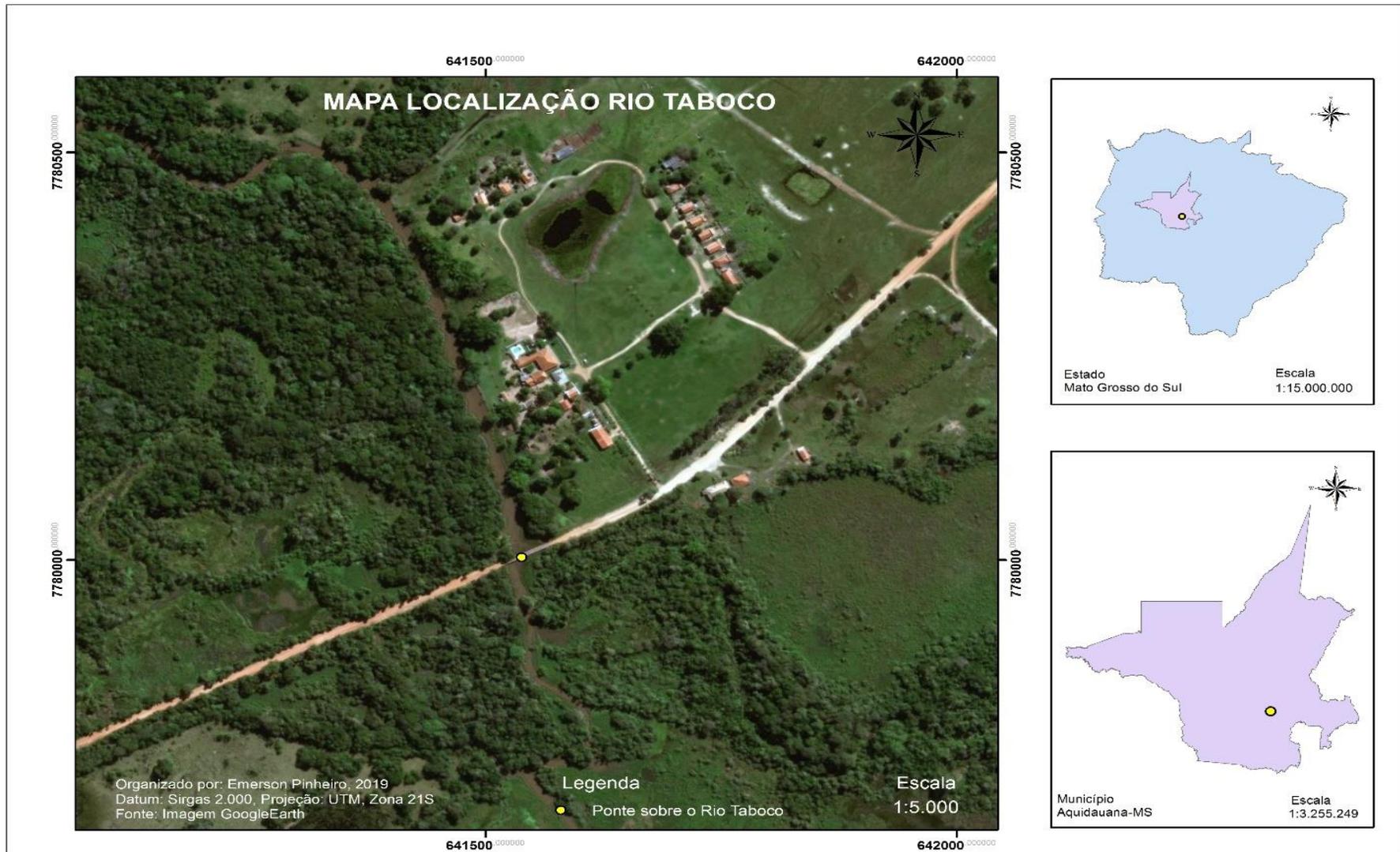


D-Núcleo urbano do distrito de Piraputanga.

Fonte: Organização: Arquivo pessoal do Autor, 2018.

Ao passo que no segundo percurso foram realizadas pausas ao longo do trajeto, na faixa de transição Cerrado e Pantanal e até o último ponto sobre o Rio Taboco onde foi realizada explicação do professor sobre os elementos da paisagem encontrada na paisagem em estudo.

Figura 12: Aula de Campo Rio Taboco



Fonte: imagem Google Earth org. por: Emerson Pinheiro 2019

A BR-419, o percurso se dá na saída da área urbana de Aquidauana, final do Bairro Nova Aquidauana entroncamento da Rua Antônio Graça com a Rua Pandiá Calógeras, de coordenadas geográficas, latitude $-20^{\circ} 27' 7.5''$ S e longitude $-55^{\circ} 47' 5.7''$ W, latitude de 151 m até o Rio Taboco, extensão de 47,2 km, coordenadas geográficas, latitude $-20^{\circ} 04' 3.216''$ S e longitude de $-55^{\circ} 38' 30.336''$ W.

Figura 13: Elementos da Paisagem-Pantanal



Carandá



Rio Taboco



Camalote

Fonte: Organização: Arquivo pessoal do Autor, 2018.

A escolha por estes locais foi por permitir visualizar a lugares determinantes no entendimento sobre os conceitos de bacia hidrográfica, vegetação, solo, relevo fauna, flora e aspectos sócio econômico, cultural e ambiental enfatizados em sala de aula.

Nessa oportunidade, aproveitou-se para realizar um paralelo entre a topografia do Bioma Pantanal e a afirmação de Casseti (1991) de que o processo de evolução do relevo é resultado de fatores exógenos e de intervenções antrópicas, que ocorrem na escala de tempo histórico. Os alunos foram esclarecidos sobre a afirmação de que as mudanças antrópicas podem influenciar na dinâmica geomorfológica na planície de inundação nesse caso o Pantanal (GUERRA e MARÇAL, 2006).

Além disso, foi dialogado com os discentes sobre os elementos naturais e culturais que podem ser identificados na paisagem bem como as características que mais nos desperta a atenção, averiguando como os elementos que compõem a paisagem contam um pouco sobre a dinâmica da natureza e dos seres humanos que ali vivem. Foi ressaltado os elementos naturais e culturais presentes na paisagem e também os instrumentos e técnicas utilizados na transformação da paisagem natural

e paisagem cultural, assim, como a paisagem revela o modo que os grupos sociais se relacionam entre si e com a natureza do lugar onde vivem.

A aula de campo desvendou algo novo, despertou sonhos e preocupações nos estudantes. Puderam satisfazer a curiosidade sobre temas: a materialização das interferências humanas no espaço, mata ciliar, APP, reponsabilidade social com a preservação do bioma. Observou-se que a partir desse momento, os discentes assumiram o papel de sujeito ativo na produção do seu próprio conhecimento, participando e refletindo sobre o Bioma Pantanal em todas as etapas da atividade, ou seja, antes, durante e após o desenvolvimento da mesma. Foi possível, assim, trabalhar de forma teórica, aliada à prática, refletindo, tanto sobre os elementos que compõe uma bacia hidrográfica e os conceitos que a envolve, quanto sobre a dinâmica socioambiental associada ao contexto local ao qual os alunos estão integrados.

4ª fase: O Retorno a Sala de Aula; a Relação Teoria e Prática.

Na quarta fase do projeto, de volta em sala de aula houve um espaço de diálogo sobre as informações e materiais coletados em campo. Nesse momento foi reiterados os conceitos bioma, paisagem, e Bioma Pantanal bem como os elementos geográficos presentes, internalizando com os alunos o conhecimento. “os alunos são sujeitos ativos de seu processo de conhecimento” (CAVALCANTI, 2011, p.68), foi perceptível que os estudantes possuem uma identidade, um posicionamento baseado em conhecimentos prévios, assim cabe ao professor intermediar a sistematização geográfica.

Nesse sentido foi sistematizado textos e informações, selecionado imagens e produzido um painel e maquete (Figura 14).

Figura 14: Painel e Maquete confeccionado pelos alunos.



Fonte: Organização: Arquivo pessoal do Autor, 2018.

Além disso, executou com os instrumentos musicais da banda as músicas selecionadas que versam sobre o Pantanal e dialogadas em sala de aula na fase anterior ao campo. Somado a isso, transcorreu a preparação (Figura 15) para o coroamento do projeto com apresentação dos resultados a comunidade.

Figura 15: Noite Cultural Pantaneira E.M. Erso Gomes



Fonte: Organização: Arquivo pessoal do Autor, 2018.

A abordagem sobre os biomas brasileiros e do Estado de Mato Grosso do Sul especificamente o Bioma Pantanal possibilitou aos alunos identificar e classificar os biomas revelou também a importância de relacionar a competência dos órgãos de proteção ambiental para a preservação e conservação do ambiente, bem como identificar a utilização da tecnologia e avaliar o seu papel e desdobramento no espaço, na sociedade e repercussões no meio. Além disso, os alunos puderam perceber que os elementos físicos de determinado lugar contribuem para que a área seja mais ou menos suscetível a impactos advindos da diversidade de ações dos agentes sociais produtores do espaço.

5ª fase: Mostra de Pesquisa; Noite Cultural Pantaneira

O encerramento do projeto transcorreu com a realização da mostra da pesquisa realizada pelos alunos através do evento “Noite Cultural Pantaneira” na instituição escolar que abrigou o seu desenvolvimento. Caracterizou-se por apresentar ao público que se fez presente a música regional pantaneira composta pelo repertório estudado e analisado em sala de aula. No evento os alunos participantes do projeto através da Banda Marcial, apresentou 05 (cinco) peças musicais tipicamente Sul Mato-Grossense, como consta no quadro abaixo.

Quadro 7: Peças Musicais Apresentadas

Música	Autoria	Ano Composição	Tipificação
Boiadeiro Errante	Compositor: Liu & Léu	(1959)	Comitiva, as características do Homem Pantaneiro
Comitiva Esperança	Almir Sater/ Paulo Simões	(1983)	Bacias e Sub-regiões do Pantanal
Chalana	Mário Zan	(1954)	Bacia Hidrográfica do Pantanal.
Trem do Pantanal	Geraldo Roca/ Paulo Simões	(1975)	O olhar através das janelas do trem: causos, a paisagem marcante
Ciranda Pantaneira	Chico de Lacerda/ Moacir de Lacerda/ Vander Barreto	(1979)	Flora e fauna do Pantanal/ Identidade Pantaneira

Fonte: elaborado pelo autor, 2018.

Associado a solenidade foi incrementada apresentação de outros elementos da cultura do Pantanal: degustação da comida de comitiva (arroz carreteiro e macarrão tropeiro), representação e exposição de uma mini comitiva para montaria (Figura 16), apresentação do grupo baileiro que fez a demonstração da dança típica dos bailes pantaneiros carapes, chamamé e o rasqueado, além da exposição dos recursos produzidos pelos alunos no desenvolvimento do estudo.

Figura 16 – Mosaico de fotos: Noite cultural Pantaneira



arroz carreteiro



macarrão tropeiro



Mini Comitiva



Grupo Taboqueiros

Fonte: Organização: Arquivo pessoal do Autor, 2018.

As apresentações realizadas para a comunidade, sobre a representação socioespacial do Bioma Pantanal, foi uma oportunidade para que os participantes compartilhassem a temática e chamou a atenção deles e do público. Observou-se que as instituições educacionais são locais adequados para a aplicação da intervenção pedagógica, visto que dispõem do público alvo - crianças e adolescentes matriculados regularmente nas séries do Ensino Fundamental I e II, que se converterão em multiplicadores potenciais das informações necessárias para o entendimento da conservação do Bioma Pantanal.

Nessa perspectiva, o projeto A música como metodologia do ensino da Geografia partindo do tema gerador Representando e cantando o bioma Pantanal em sala de aula, sensibilizou indivíduos, a conhecer o Bioma Pantanal, a problemática relacionada ao uso e ocupação desse e, conseqüentemente, os reflexos que podem materializar-se e ser sofridos pela população atingida tanto no contexto local como regional ou global. Pensando que as instituições de ensino têm papel fundamental no desenvolvimento das atividades voltadas para o ensino/aprendizagem e que atividades práticas desafiam a capacidade do aluno, além de quebrar a rotina criada nas metodologias de ensino também teve o destaque na formação da opinião pública.

Estima-se que um quantitativo de 80 cidadãos participou do universo das atividades entre estudantes e público formado nomeadamente por alunos, pais e responsáveis, presente no evento. Portanto tiveram acesso às informações sobre as temáticas que permeiam o Bioma Pantanal, principalmente a ameaça socioespacial que pode interferir na vida dos atores sociais. Com relação aos estudantes são 30 pessoas com idade entre 07 e 14 anos, ou seja, são crianças e jovens que se encontram em uma faixa etária propícia à conscientização de problemas relativos a ineficácia da conservação do Bioma Pantanal.

7- SEQUENCIAS DIDÁTICAS PARA TRABALHAR EM SALA DE AULA O PANTANAL DE AQUIDAUANA

A relevância da disciplina geografia na educação básica cada vez mais se configura como importante e imprescindível na contemporaneidade. Somado a isso, a participação de aluno e professores na produção de material didático no processo de ensino e de aprendizagem, colabora na compreensão de que esses dois segmentos são os principais atores na geração do conhecimento e que podem fazer do processo produtivo das ideias um norte em suas vidas.

Nesse sentido este estudo realizado sobre o Bioma Pantanal com alunos da educação básica numa instituição pública de ensino, despertou um *insight* na elaboração de sequência didática que almeja traduzir o trabalho desenvolvido em um conjunto de atividades que podem ser realizadas pelo professor de Geografia bem como por outras áreas do conhecimento ou até mesmo congregar esforços interdisciplinares na perspectiva de promover o ensino.

Dessa forma, as estratégias de ações apresentadas oportunizam maior compreensão sobre a dinâmica do Bioma Pantanal, bem como as relações sociais, econômicas e ambientais neste espaço, além da socialização do conhecimento ao público externo aos muros da escola.

Trata-se de um momento que oportuniza ao aluno falar de sua experiência vivida, expressar seu conhecimento primeiro, aguçar a reflexão e produzir saberes que não estão contidos no livro didático. Promove uma compreensão do Bioma, de forma integrada: os aspectos sociais, econômico, ambiental, físicos, biológicos que são materializados através de uma variabilidade de ações conjugadas e complexas, despertando multiplicidade de olhares, reflexões, ações na perspectiva de compreender o objeto de estudo: o Bioma Pantanal.

Assim a proposta parte da realidade de professores e alunos, sobretudo da instituição pública de ensino no município de Aquidauana, especificamente o professor de Geografia na intenção de colaborar com o fazer docente e a aprendizagem da geografia pelo aluno, como uma possibilidade de leitura do Bioma Pantanal a partir da realidade local.

O roteiro proposto é uma sugestão de estratégias de ensino que podem ser executadas integralmente ou parcialmente, como também possui flexibilidade para que seja implementada mais possibilidades de ações e intervenções baseado no

conhecimento do docente e na experiência acumulada a respeito do tema bem como na sua vida profissional.

É sabido pelo professor, porém destacam-se as seguintes ressalvas na implementação das sequencias didáticas aqui abordadas:

- ✓ Observar os conteúdos curricular disciplinar ou interdisciplinares a ser contemplados na programação.
- ✓ Ao professor de Geografia ou aos professores inseridos na ação recomenda-se reunir antecipadamente conversar sobre as informações que pretende relativizar na abordagem temática, objetivos de cada disciplina com a ação, conhecimento prévio dos alunos sobre o conteúdo, e a partir daí definir o objetivo geral e específico do projeto aula interdisciplinar.
- ✓ Preparação:
- ✓ Estabelecer um roteiro e cronograma para seguir e cumprir de fato. Em caso de saída a campo, realizar uma visita previa ao local pelos professores e providenciar os protocolos necessários.
- ✓ Analisar antecipadamente os possíveis aspectos que serão enfatizados (uso, ocupação, impactos, aspectos sociais, econômicos, ambientais etc) podendo utilizar de arquivos, fotografias.
- ✓ Definir a temática destaque e organizar o cronograma a ser seguido (datas, tarefas individual e coletiva, coleta e seleção de material, equipamento a ser utilizado, dentre outros).
- ✓ Dedicar atenção a produção e qualidade de anotações escritas, desenhos, fotografias, observações, falas, audio e filmagem que se converterão em produção de fontes, documentos e demais produtos para a aula.
- ✓ Compartilhar entre os membros toda produção originada dos diferentes olhares dos atores sociais envolvidos nas ações.
- ✓ Possibilitar que o processo avaliativo proporciona apreciação dos resultados, aprimoramento dos processos e se preciso redefinição de objetivos. Identificar e analisar as falhas na ação executada, realizar uma observação sistemática,

utilizar diversidade de instrumentos avaliativos (todos os produtos gerados nas ações);

- ✓ Evidenciar a interdisciplinaridade, cooperação entre o grupo participante, analisar a capacidade de relacionar as diferentes áreas do conhecimento;
- ✓ Priorizar a divulgação na comunidade escolar e extra muro, foi sugerido a ação cultural, porém podem ser utilizados outros meios.

Sequencia 1: DOMINIO MORFOCLIMÁTICO E ÁREA DE TRANSIÇÃO: PANTANAL

Objetivo (s)

Desenvolver noções básicas sobre vegetação, clima, hidrografia, relevo e solos.

Refletir sobre a interação destes elementos na formação da paisagem.

Compreender o conceito de área de transição, espécie endêmica.

Representar através da maquete os aspectos físicos do relevo brasileiro e do pantanal sul mato-grossense.

Refletir sobre a configuração sócio espacial do Pantanal em MS e no município de Aquidauana.

Conteúdo (s)

Domínio morfoclimático

Biomass brasileiros

Área de transição

Pantanal

Aspectos físicos e sociais do espaço

Série

A escolher

Tempo estimado

12 aulas de 50 minutos

Material necessário

Textos e imagens sobre a paisagem dos diferentes biomas do Brasil, atlas geográfico e computadores conectados à internet papel, milimetrado tamanho A4, mapas de clima, vegetação, relevo, som, cortador de isopor, placas de isopor de 2cm para a

base e placas de 0,5cm para representação da atividade, cola de isopor, massa corrida, lixa d'água e tinta a base de água.

Desenvolvimento

1ª etapa

Utilizar a base para produção da maquete do relevo brasileiro contido no texto de SIMIELLI, M. E. et. Al. Do Plano ao Tridimensional: a maquete como recurso didático. 4. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1994. 141p. publicado no Boletim Paulista de Geografia número 70. Confeccionar a representação tridimensional do relevo para que o aluno possa identificar as formas topográficas, percebendo o espaço como um todo, permitindo trabalhar vários elementos da realidade em conjunto.

Aproveitar o momento e dialogar com os alunos a espacialização dos domínios morfoclimáticos (Figura 17). Enfatizar que o conceito de domínios morfoclimáticos foi criado e utilizado no Brasil pelo geógrafo e professor Aziz Ab'Saber em 1970, cujo objetivo era fazer um levantamento da diversidade paisagística do território brasileiro. Esse conceito estabelece uma associação ou integração entre diferentes elementos, como: relevo, tipos de solo, clima, hidrologia e as formas de vegetação. De acordo com o conceito definido pelo professor Aziz, pode-se identificar seis diferentes domínios morfoclimáticos e, entre eles, as chamadas faixas de transição.

I – Domínio Amazônico – região norte do Brasil, com terras baixas e grande processo de sedimentação; clima e floresta equatorial;
 II – Domínio dos Cerrados – região central do Brasil, como diz o nome, vegetação tipo cerrado e inúmeros chapadões;
 III – Domínio dos Mares de Morros – região leste (litoral brasileiro), onde se encontra a floresta Atlântica que possui clima diversificado;
 IV – Domínio das Caatingas – região nordestina do Brasil (polígono das secas), de formações cristalinas, área depressiva intermontanhas e de clima semi-árido;
 V – Domínio das Araucárias – região sul brasileira, área do habitat do pinheiro brasileiro (auracária), região de planalto e de clima subtropical;
 VI – Domínio das Pradarias – região do sudeste gaúcho, local de coxilhas subtropicais.

Faixas de Transições: as Zonas dos Cocais, a Zona Costeira, o Agreste, o Meio-Norte, as Pradarias, o Pantanal e as Dunas.

Figura 17: Domínios Morfoclimáticos do Brasil.



Fonte: CARVALHO, 2018;

Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/enem/geografia/dominios-morfoclimaticos>>

Aproveitar a conversa para abordar os conceitos das feições de relevo (planalto, planície, depressão) bem como suas influências e repercussões em outros componentes do meio, como por exemplo bacia hidrográfica. Pontue que ela é o conjunto de todos os elementos de um rio e se forma graças os diferentes cursos d'água. Pode aprofundar com o Vídeo: por Azis Ab Saber Os quatro Brasis. Vídeo TV Escola –Série Ensino Médio

2ª etapa

Com os estudantes posicionados fora da sala de aula solicitar que observem tudo aquilo que seus olhos puderem alcançar e questione o que estão vendo e requisita que façam anotações. Verificar o que os estudantes sabem sobre paisagem, a noção de fisionomia da paisagem (que é o aspecto visível do quadro físico-territorial) e a noção de fisiologia da paisagem (que é ligado ao campo da função da paisagem). Registrar as observações sobre os conhecimentos prévios e as eventuais dificuldades apresentada nessa avaliação diagnóstica para orientar intervenções e ampliar os

conhecimentos sobre o tema. “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem, esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons.” (SANTOS, 1997, p.61).

Ressaltar com os alunos que a paisagem é resultante de um processo de construção e de transformação constante de um lugar, por meio da qual é possível apreender as manifestações de elementos naturais e físicos como também culturais, sociais, políticos, as relações humanas com o meio entre outras, que revelam a história e os conflitos de sua formação e transformação. Enfatizar o conceito de paisagem natural e paisagem artificial. “A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais” (SANTOS, 1997, p.64).

Apresentar as diversas imagens de paisagem, natural e transformada, de cada domínio morfoclimático que contenha, transpareça as interações entre solo, relevo, vegetação, hidrografia e clima, podendo ser (plantações agrícolas, solo exposto, mata, serra, água, Vista aérea de uma área desmatada e de uma área florestada) dentre outras.

Ler o texto da música: Aquarela Brasileira de autoria de Silas de Oliveira e Interpretada por Martinho da Vila, ouvir, cantar e tocar com os estudantes

Aquarela Brasileira

Vejam essa maravilha de cenário. É um episódio relicário
 Que o artista num sonho genial, escolheu para este carnaval
 E o asfalto como passarela, será a tela do Brasil em forma de aquarela
 Passeando pelas cercanias do Amazonas, conheci vastos seringais
 No Pará, a ilha de Marajó e a velha cabana do Timbó
 Caminhando ainda um pouco mais, deparei com lindos coqueirais
 Estava no Ceará, terra de Irapuã, de Iracema e Tupã
 E fiquei radiante de alegria, quando cheguei na Bahia
 Bahia de Castro Alves, do acarajé, das noites de magia, do candomblé
 Depois de atravessar as matas do Ipú, assisti em Pernambuco
 A festa do frevo e do maracatu
 Brasília tem o seu destaque, na arte, na beleza, arquitetura
 Feitiço de garoa pela serra. São Paulo engrandece a nossa terra
 Do leste, por todo o Centro-Oeste, tudo é belo e tem lindo matiz
 No Rio dos sambas e batucadas, dos malandros e mulatas
 De requebros febris
 Brasil, essas nossas verdes matas, cachoeiras e cascatas
 De colorido sutil
 E este lindo céu azul de anil, emoldura em aquarela o meu Brasil

Numa roda de conversa no ambiente que achar mais adequado dialogar com os alunos sobre o que contém de paisagem no texto da música, que paisagem identificaram, paisagem natural, cultural, as diferenças paisagísticas dos diversos lugares mencionados na música, componentes físico-territoriais e culturais dos lugares. Reforçar os conceitos geográficos discutidos até este momento. Solicitar aos alunos que faça um quadro elencando as informações contidas na música.

Quadro 8: Caracterização da letra Aquarela do Brasil

Música: Aquarela Brasileira	
Componentes físico-territoriais (aspectos naturais)	Componentes Culturais (aspectos culturais)

Fonte: elaborado pelo autor, 2018

3ª etapa

Acessar o site: <http://www.inmet.gov.br/portal/index.php?r=clima/normaisClimatologicas> baixar dados das normais climatológicas das regiões brasileiras que englobam os diferentes domínios morfoclimático. Confeccionar climogramas no papel milimetrado, como no exemplo abaixo.

Gráfico 1: Climograma



Fonte: INMET, 2018

Dialogar com os alunos sobre as representações gráficas enfatizando as diferenças climáticas das diversas áreas representadas, relacionar com o mapa climático e de relevo associando com altitude, latitude, relevo dentre outros fatores de clima. Explorar a maquete do relevo brasileiro e associar as informações com os domínios morfoclimático.

4ª etapa

Fazer a mediação de uma roda de conversa sobre o Bioma Pantanal e problematizar indagando os estudantes o que sabem sobre Bioma, se conhecem as características. Ler com a turma o texto sobre o bioma, esclarecer dúvidas e explorar as imagens do local.

Organizar grupos e propor uma atividade no laboratório de informática com a finalidade de promover conhecimentos sobre o Bioma Pantanal. A bacia hidrográfica com sub bacias que o envolve. Indique sites como portalbrasil.net/brasil_hidrografia.htm e mundoeducacao.com.br/geografia/bacias-hidrograficas-brasil.htm. Para obter informações sobre os principais rios da bacia, acessar o site Britannica Escola Online (escola.britannica.com.br) e digitar o nome deles no item "busca", além do site da EMBRAPA PANTANAL, IMASUL dentre outros.

Proponha que a turma observe o mapa contendo a bacia e sub bacias hidrográficas e problematize. Permita que todos expressem suas observações e, se necessário, esclareça as possíveis dúvidas. Oriente os estudantes e os auxilie a acessar o Google Maps ou o Google Earth. Ambos dispõem de recursos diversos, como a possibilidade de zoom para aproximação ou afastamento, inclinação, iluminação e giro de uma imagem, busca de endereços, identificação e marcação de lugares, cálculo da distância entre dois pontos, obtenção de uma visão tridimensional de determinada localidade e de informações de latitude e longitude de um local, além do street view, que permite explorar lugares por meio de imagens em 360⁰. Fazer um levantamento das características da paisagem, uso e ocupação no Bioma Pantanal.

Utilizando o efeito de zoom dos programas sugeridos, problematizar sobre a localização das nascentes dos rios que compõem a Bacia do Rio Paraguai, os Estados que são drenados por ela, além do MS e neste, quais os municípios são drenados pelas sub bacias além de Aquidauana. Enfatizar a importância desses rios para cada localidade e para o Bioma, os usos dessa bacia até em outra Nação. Citar alguns desses usos, como abastecimento de cidades, projetos de irrigação, produção de energia elétrica, transporte e navegação, dentre outros. Citar as condições das águas desse rio (limpas, poluídas, abundantes, escassas...) e no lugar de vivência dos estudantes, contribuições com a preservação. Orientar os grupos a organizar uma apresentação demonstrando os resultados da pesquisa por meio de cartazes,

fotografias, exposição.

Ler o texto, ouvir, cantar e tocar com os estudantes a música: Ciranda Pantaneira do Grupo Acaba. Numa roda de conversa no ambiente que achar mais adequado dialogar com os alunos sobre o que contém de paisagem no texto da música, aspectos, natural, social e cultural. Reforçar os conceitos geográficos discutidos até este momento. Destacar o fator “area de transição no bioma” e característica endêmica apresentada. Solicitar aos alunos que faça um quadro elencando as informações contidas na música

QUADRO 9: Caracterização da letra da música Cranda Pantaneira

Música: Ciranda Pantaneira		
Componentes físico-territoriais (aspectos naturais)	Componentes Culturais (aspectos culturais)	Espécies endêmica

Fonte: elaborado pelo autor, 2018

5ª etapa

Representação tridimensional do Bioma Pantanal especificamente no município de Aquidauana, seguir a metodologia de Simielli (2007), buscando na análise do relevo através da altimetria, possibilitar, ao grupo participante da atividade, visualizar as formas topográficas da área, indo de forma concreta do natural ao social e às ocorrências no espaço geográfico.

A base cartográfica que orienta o trabalho é o mapa do município de Aquidauana retirado o contorno do IBGE e utilizado o modelo digital do terreno para gerar as cotas e construído na escala mas detalhada 1:100.000 e dividido em 4 pranchas com articulação. Para ser inserido na dissertação a escala do mapa foi reduzida 1:400.000, produzido no Laboratório de Cartografia e Topografia UFMS/CPAQ (o mapa encontra-se em arquivo digital em dois arquivos sistema CAD e em CD - Room nesse plano de ensino). Para a produção da maquete, serão retiradas as curvas de nível por classes de valores equidistantes de 50m em 50m de altitude em virtude da variabilidade altimétrica que se apresentar entre extremamente plana a plana e suavemente ondulada. Numa segunda fase, será realizada a transposição individual das curvas de nível para as placas de isopor de acordo com a equidistância. Para desenhar o traçado das curvas no isopor, será intercalado entre este e o mapa com a curva uma folha de papel carbono, passando sob o contorno

desta a caneta, deixando-a demarcada na placa.

Para recortar as curvas, será utilizado cortador de isopor e em seguida, realizar-se-á a sobreposição e colagem das placas, iniciando-se pela cota mais baixa. Para dar a ideia da continuidade do relevo, os intervalos entre as diferenças de degraus das placas serão preenchidos com massa corrida, unindo a borda do degrau superior ao inferior na base.

Após a secagem completa do material de recobrimento, será utilizada lixa d'água, suavemente para dar uniformidade ao acabamento e a pintura será realizada com tinta a base de água.

Confeccionado a representação tridimensional do relevo instigar reflexões sobre as formas topográficas, suas influências e repercussões no meio, a dinâmica das águas, aspectos da economia, sociedade e natureza no Pantanal.

Destacar que as faixas de transição entre os domínios morfoclimáticos, constituem-se unidades paisagísticas nas quais mesclam características dos domínios, destacando que o Pantanal se encontra inserido nesse caso. Enfatizar que no caso do Pantanal, ele é um complexo ambiental muito importante, uma vez que compreende uma grande diversidade de fauna e flora. Suas características físicas de localização entre as regiões serranas, terras altas e extremamente planas, faz dele um grande reservatório de água, devido encontrar-se numa depressão entre várias montanhas e sua rede fluvial é composta por rios perenes.

Apresenta basicamente duas estações climáticas durante o ano, a seca e as cheias, possui características e denominações únicas, como as áreas mais altas, pequenas elevações não influenciada por alagamentos. Destaca-se também as áreas salinas, regiões deprimidas que se tornam lagoas rasas e salgadas com as cheias dos rios; os barreiros que são os depósitos de sal após a seca das salinas; as caixas que são os canais que ligam lagoas, existindo somente durante as inundações; e as vazante que são os cursos d'água existente durante as épocas das chuvas, fatores de destaque considerados como os responsáveis pela existência da biodiversidade da região. Com tudo, salienta-se que o pantanal sofre consequências ambientais como a exploração mineral, a pecuária e a monocultura poluem intensamente os rios além da utilização de agrotóxicos.

Contudo a conservação da zona de transição Pantanal, é considerada de suma importância para a existência dos domínios morfoclimáticos uma vez que traz em sua essência características de todos os domínios macroecológicos do Brasil,

estabelecendo uma relação direta com a fauna, flora, hidrografia, clima e morfologia, conservando o equilíbrio dos frágeis sistemas ecológicos.

Ancoradas nestas reflexões e ações espera contribuir e contemplar um vasto universo de conhecimento, informação e prática de ensino numa perspectiva de uma leitura estimuladora e convidativa do referido bioma, proporcionando viagens reflexivas no mundo do saber geográfico.

Avaliação

Verificar se todos compreenderam e utilizaram adequadamente os conceitos abordados ao longo das atividades realizadas. Atentar à participação individual e coletiva, avaliando a postura de cada um e destacando os aspectos que necessitam ser melhorados para uma ação efetivamente colaborativa dentro dos grupos. Construir uma mostra cultural (mural com as produções, desenhos, painéis, maquetes dentre outras) desenvolvidas ao longo de todas as aulas. Criar um canal de comunicação na rede social com a finalidade de divulgar os conhecimentos adquiridos durante cada atividade sobre o Bioma Pantanal.

Referências

BARROS, M. T. L. de. Drenagem urbana: Bases conceituais e planejamento. In: PHILIPPI JR, Arlindo. **Saneamento, saúde e ambiente: Fundamentos para um desenvolvimento sustentável**. São Paulo: USP, 2004, p 222-265.

BERTONI, J.; LOMBARDI NETO, F. Conservação do solo. São Paulo: Ícone, 1990.

BOTELHO, R.G.M. Planejamento ambiental em microbacias hidrográficas. In: GUERRA, A. J. T.; SILVA, A. A.; BOTELHO, R. G. M. (Org.) **Erosão e conservação dos solos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 269-293.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, escola e construção de conhecimentos. 14. ed. São Paulo: Papirus, 2010. 192 p.

CHRISTOFOLETTI, A. Geomorfologia. São Paulo: Edgard Blücher, 1980.

GUERRA, Antônio Texeira. **Geomorfologia urbana**. Antônio Texeira Guerra (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 280p.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele & SCANEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas, S.P. : Mercado de Letras, 2004.

JUNQUEIRA, Silas Martins. Brasil, um País Tropical. PEC - Projeto Escola e Cidadania. São Paulo: Editora do Brasil, 2005.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino/MS. Mato Grosso do Sul: SED, 2012.

PCBAP – Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. In: **Plano de Conservação da Bacia do Alto Paraguai**. Volumes: I. 73 p. II, Tomos I e II-A, 334 p. e 386 p. Programa Nacional do Meio Ambiente – PNMA. 1997.

SÁBER. Aziz Ab. Os Domínios de Natureza no Brasil, Potencialidades Pasagísticas. 2º ed ,Ateliê editorial.São Paulo,2003.

SANTOS. Milton. Metamorfose do Espaço Habitado. 5º edição. Hucitec. São Paulo, 1997.

VESENTINI. José Willian. Brasil Sociedade e Espaço. Ática. São Paulo. 2001.

Sequencia 2: O TRANSPORTE NO BIOMA PANTANAL NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL: HIDROVIA, FERROVIA, RODOVIA

Objetivo(s)

Entender a evolução dos sistemas de transporte no Bioma Pantanal.

Associar o uso dos meios de transporte no pantanal aos processos históricos e espaciais.

Analisar a gênese, apogeu, crise, obsolescência dos meios de transporte no Pantanal de Aquidauana.

Conteúdo(s)

Tipos e modalidades do transporte no Bioma Pantanal

Transporte no Pantanal de Mato Grosso do Sul.

Transporte e desenvolvimento econômico da região.

Série

A escolher

Tempo estimado

4 aulas de 50 minutos

Material necessário

Textos e imagens sobre os ciclos econômicos de desenvolvimento nacional, regional e local bem como os meios de transporte nas três esferas e no Bioma Pantanal, atlas geográfico e computadores conectados à internet

Desenvolvimento

1ª etapa

Contextualizar com os alunos a temática fazendo uma introdução lançando algumas questões: qual é a data de fundação do Estado de Mato Grosso do sul e sua extensão? Que posição o Estado ocupa, em termos de extensão territorial no ranking nacional? O que essa extensão territorial pode representar, em termos de potencial de desenvolvimento? Existem diferenças ou disparidades internas? Quais são elas? Desenvolver as mesmas indagações sobre o Município de Aquidauana. Ouvir as respostas de todos e preparar uma síntese coletiva das idéias apresentadas.

Enfatizar as dinâmicas e a complexidade interna associada a extensão territorial e inerente a isso ressaltar a grande diversidade de sistemas e recursos naturais bem como as fronteiras com outros países. Utilizando atlas geográficos, o site <http://www.ibge.gov.br>, o site do Superministério do Desenvolvimento Regional, o link mapas e informações, na barra superior seguido de mapas e geoinformações no link mapas e geoinformações, poderá realizar downloads de mapas do Brasil e de posse dos mapas, destacar na análise alguns processos de exploração e ocupação em nível nacional que repercutiram no Estado, (a cana, a exploração de metais preciosos e o café, as incursões bandeirantes, a produção mercantil, a expansão da pecuária atuação da coroa portuguesa) destacar os processos de expansão econômica, distribuição espacial das atividades, criação de núcleos urbanos e eixos de transporte, as faixas de ocupação e a organização das bases econômicas do território. Solicitar a elaboração de um quadro com informações nacional e local, uma vez que tais "ciclos" econômicos deixaram marcas na estrutura regional interna do território e o modo como sucede o crescimento econômico, uso e ocupação do espaço em períodos posteriores.

2ª etapa

Dividir a sala em grupos e sob orientação do professor pesquisar textos sobre as três modalidades de transportes. Dentre outras fontes pode ser utilizada os sites (<https://www.portaleducacao.com.br>, <https://brasilecola.uol.com.br>, <https://novaescola.org.br/conteudo> , <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br>), Solicitar que cada grupo elabore um quadro destacando: o traçado geral da modalidade de transporte, atividades econômica, os principais produtos escoados, destino final.

Elaborar um painel com mapas, imagens, dados, a produção econômica, setores das atividades, indicadores sociais, impactos positivos e negativos, síntese das informações na fase contemporânea. Utilizar fontes de pesquisa como <http://www.ibge.gov.br>, <https://www.marinha.mil.br> <https://www.embrapa.br/pantanal>, <https://www.imasul.ms.gov.br>, www.agepan.ms.gov.br/servicostransporte, www.antt.gov.br/cargas, www.agesul.ms.gov.br/, www.dersul.ms.gov.br/ malha, www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/investimentos e www.sefaz.ms.gov.br/.

Avaliação

Considerar toda produção realizada ao longo desta sequência didática relacionando com os objetivos das aulas, a participação de todos nos trabalhos individuais e coletivos e nos debates, assim como o modo como dividem as tarefas e expressam oralmente suas ideias, bem como as iniciativas de alunos em trazer novos materiais e informações para serem compartilhadas por todos.

Referências

ARRUDA, Gilmar. **A ferrovia Noroeste do Brasil** – o último trem para o sertão – Caderno de Estudos Urbanos 3, Prefeitura Municipal de Campo Grande – Campo Grande: março de 1995.

AZEVEDO, Fernando. **Um trem corre para o oeste. Estudos sobre a Noroeste e seu papel no sistema de viação nacional.** São Paulo: Melhoramentos, 1950.

ESSELIN, Paulo Marcos. A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do pantanal sul-mato-grossense (1830 – 1910) Dourados : Ed. UFGD, 2011. 358 p.

Mato Grosso do Sul 2000-2013 / Fernanda Fialho, org. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2014. 168 p. : il. ; 23 cm – (Estudos Estados Brasileiros)

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. Campo Grande e a rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade .Presidente Prudente: [s.n.], 2003 181 f.

PAULA, Dilma Andrade de. As ferrovias no Brasil. Análise do processo de erradicação de ramais. In: II Congresso de Historia Ferroviaria, 2001, Aranjuez. II Congresso de Historia Ferroviaria, 2001. Disponível em: <http://www.docutren.com/archivos/aranjuez/pdf/22.pdf>.

PACIEVITCH, T. Bacia do Prata. 2008. Disponível em: <https://www.infoescola.com/hidrografia/bacia-do-prata> Acesso em: 210 mar. 2019.

PONTUSCHKA, Níbia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. Estudo do meio: momentos significativos de apreensão do real. IN: Para ensinar e aprender Geografia. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A prática pedagógica do professor de Didática. 2. Ed. Campinas, Papirus, 1992.

ZUGAIB, E. A hidrovía Paraguai-Paraná e seu significado para a diplomacia sulamericana do Brasil. Cursos de Altos Estudos. n. 98. Brasília: Funag, 2006. Disponível em :<http://www.rotadooeste.com.br/pt-br/rodovia/historia-da-rodovia>, acessado em 20 mar 2019.

Sequencia 3: FESTIVAL DA CANÇÃO: NOITE CULTURAL PANTANEIRA

Objetivo(s)

Trabalhar a música no currículo escolar.

Despertar o raciocínio, a sensibilidade rítmica e auditiva do aluno.

Desenvolver a receptividade do estudante com outras áreas do saber e socializar as relações interpessoais.

Estimular momentos de apreciação de obras, produção musical, leitura de textos, escrita de relatos e confecção de desenhos sobre a música regional.

Estudar a estruturação semântico e textual musical.

Série

A escolher

Tempo estimado

6 aulas de 50 minutos

Material necessário

Textos, imagens e letras das músicas que versam sobre o Bioma Pantanal (sugestão: Boiadeiro Errante, Comitiva Esperança, Chalana, Trem do Pantanal, Ciranda Pantaneira), som, atlas geográfico e computadores conectados à internet, produtos didáticos desenvolvidos nas sequencias didáticas anteriores e instrumentos musicais.

Desenvolvimento

1ª etapa

Em ação interdisciplinar e colaborativa professores e alunos assistem ao DVD (ou fazer download) Língua Portuguesa, Volume III, 25, da TV Escola que versa sobre Análise de Letras de Música, enfatizar com os estudantes o estilo musical regional e estimular um debate.

2ª etapa

No ambiente que considerar ideal, com os alunos prosseguir a escuta da música regional e realizar coreografias de acordo com a melodia.

Expor a música para os alunos, realizar a leitura de forma poética e cantar a

musica com eles.

Aplicar aos alunos um questionário sobre a temática Bioma Pantanal abordada na musica, realizar uma roda de conversa sobre as respostas, socializando em grupo fazendo orientações e intervenções. Utilizar os produtos didáticos realizados, mapas etc.

3ª etapa

Com os instrumentos musicais, executar com os alunos as músicas sugeridas (Boiadeiro Errante, Comitiva Esperança, Chalana, Trem do Pantanal, Ciranda Pantaneira, cujos os arranjos musicais foram produzido pelo pesquisador para os instrumentos de Banda Marcial, podendo utilizar com instrumentos de teclas Lira e Teclado), realizar ensaios para apresentação no evento noite cultural.

Organizar, coordenar e realizar o evento. Formar equipes de alunos para colaborar na preparação do cenário, mostra da pesquisa realizada sobre o bioma Pantanal e pratos típicos. Segue nesse plano de aula as partituras das músicas regionais.

Trem do Pantanal

Geraldo Rocca/Paulo Simões

1 2

3

Melodia *arranjo/adaptação*
Wilson Faria

The musical score is presented in three systems, each containing three staves. The first system begins with a treble clef, a 2/4 time signature, and a key signature of one flat (B-flat). The first staff of the first system is labeled 'Melodia' and features a melodic line with a fermata over the first two measures, followed by a series of eighth and sixteenth notes. The second and third staves of the first system provide harmonic accompaniment with chords and moving lines. The second system continues the melodic and harmonic development, with the first staff showing a continuation of the melody and the lower staves providing accompaniment. The third system concludes the piece, with the first staff ending on a final note and the lower staves providing a concluding accompaniment. The score is written in a clear, professional style with standard musical notation.

CHALANA

Conductor

Mário Zan
Arranjo: Jeilson Freitas

The musical score is written for Trompete (Trumpet) in 2/4 time, with a key signature of one sharp (F#). The score is divided into measures numbered 1 through 80. Measure 1 is a whole rest. Measures 2-5 contain a melodic line with accents. Measures 6-10 continue the melodic line. Measure 11 is marked 'To Coda'. Measures 12-15 show a melodic line with a fermata over measure 13. Measures 16-20 continue the melodic line. Measures 21-25 show a melodic line with a fermata over measure 23. Measures 26-30 continue the melodic line. Measures 31-35 show a melodic line with a fermata over measure 33. Measures 36-40 continue the melodic line. Measures 41-45 show a melodic line with a fermata over measure 43. Measures 46-50 continue the melodic line. Measures 51-55 are marked 'D.S. al Coda'. Measure 56 is a whole rest. Measure 57 is marked 'Coda'. Measures 58-60 continue the melodic line. Measures 61-65 show a melodic line with a fermata over measure 63. Measures 66-70 continue the melodic line. Measures 71-75 show a melodic line with a fermata over measure 73. Measure 76 is a whole rest. Measures 77-80 are a four-measure rest.

Ciranda Pantaneira

1

Artista: Grupo Acaaba
Arranjo - Jefferson Freitas de Souza Rizado

Trompete

$\text{♩} = 118$

1 2 3 4
5 6 7 8
9 10 11 12
13 14 15 16
17 18 19 20
21 22 23 24
25 26 27
28 29 30 31 32
33 34 35 36
37 38 39 40
41 42 43 44

2

45 46 47 48
49 50 51 52
53 54 55 56

Comitiva Esperança

Artista: Sérgio Reis
Arranjo: Jefferson Pretini de Sousa Neto

1 = 45

Trompete

1 2 3 4
5 6 7 8
9 10 11 12
13 14 15 16
17 18 19 20
21 22 23 24
25 26 27 28
29 30 31 32
33 34 35 36

37 38 39 40
41 42 43 44 *1 = 45*
45 46 47 *ritard* 48 *ando*
49 50 51
52 53 54 55
56 57 58 59
60 61 62 63
64 65 66 67
68 69 70 71
72 73 74 75
76 77 78 *ritard* 79 *1 = 45*
80 81 82 83 *To Coda*

84 85 86 87 *D.S. al Coda*
88 89 90 91 *Coda 1 = 45*
92 93 94 95
96 97

Boiadeiro Errante

Liu e Leo

1

Arranjo Edson Dias Pinheiro
ADP Jeilson Freitas

Bombardino 1

Musical score for Bombardino 1, measures 1-33. The score is written in 4/4 time and features a melodic line with various rhythmic patterns and articulations. Measures 1-33 are numbered at the beginning of each line.

2

Musical score for Bombardino 1, measures 34-66. The score continues the melodic line with various rhythmic patterns and articulations. Measures 34-66 are numbered at the beginning of each line.

3

Musical score for Bombardino 1, measures 67-95. The score concludes the melodic line with various rhythmic patterns and articulations. Measures 67-95 are numbered at the beginning of each line.

Boiaheiro Errante

Lie e Leo

1 2

3

Arranjo Edson Dias Pinheiro
ADP Jeilson Freitas

Trombone 1

Musical score for Trombone 1, measures 1-33. The score is written in 4/4 time and begins with a whole rest in measure 1. It features a melodic line with various rhythmic patterns and rests, including a triplet in measure 17. The key signature has one flat (B-flat).

Musical score for Trombone 1, measures 34-66. This section continues the melodic line with more complex rhythmic figures and rests. It includes a triplet in measure 57 and a double bar line in measure 60. The key signature remains one flat.

Musical score for Trombone 1, measures 67-94. This section concludes the piece with a melodic line that ends with a final chord in measure 94. It features a triplet in measure 87 and a double bar line in measure 94. The key signature remains one flat.

BOIADEIRO ERRANTE

Liu e Leo

arranjo. Edson Dias Pinheiro
Adaptação: Jeilson Freitas

Trompete em Sib 1

Musical score for Trompete em Sib 1, measures 1-10. The score is written in 4/4 time and features a melodic line with various rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, and rests. A triplet of eighth notes is marked with a '3' above the staff in measures 2, 4, and 10.

Musical score for Trompete em Sib 2, measures 1-10. The score is written in 4/4 time and features a melodic line with various rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, and rests. A triplet of eighth notes is marked with a '3' above the staff in measure 4.

Musical score for Trompete em Sib 3, measures 1-10. The score is written in 4/4 time and features a melodic line with various rhythmic patterns, including eighth and sixteenth notes, and rests. A triplet of eighth notes is marked with a '3' above the staff in measure 2.

Avaliação

Toda a produção realizada ao longo desta sequência didática, produtos didáticos, questionário, participação na roda de conversa, ensaios, organização e execução do evento. Especial atenção a participação de todos nos trabalhos individuais e coletivos e nos debates, assim como o modo como dividem as tarefas e expressam oralmente suas ideias.

Referências

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **A propósito da questão teórico-metodológica sobre o Ensino de Geografia.** In: CORDEIRO, Helena K. et al. Prática de Ensino em Geografia. São Paulo: Terra Livre; AGB, 1991. p. 83-90.

AZEVEDO, Roberta Jacqueline Saraiva. **A música ensina! Possibilidades metodológicas para o ensino fundamental nas aulas de geografia.** 2013. 51 f. Monografia (Licenciatura em geografia) UFCG/CFP, 2013.

ROMANELLI, Guilherme. Como a música conversa com as outras áreas do conhecimento. Revista Aprendizagem, Pinhais, n.14, p.24-25, 2009.

PEREIRA, Suellen Silva. **A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino** – uma proposta didático-pedagógica. In: Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 3, set./ dez. 2012, p. 137-148.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, TonokoLyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender geografia.** São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Denise Gomes da. **A importância da música no processo de aprendizagem da criança na educação infantil:** uma análise de literatura. 42p. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

VIEIRA, C. E. & SÁ, M. G. **Recursos didáticos: do quadro-negro ao projetor, o que muda?** In: PASSINI, E. Y. Prática de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007.p. 101-116.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo possibilita inferir que a música é muito utilizada no dia a dia das pessoas, seja através da sensibilidade, da criatividade, do senso crítico, do ouvir, da expressão corporal, da imaginação, da memória, da atenção, da concentração dentre outros, favorecendo e também propiciando uma diversidade de benefícios.

Percorrendo a história do panorama da inserção da música no contexto das instituições de ensino nas esferas nacional, estadual, municipal observou-se que são caminhos com inserções diversas de práticas musicais permeados por lutas árduas, batalhas, criação de instrumentos legais, avanços, recuos por parte dos profissionais combatentes a favor desta causa como também sinaliza cenários futuros.

No que tange a utilização da música como estratégia metodológica na ação laboral relacionada a educação formal, observa-se que os estudos desenvolvidos por pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento científico faz inferências a sua utilização como metodologias ativas, práticas lúdicas, porém tudo na perspectiva de potencializar o processo de ensino e de aprendizagem pensando na transformação das práticas docentes e como uma estratégia que auxilia o trabalho do professor facilitando a aprendizagem dos educandos. Um meio eficaz que promove a compreensão do aluno sobre os conteúdos estudados.

Nesse sentido, esse estudo despertou a reflexão sobre a utilização da música como recurso metodológico, considerando ponto de fundamental importância para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem geográfica no Ensino Fundamental I e II.

Assim, a utilização da música como metodologia de ensino da Geografia pode desenvolver nos alunos pensamento reflexivo, interpretação crítica e questionadores do saber, além de ser um diferencial na prática do professor porém deve estar associada a uma finalidade e objetivo de ensino para atingir o principal elemento, o aprender.

Esta pesquisa utilizou da música regional como proposta metodológica para estudar o bioma Pantanal, nas práticas de ensino de Geografia em sala de aula. Permite afirmar ser um recurso didático eficaz na construção do conhecimento uma vez que despertou o interesse do aluno pela disciplina sendo perceptível em suas ilações nas aulas teóricas dialogadas suas habilidades e competências referente a abordagem geográfica. Além disso, supriu a carência de recursos didáticos para ensinar a temática

de interesse específico. Assim a análise da música regional como metodologia lúdica foi eficaz no ensino e aprendizagem da Geografia do bioma Pantanal.

A música regional como recurso didático permitiu desenvolver através da leitura e interpretação textual das suas letras, a interação entre o referencial teórico didático e características do bioma Pantanal, associando o que se ensina em sala de aula, com o externo. Dessa forma, abriu vertentes de reflexões a partir do texto da música sobre os aspectos socioambiental, numa perspectiva crítica e denunciadora da realidade socioespacial do bioma Pantanal.

Utilizar a música em sala de aula como recurso didático de ensino e aprendizagem sobre o bioma Pantanal no desenvolvimento desta pesquisa, possibilitou que o aluno reconhecesse um fato geográfico quando esteve diante dele em campo. No espaço de diálogo e debate referente ao estudo do meio bem como nas estratégias de ações práticas a ele inerente foi perceptível o quanto o aluno adquiriu discernimento e soube distinguir um elemento do Bioma Pantanal e seus fatores expressando o gosto por aprender geografia.

O breve ensaio tutorial de sequência didática sugerido neste estudo correlacionando referencial teórico sobre o Bioma Pantanal, a música regional sul-mato-grossense e ações práticas realiza um anseio de contribuir, ainda que de forma muito incipiente no processo de ensino e de aprendizagem da geografia com professores e alunos, principalmente das escolas públicas sobretudo no município de Aquidauana.

Dessa forma pode-se afirmar que a utilização da música, foi, pode ser e sempre será eficaz nas práticas metodológicas do ensino da Geografia. Sua utilização racional e sistemática como metodologia, permitiu, permite e permitirá criar situações em que o aluno sintasse atraído pelas propostas de ensino do professor. A dinâmica de ensino e aprendizagem estabelecida com a utilização desta metodologia possibilita o estudante sentir segurança e liberdade para expor suas impressões sobre temáticas debatidas na aula. A música regional sul mato-grossense que traz em seu bojo alusões ao bioma Pantanal pode ser utilizada como recurso didático pedagógico eficiente no ensino da Geografia sobre esse bioma.

REFERENCIAS

ALVES, F. D. Considerações sobre métodos e técnicas em geografia humana. DIALOGUS, Ribeirão Preto, v.4, n.1, 2008.

Assine, M. L. Sedimentação na Bacia do Pantanal Mato-grossense Centro-Oeste do Brasil. Tese de Livre Docência, Rio Claro UNESP, 2003.

BACARIN, Ligia Maria Bueno Pereira. O movimento de arte-educação e o ensino de arte no Brasil: história e política. 2005. 216f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá

BARBIERI, Antonio Carlos. **GESTÃO ESTATAL VERSUS GESTÃO PRIVADA: O CASO DAS FERROVIAS BRASILEIRAS.** UNESP - Campus de Bauru - Faculdade de Engenharia - Departamento de Engenharia Civil, 2004.

BARBIERI, Antonio Carlos. GESTÃO ESTATAL VERSUS GESTÃO PRIVADA: O CASO DAS FERROVIAS BRASILEIRAS. UNESP - Campus de Bauru - Faculdade de Engenharia - Departamento de Engenharia Civil, 2004.

BASTOS, C. C. Metodologias ativas. 2006. Disponível em: <<http://educacaoemedicina.blogspot.com.br/2006/02/metodologias-ativas.html>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

BENNETT, Roy. Uma breve história da música. Rio de Janeiro: Zahar, 1986 .

BERBEL, Neusi. As metodologias ativas e a promoção da autonomia dos estudantes. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
BRASIL Ministério da Administração e da Reforma de Estado. Plano diretor da reforma do aparelho do estado. Brasília, DF: MARE, 1995.

BRASIL, A. E. e ALVARENGA, S. M. Relevô. IN: Geografia do Brasil – Região Centro Oeste, volume 1. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Geociências. Rio de Janeiro. 1989. p. 53-69.

BRASIL, Lei de nº 11.769/18 de agosto de 2008 - Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11769.htm acesso em : 16 de Fevereiro de 2019.

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de Abril de 1931. Rio de Janeiro, RJ, 1931.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2001

CAMPO GRANDE (MS). Decreto nº 9.937, de 5 de junho de 2000. Cria a Área de Proteção Ambiental denominada Estrada-Parque de Piraputanga, e dá outras providências. **Publicado no Diário Oficial nº 5.279, de 6 de junho de 2000.** O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo inciso VII do art. 89 da Constituição do Estado e o disposto no inciso III do § 1º do art. 225 da Constituição Federal e tendo em vista o que dispõem o art. 8º da Lei Federal nº 6.902, de 27 de abril de 1981 e a Lei Federal 6.938, de 31 de agosto de 1981, alteradas pela Lei nº 7.804, de 18 de julho de 1989 e no Decreto nº 99.274, de 6 de junho de 1990. Disponível em: <
<http://www.imasul.ms.gov.br/legislacao-ambiental/decretos/>> - Acesso em: 16 de Fevereiro de 2019.

CASSETI, Valter. **Ambiente e apropriação do relevo.** São Paulo: Contexto, 1991.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuições de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (Org.). **Educação geográfica: teorias e 1práticas docentes.** São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. Ensino de geografia e diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuições de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. In: CASTELLAR, Sonia (Org.). Educação geográfica: teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. O ensino de geografia na escola. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45 – 47

Cipriano Luckesi. Ludicidade e formação do educador. Revista entreideias: educação, cultura e sociedade. Revista entreideias: educação, cultura e sociedade, Salvador 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato Corrêa; ROSENDAHL, Zeny. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato Corrêa; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 7-11

CORTE ROSANGELA DALLA BIOGEOGRAFIA – UFSM, 2010 disponível em <
http://biogeografia-ufsm.blogspot.com/2010/06/especies-endemicas-nos-biomas_3710.html> acesso em: 21 abr 2019

Diário Oficial da União. Seção 1. 21/08/1961. p. 7602 Disponível em <
<https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:decreto:1961-08-21;51215>>- Acesso em : 23 de Março de 2019.

DIAS, Sheila Grazielle Acosta. A política de ensino para a arte no Brasil: A musicalização na educação infantil e o ensino da música nas séries iniciais do ensino fundamental. 218f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UEM, Maringá, 2010.

ENGEL, G. I. Pesquisa ação. Educar: Editora da UFPR, Curitiba, n. 16, p. 181-191. 2000.

GHIRARDELLO, Nilson. À Beira da Linha, Formações urbanas da Noroeste paulista. São Paulo, Edunesp, 2002.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

GUERRA, Antônio José Teixeira; MARÇAL, M dos S. **Geomorfologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Haetinger, Max G. e Haetinger, Daniela (2011). A aprendizagem Criativa: Educadores motivados para enfrentar os desafios do novo século. Educação a distância, redes de aprendizagem, criatividade e motivação. Rio de Janeiro: WAK

Huizinga, J. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 7.^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Instituto Homem Pantaneiro, 2018. Disponível em:

<http://www.institutohomempantaneiro.org.br/?conteudo=canal&id=99&canal_id=17>-

Acesso em: Acesso em : 23 de Março de 2019.

JARDIM, Vera Lucia Gomes. Da Arte à Educação - A música nas escolas públicas - 1838-1971. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008 Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19122012-143551/publico/vera>. Acesso em: 9 de Março de 2019

KAERCHER, N. A. Práticas geográficas para ler pensar o mundo, converntendersar com o outro e entenderscobrir a si mesmo. . In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 15-34.

KATER, Carlos. Música Viva e H.-J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade. São Paulo: Musa Editora e Através, 2001.

KRASILCHIK, M. Prática de Ensino de Biologia 4. ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2005.

LOPES, Claudivan Sanches; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Estudo do meio: teoria e prática. Geografia. Londrina-PR, v. 18, n. 2, 2009. Disponível em < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/2360/3383>> Acesso em: 15 mar. 2018.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório. 2001. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, MG, 2001. Disponível em: . Acesso em 15/01/2019 .

LUCKESI, Cipriano. Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna. Disponível em: www.luckesi.com.br. Acesso: janeiro. 2019.

Marco Antonio Moreira. Aprendizagem significativa: um conceito subjacente. Revista Meaningful Learning Review – V1(3), pp. 25-46, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATEIRO, Teresa da Assunção Novo. Educação musical nas escolas brasileiras: retrospectiva histórica e tendências pedagógicas atuais. Revista Arte-Online, v.3, mar./ago. 2000.

MORAES GILIOLO, Renato de Sousa Porto. “Civilizando” pela música: a pedagogia do canto orfeônico na escola paulista da Primeira República (1910-1930). 2003.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19122012-143551/publico/renato>. Acesso em: 9 de Março de 2019.

MOREIRA, Ruy. O que é geografia. 7. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986.

MUNHOZ, Wilson Roberto Holgado. Histórias das ferrovias no Brasil. In: Portal Educação, Iniciação Profissional, 2014. Disponível em: < <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/iniciacao-profissional/historia-das-ferrovias-no-brasil/56080>> Acessado em: 20 dez 2018.

NILBYTE, Corporation. Primeira ferrovia do Brasil. Acervo digital, UOL Host, 2017. Disponível em: < <http://guiadepacobaiba.xpg.uol.com.br/ferrovia.htm>> Acessado em: 20 dez 2018

Onélia Carmem Rossetto e Antonio C. P. Brasil Junior. Cultura e desenvolvimento sustentável no pantanal mato-grossense: entre a tradição e a modernidade. Soc. estado.vol.18 no.1-2 Brasília Jan./Dec. 2003

PENNA, Maura. É este o ensino de arte que queremos? Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais Editora Universitária CCHLA PPGE João Pessoa 2001

PENNA, Maura. Música(s) e seu ensino. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEREIRA, Luis Felipe Radicetti. Um movimento na história da educação musical no Brasil: Uma análise da campanha pela lei 11.769/2008. 450f. Dissertação (Mestrado em Música) – UNI-RIO, Rio de Janeiro, 2010.

PINHEIRO, E. A. et. al. O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v.14, n. 23, 2º sem/2004, p. 103-111.

PONTUSCHKA, N. N. Políticas públicas na trajetória do ensino e da formação dos professores: a construção do conhecimento. In: ALBUQUERQUE, M. A. M. de; FERREIRA, J. A. S (Orgs.). Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas curriculares em questão. João Pessoa: Mídia, 2013. p. 433-435

POTT, A. Pastagens no Pantanal. Corumbá: EMBRAPA-CPAP, 1988. 58p. (EMBRAPA-CPAP. Documentos, 7).

RESOLUÇÃO/SED N. 3.398, DE 12 DE JANEIRO DE 2018. Normatiza a atribuição das aulas do Programa: Arte e Cultura na Escola, nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. DIÁRIO OFICIAL n. 9.573 15 de janeiro de 2018. Disponível em <http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-N.-3.398-de-12.01.2018.pdf> Acesso em :13 de Abril de 2019.

RESOLUÇÃO/SED N. 3.401, DE 23 DE JANEIRO DE 2018. Altera o parágrafo 1º do art. 14. da Resolução/SED n. 3.398, de 12 de janeiro de 2018, que normatiza a atribuição das aulas do Programa: Arte e Cultura na Escola, nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. DIÁRIO OFICIAL n. 9.580 24 de janeiro de 2018. Disponível em <http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-N.-3.401-de-23.01.2018.pdf> - Acesso em: 13 de Abril de 2019.

RESOLUÇÃO/SED N. 3.558, DE 23 DE JANEIRO DE 2019. Altera a Resolução SED/MS n. 3.398, de 12 de janeiro de 2018, que normatiza a atribuição das aulas do Programa: Arte e Cultura na Escola, nas escolas da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul, e dá outras providências. DIÁRIO OFICIAL n. 9.828 24 DE JANEIRO DE 2019. Disponível em <http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/01/RESOLU%C3%87%C3%83O-SED-N.-3.558-DE-23-DE-JANEIRO-DE-2019.pdf> - Acesso em: 13 de Abril de 2019.

Sandra Aparecida Santos, Balbina Maria Araújo Soriano, José Aníbal Comastri Filho, Urbano Gomes Pinto de Abreu. Cheia e seca no pantanal: importância do manejo adaptativo das fazendas. ADM - Artigo de Divulgação na Mídia, Embrapa Pantanal, Corumbá, MS, n.120 p.1-3, out. 2007 .

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo, SP: Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, S.A. Caracterização dos recursos forrageiros nativos da subregião da Nhecolândia, Pantanal, Mato-Grosso do Sul, Brasil. Universidade Estadual Paulista, 2001. 190 p. (Tese)

SAVIANI, D. Educação: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1983

SAVIANI, D. História das idéias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUZA, C.A. e CUNHA, S. B. Dinâmica das águas no Pantanal Mato-Grossense Pantanal. Mato-grossense. Revista Ação Ambiental. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – Universidade Federal de Viçosa. Ano VI. No 26 (janeiro/fevereiro de 2004). Viçosa. 2004.

TEXEIRA, C. E. J. A ludicidade na escola. São Paulo: Loyola, 1995.

Tucci Carlos E. M. Recursos hídricos do pantanal Instituto de Pesquisas Hidráulicas – Universidade Federal do Rio Grande do Su, Porto Alegre, 1998.

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido

<p>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Conforme Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 do CNS- MS</p>
--

Você está sendo convidado a participar da pesquisa: a música como metodologia de ensino da geografia do bioma pantanal, tendo como pesquisador: jeilson freitas de souza ezidio, com o seguinte Objetivo: Analisar a música regional como metodologia lúdico eficaz no ensino e aprendizagem da Geografia do bioma Pantanal. Este Termo será assinado pelo participante e pelo pesquisador em duas vias e você ficará com uma delas.

Você pode recusar-se a participar, ou mesmo sair da pesquisa, a qualquer momento sem prejuízo, sanções ou constrangimento. Você não receberá qualquer forma de pagamento para participar, será apenas voluntário(a).

O pesquisador esclarece que caso o participante concorde em participar do estudo, precisará responder um questionário e/ou entrevista.

1. Será preservado o sigilo de todas as informações disponibilizadas, como não revelar o nome do participante ao utilizar os dados do questionário;
2. As informações obtidas na pesquisa serão usadas em apresentações e/ou publicações;
3. Não será divulgada ou cedida a terceiros a informação colhida no material coletado;
4. Declaro que os resultados serão utilizados em outras pesquisas;
5. Em caso de uso de gravação e/ou de imagens o pesquisador declara que a guarda do material é de sua responsabilidade, e que após o período de 5 anos, será descartado;
6. O pesquisador se compromete a não explorar, reproduzir ou usar as informações para qualquer propósito que não seja o específico nos itens anteriores.

O participante está ciente de que qualquer dúvida e/ou reclamação poderá falar com o pesquisador pelo telefone (67) 99977-4985, E-mail: jeilsonezidio@hotmail.com.

Para dúvidas ou denúncia entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS pelo telefone (67) 33457187.

Autorizo uso de imagens e/ou gravação () sim () não

Assinatura do(a) participante.

Assinatura do Pesquisador

Aquidauana, MS em ____/____/____